



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

INGRID MARIE DE MORAES

**SALA DE ARTES VISUAIS:
ORGANIZAÇÃO E USOS NOS ANOS INICIAIS
E NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

Rio de Janeiro
2021

INGRID MARIE DE MORAES

**SALA DE ARTES VISUAIS: ORGANIZAÇÃO E USOS
NOS ANOS INICIAIS E NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Dra. Ana Carolina Rigoni Carmo

Rio de Janeiro

2021

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

M827 Moraes, Ingrid Marie de
Sala de artes visuais: organização e usos nos anos iniciais e no ensino médio integrado / Ingrid Marie de Moraes. - Rio de Janeiro, 2021.

162 f.

Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Ana Carolina Rigoni Carmo.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Anos iniciais do ensino fundamental – Estudo e ensino. 3. Ensino médio integrado. I. Carmo, Ana Carolina Rigoni. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 707.

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.



COLÉGIO PEDRO II

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**



INGRID MARIE DE MORAES

**SALA DE ARTES VISUAIS: ORGANIZAÇÃO E USOS
NOS ANOS INICIAIS E NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 30 de agosto de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Carolina Rigoni Carmo
Colégio Pedro II - ProfEPT
Orientadora

Profa. Dra. Katia Regina Xavier da Silva
Colégio Pedro II - ProfEPT

Profa. Dra. Christiane de Faria Pereira Arcuri
CAp – UERJ - PPGE



COLÉGIO PEDRO II
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



INGRID MARIE DE MORAES

SALA DE ARTES VISUAIS: ORGANIZAÇÃO E USOS
NOS ANOS INICIAIS E NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Produto Educacional apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 30 de agosto de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Carolina Rigoni Carmo
Colégio Pedro II - ProfEPT
Orientadora

Profa. Dra. Katia Regina Xavier da Silva
Colégio Pedro II - ProfEPT

Profa. Dra. Christiane de Faria Pereira Arcuri
CAp - UERJ - PPGE

“Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas.”

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Senhor por haver chegado até aqui.

Aos meus pais, pelos ajustes na rotina do novo normal, sem esse apoio não conseguiria produzir nada para esta pesquisa! A meus demais familiares e amigos por estarem comigo, mesmo à distância.

À minha paciente, paciente, paciente... e carinhosa orientadora. Ana, você não existe! Tinha que ser você.

Aos professores do Departamento de Artes Visuais do Colégio Pedro II, em especial à Coordenadora Geral Carine Cadilho, pela ajuda sempre pronta e disponibilização de informações. A Leandro Souza, por ceder suas fotografias, lindas lembranças do primeiro colegiado do nosso departamento. A todos os colegas que emprestaram seu tempo, vozes e registros fotográficos e fílmicos de suas salas de Artes Visuais. A todos os participantes da pesquisa, embora não nomeados, coautores desta investigação.

À Bianca de Paula e Victoria D'Andrea pelo maravilhoso trabalho de fotografia e filmagem que integrou o produto educacional *Organização Fora da Caixa*.

À minha incrível equipe de Artes Visuais, que se aproximou ainda mais nesses últimos meses: Juliana Zarur e Selma Wainstock. O suporte de vocês foi essencial. À equipe do financeiro do Colégio Pedro II *Campus* Humaitá I, particularmente a Esdras Rabelo. À direção do *Campus*, Ana Paula Giroux Leitão, Marina Alves Novaes e Cruz e Ronaldo Freitas Figueiredo, e a todos os profissionais envolvidos na elaboração do projeto de móveis planejados que muito contribuiu com este trabalho. À minha querida amiga, Andreia Zschoerper, arquiteta que colaborou voluntariamente com o projeto realizando os primeiros desenhos em 3D de nossos móveis.

A Ezequiel Lazzaro, Ana Carolina Sousa e Helena Romero, amigos que me ajudaram em traduções de texto para o espanhol e o inglês. *¡Muchas gracias! Thank you so much!*

Aos colegas da primeira turma do ProfEPT do polo Colégio Pedro II, principalmente à Amanda Pedrosa, e à toda a equipe de professores e técnicos vinculados ao programa, pelo apoio constante, em especial neste momento estranho que vivemos com a pandemia de COVID-19.

A vaca come o pasto que lhe é oferecido.
Porque somos homens, não necessitamos
nos contentar em trazer a crua realidade
das coisas. Transformamos o trigo em
farinha e a farinha em pão.

(Aluizio de Moraes Filho, 2021)

RESUMO

MORAES, Ingrid Marie de. **Sala de Artes Visuais: organização e usos nos Anos Iniciais e no Ensino Médio Integrado.** 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2021.

Nas aulas de Artes Visuais, tanto para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental quanto para o Ensino Médio Integrado, uma modalidade de educação de nível médio que conjuga a formação básica regular com a profissionalizante, a sala de Artes Visuais é elemento condicionante para a construção de saberes. A organização desse espaço, que combina as funções de sala de aula e ateliê, toma parte considerável do trabalho de docentes da área. Apesar disso, não havia estudos desenvolvidos, no âmbito da instituição, que tratassem da organização ou da memória da sala de Artes Visuais. A presente dissertação apresenta uma pesquisa qualitativa na qual procurou-se verificar quais os usos e as práticas organizacionais dessa sala ambiente nos Anos Iniciais e no Ensino Médio Integrado do Colégio Pedro II. Buscando contribuir com a tecitura de uma memória democrática desses espaços e difundir os saberes-fazeres docentes em torno de sua configuração, foi desenvolvido um guia prático que socializa soluções de organização para ateliês de Artes Visuais na Educação Profissional e Tecnológica. Para a formulação do guia, considerou-se a experiência e as expectativas de professores de Artes Visuais atuantes nas duas etapas formativas. A intenção de aproximar as duas realidades é o entendimento de que a sala de Artes Visuais não é garantida em instalações escolares, em especial em instituições públicas, e o fazer artístico muitas vezes inexistente nos últimos anos de formação. Tal recinto, promotor do ato criativo e da fruição democrática de produções humanas, mereceria particular atenção no Ensino Médio Integrado.

Palavras-Chave: Ensino de Artes Visuais; Ensino Médio Integrado; Anos Iniciais; Sala de Artes Visuais.

ABSTRACT

MORAES, Ingrid Marie de. **Visual Arts Room**: organization and uses in Elementary School and Technical Education in High School. 2021. Dissertation (Master's Degree in Educação Profissional e Tecnológica) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2021.

In Visual Arts classes, for both Elementary School and *Ensino Médio Integrado*, a modality of High School that combines regular education with career and technical education, the Visual Arts room is a fundamental element for the knowledge construction. This space's organization, which combines classroom and studio, consumes a considerable part of the teachers' work in the area. Nevertheless there were no studies developed within the scope of the institution that dealt with the organization or the memory of Visual Arts room. This dissertation presents a qualitative research in which we tried to verify the uses and organizational practices of this room in the Elementary School and the *Ensino Médio Integrado* of *Colégio Pedro II*. Seeking to contribute to the building up of a democratic memory of these spaces and to the know-how spread around their configuration, a practical guide was developed that socializes organizational solutions for Visual Arts studios in Technological Education. To formulate the guide, the experience and expectations of Visual Arts's teachers working in the two educational levels were considered. The intention of bringing the two realities together is the understanding that the Visual Arts room is not guaranteed in school facilities, especially in public institutions, and art making often does not exist in the last years of school education. Visual Arts room, which promotes creative work and the democratic fruition of human productions, deserve particular attention in Technical Education offered by High School.

Keywords: Visual Arts Teaching; Technical Education in High School; Elementary School; Visual Arts Room.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Aula de Artes Visuais, 5º ano do Ensino Fundamental, Campus Humaitá I	20
Figura 2: Sala de Artes Visuais do Campus Humaitá I.....	21
Figura 3: Ateliê de Artes Visuais, CREIR.....	23
Figura 4: Sala de Artes Visuais, Turma DS104, 1º ano do Médio Integrado em Desenvolvimento de Sistemas, Campus Duque de Caxias.	23
Figura 5: Primeiro Colegiado do Departamento de Artes Visuais do CPII.....	28
Figura 6: Meme “ceci n’est pas une école”	32
Figura 7: Resposta de Olívia (ENI) à pergunta “Como deveria ser a sua sala?”	74
Figura 8: Resposta de Carmim (HI) à pergunta “Como deveria ser a sua sala?”	74
Figura 9: Nuvem de palavras - Características estruturais das SALAS DE ARTES VISUAIS REAIS (amostra A).....	81
Figura 10: Nuvem de palavras - Características estruturais da SALA DE ARTES VISUAIS IDEAL (amostra A)	82
Figura 11: Nuvem de palavras - O que deve haver na sala ideal (amostra A).....	88
Figura 12: Nuvem de palavras - O que há na sala real (amostra A).....	88
Figura 13: Resposta de Eve (ENII) à pergunta “Como deveria ser a sua sala?”	108
Figura 14: Dora (TII) à pergunta “Como deveria ser a sua sala?”	110
Figura 15: Nuvem de palavras - Características estruturais das SALAS DE ARTES VISUAIS REAIS (amostra B).....	115
Figura 16: Nuvem de palavras - Características estruturais da SALA DE ARTES VISUAIS IDEAL (amostra B)	117

Figura 17: Nuvem de palavras - O que há na sala real (amostra B)	121
Figura 18: Nuvem de palavras - O que deve haver na sala ideal (amostra B)	121
Figura 19: Organizadores feitos a partir de garrafas de plásticas (de amaciante ou água sanitária).....	129
Figura 20: Detalhe de janela, sala do Setor de Orientação Educacional e Pedagógica do CPEI <i>Campus</i> Humaitá II.....	130
Figura 21: Aplicação de faixa horizontal de cortiça em parede, CPEI, <i>Campus</i> Humaitá I	131
Figura 22: Capa e contracapa de “Organização fora da caixa”	138
Figura 23: Exemplos de páginas de “Organização fora da Caixa” que contém códigos QR e links.....	138
Figura 24: Exemplo de pincodes presente no guia	139
Figura 25: Exemplo de página de “Organização fora da Caixa” com ilustração de móvel planejado e pincodes de acesso a soluções de baixo custo para móveis retráteis ..	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Campo de estudo, população e amostras.	52
Quadro 2: Categorias de análise para classificação de perguntas.....	57
Quadro 3: Categorias flutuantes.....	58
Quadro 4: Mapa de perfil docente (amostra A).....	60
Quadro 5: Maior grau de formação (amostra A).....	61
Quadro 6: Compilação de respostas à pergunta “Quais séries atende?”	62
Quadro 7: Quantitativo de turmas de Anos Iniciais, dados de 2019.	63
Quadro 8: Motivações para o uso frequente da sala de Artes Visuais (amostra A)	64
Quadro 9: Frequência de organização da sala (amostra A)	67
Quadro 10: Frequência de organização da sala (amostra A)	69
Quadro 11: Respondentes familiarizadas com o histórico da sala de Artes Visuais de seu campus (amostra A), porcentagem.....	76
Quadro 12: Grau de satisfação com a sala de Artes Visuais (amostra A)	79
Quadro: 13: O que há na sala de Artes Visuais (amostra A)	85
Quadro 14: O que deve haver na sala de Artes Visuais (amostra A)	86
Quadro 15: Problemas vivenciados nas salas de Artes Visuais de Anos Iniciais (amostra A).....	89
Quadro 16: Problemas da sala e soluções encontradas (amostra A).....	90
Quadro 17: Resumo de categorias de problemas mencionadas por campus (amostra A).....	92
Quadro 18: Mapa de perfil docente (amostra B)	95
Quadro 19: Maior grau de formação (amostra B).....	96
Quadro 20: Quantitativo de turmas com aulas de Artes Visuais nos campi que atendem ao EMI (amostra B), dados de 2021, ano letivo de 2020.	98
Quadro 21: Motivações para a regularidade de uso da sala de Artes Visuais (amostra B)	99
Quadro 22: Frequência de organização da sala (amostra B)	102
Quadro 23: Frequência e tempo empreendido na organização da sala (amostra B)	

.....	104
Quadro 24: Respondentes familiarizados com o histórico da sala de Artes Visuais de seu campus (amostra B), porcentagem	111
Quadro 25: Grau de satisfação com a sala de Artes Visuais (amostra B)	114
Quadro 26: Médias ponderadas do grau de satisfação com a sala de Artes Visuais (amostras A e B)	114
Quadro 27: O que há na sala de Artes Visuais (amostra B)	119
Quadro 28: O que deve haver na sala de Artes Visuais (amostra B)	120
Quadro 29: Problemas vivenciados nas salas de Artes Visuais de Ensino Médio Integrado (amostra B)	123
Quadro 30: Problemas da sala e soluções encontradas (amostra B)	125
Quadro 31: Resumo de categorias de problemas mencionadas por campus (amostra B)	126
Quadro 32: Sugestões de participantes da pesquisa para o produto educacional..	137
Quadro 33: Como você avalia o produto educacional desenvolvido? (amostras A e B)	139
Quadro 34: Você acredita que este guia pode auxiliar professores a encontrarem soluções a serem aplicadas na prática organizacional da sala utilizada pela disciplina Artes Visuais?	140

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAP – Coordenador Administrativo Pedagógico

CAPES/MEC – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, vinculada ao Ministério da Educação

CEDOM – Centro de Documentação e Memória do Colégio Pedro II

CENOTEC – Laboratório Estudos Cenográficos e Tecnologias da Cena da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

CPII – Colégio Pedro II

CREIR – Centro de Referência de Educação Infantil de Realengo, vinculado ao Colégio Pedro II

DAV – Departamento de Artes Visuais, vinculado ao Colégio Pedro II

DDAV – antigo Departamento de Desenho e Artes Visuais do Colégio Pedro II, hoje, cada área de conhecimento possui um departamento autônomo

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

FAHUPE – Faculdade de Humanidades Pedro II

PPPI – Projeto Político Pedagógico Institucional, realizado pelo Colégio Pedro II

NUDOM – Núcleo de Memória e Pesquisa do Colégio Pedro II

PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2 REFERENCIAIS TEÓRICOS	31
2.1 Arte e dualismo estrutural na educação	34
2.2 Saberes e fazeres na arte	36
2.3 Saberes e fazeres no ensino de arte	39
2.4 De Trabalhos Manuais a Artes Visuais: o ensino de arte no CPII	44
3 METODOLOGIA	52
3.1 Caracterização do campo de estudo, população e amostras	52
3.2 Amostras/participantes	53
3.3 Instrumentos de geração de dados	54
3.4 Descrição de etapas da pesquisa	55
4 ANÁLISE DOS DADOS	56
4.1 Amostra A: Professores de Artes Visuais do CPII atuantes nos Anos Iniciais ..	59
4.1.1 Perfil Docente (amostra A)	59
4.1.2 O espaço da sala de Artes Visuais nos Anos Iniciais	63
4.2 Amostra B: Professores de Artes Visuais do CPII atuantes no Ensino Médio Integrado	93
4.2.1 Perfil Docente (amostra B)	93
4.2.2 O espaço da sala de Artes Visuais no Ensino Médio Integrado	97
4.3 Problemas e soluções em destaque	127
5 PRODUTO EDUCACIONAL: ORGANIZAÇÃO FORA DA CAIXA	135
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS	144
APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (DOCENTES)	151
APÊNDICE B TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (SERVIDORES)	152

APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO PARA DOCENTES DE ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	153
APÊNDICE D QUESTIONÁRIO PARA DOCENTES DE ENSINO MÉDIO INTEGRADO	157
APÊNDICE E ROTEIRO DE ENTREVISTA COM SERVIDORES QUE DETÉM INFORMAÇÕES SOBRE O HISTÓRICO DE SALA DE ARTES NO CPII.....	161
APÊNDICE F: QUESTIONÁRIO AVALIATIVO DO PRODUTO EDUCACIONAL CONFECCIONADO	162

1. INTRODUÇÃO

Sou professora de Artes Visuais, atuante nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e enveredei, por meio da pesquisa, curiosa e insolitamente pelo território da Educação Profissional. Para mim, a porta de passagem rumo a esse novo domínio foi o lugar com o qual estou mais habituada em minha docência e do qual, no presente momento, sinto muitas saudades: a sala de Artes Visuais.

Na instituição onde leciono, o Colégio Pedro II (CPII), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia situado no Estado do Rio de Janeiro que atende desde a Educação Infantil à Pós-Graduação, há salas de Artes Visuais nos seus 14 *campi* e no Centro de Referência de Educação Infantil.

Esse recinto de aprendizagem, cuja presença não é garantida em qualquer espaço educativo, é primordial para o desenvolvimento de propostas didáticas que permitam produção plástica, reflexão e análise crítica em torno de temas artísticos e culturais. Pode ser um desafio gerir e organizar um ambiente como esse, capaz de combinar as características de ateliê¹ e sala de aula regular.

Tenho em vista que, ao contrário do caso do CPII onde há contato entre docentes de Artes Visuais de diferentes segmentos e modalidades de ensino, nos diversos Institutos Federais existentes no Brasil pode haver professores de Artes Visuais completamente isolados, sem pares de área, atendendo à Educação Profissional e Tecnológica, em um contexto talvez inóspito à formação artística, buscando estratégias para melhor adequar seu ambiente a práticas de ensino pela Arte. O encontro dessa demanda com as demandas triviais de minha prática docente indicou para mim a possibilidade de a sala de Artes Visuais, seus usos e organização, ser meu objeto de investigação.

Professora do CPII desde 2013, primeiro contratada e hoje efetiva, além de ex-aluna, tenho passagem pelos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e pelo Ensino Médio Regular na instituição, como discente e docente. Não possuo experiência como regente na Educação Profissional, apesar de a modalidade ser ofertada no CPII. Ao dedicar-me à educação pelo trabalho, como mestranda, me pus a questionar qual seria o lugar do ensino de Artes Visuais em um campo comumente associado ao tecnicismo.

É importante dizer que a Educação Profissional e Tecnológica é ofertada por

¹ *Ateliê*: local de produção artística individual ou coletiva, normalmente o vocábulo diz respeito ao recinto onde um ou mais artistas trabalham.

instituições especializadas, públicas e privadas, por meio de cursos livres, de formação inicial e continuada, ou de forma articulada ao ensino regular em diferentes níveis escolaridade – do ensino fundamental à pós-graduação. Entre as possibilidades de educação profissional existentes para educação básica, podemos citar o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) e o Ensino Médio Integrado. A atual Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (1996) reconhece também como educação profissional aquela que é desenvolvida no próprio ambiente de trabalho, sendo possível avaliar e certificar os conhecimentos nela adquiridos “para prosseguimento ou conclusão de estudos” (artigo 41, redação dada pela Lei nº 11.741 de 2008).

Por atuar na Educação Básica em um Instituto Federal, interessou-me debruçar-me sobre o nível médio de formação profissional desenvolvido de forma integrada à formação regular: o Ensino Médio Integrado. A grade curricular de cursos de Ensino Médio Integrado, que podem possuir diversas habilitações, contempla disciplinas de cunho propedêutico, comuns ao Ensino Médio Regular, e disciplinas técnicas específicas. Necessariamente, nos currículos de habilitações pertencentes ou não ao campo da arte, devem constar conteúdos e práticas de ao menos uma das linguagens artísticas – Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Sendo eu professora graduada em uma única linguagem, me apliquei a pensar as relações entre a educação para o trabalho e minha área de formação, as Artes Visuais.

Qual seria, então, o lugar do ensino de Artes Visuais na Educação Profissional? A resposta a essa pergunta poderia ser dada, sem titubear, por um de meus pequenos alunos: “O lugar do ensino de Artes é a sala de Artes!” O ateliê é elemento central de nossa prática pedagógica. Sim, essa localidade física também é um espaço simbólico que aponta para o lugar de importância da nossa disciplina. É nela que o estudante se conecta com aquilo realiza plasticamente e com aquilo que outros realizam ou já realizaram. Uma sala ambiente que possua o mínimo de estrutura garantindo experiências estéticas (DEWEY, 2010) com a prática artística não pode ser considerada um elemento prescindível, como vem sendo, nas instalações de espaços de ensino, seja para a criança, o adolescente, o jovem, o adulto, o discente de formação regular ou profissionalizante. A sala de Artes é nosso lugar de ensino, físico e simbólico, portanto, é extremamente necessária.

Paralelamente ao período em que iniciava o curso de mestrado e fazia minhas

primeiras indagações, entre 2018 e 2019, fui coordenadora de Artes Visuais no *Campus* Humaitá I² do CPII – espaço voltado para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A essa época, a pedido da direção local, várias equipes do meu *campus*, entre as quais a de Artes Visuais, realizaram um projeto para remobiliar suas respectivas salas ambientes. O prédio, reinaugurado em 2017, dispõe de instalações novas. Contudo, parte dos móveis da sala de Artes Visuais era da década de 1990, reaproveitados da antiga sala presente no complexo arquitetônico já demolido, sito no mesmo endereço. Detectou-se a presença de cupins em alguns desses móveis e concluiu-se que, mesmo contendo a infestação por meio de descupinização, seria ideal haver o descarte e a substituição desses itens para eliminação definitiva do foco da praga.

Figura 1: Aula de Artes Visuais, 5º ano do Ensino Fundamental, *Campus* Humaitá I



Fonte: Julliana Zarur, 2019.

A essa demanda somou-se outra, adequar o ambiente às necessidades da atual clientela e da atual equipe pedagógica, possivelmente necessidades diferentes, em alguma medida, das de anos atrás. Por exemplo, houve transformações evidentes

² Quando um bairro possui mais de um *campus* do CPII, cada *campus* da região é numerado segundo a etapa de ensino que atende. É o caso do Engenho Novo (*campi* I e II), Humaitá (*campi* I e II), Realengo (*campi* I e II), São Cristóvão (*campi* I, II e III) e Tijuca (*campi* I e II). Os *campi* I são assim numerados porque voltam-se para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os *campi* II são assim numerados porque voltam-se para as etapas subsequentes, os Anos Finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. No caso de São Cristóvão, há um *campus* III, assim numerado por voltar-se exclusivamente para o Ensino Médio.

no equipamento de áudio visual utilizado entre as décadas de 1990, quando frequentei o *campus* como aluna, e 2010, quando retornei ao *campus* como professora. Incluiu-se computador e aparelho televisor na sala, instalação de rede de internet cabeada, adquiriu-se *datashow* e tela de projeção. Alguns suportes de informação antes utilizados tornaram-se obsoletos, como vídeo cassetes, transparências e DVDs. Passou-se a combinar o uso de imagens em suportes físicos, como visuais em papel e livros, à reprodução digital em telas. Com isso, itens foram descartados, ferramentas renovadas e adaptadas estratégias de armazenamento de material didático para leitura de imagens.

Como coordenadora, posso dizer que embora a função da sala siga sendo essencialmente a mesma da de décadas atrás – é um ateliê coletivo de Artes Visuais para estudantes – estratégias de organização para esse espaço estão em revisão permanente, visto que dependem dos combinados, dos interesses, do repertório cultural e das técnicas artístico visuais adotadas pelos usuários da sala, discentes e docentes. O local, que recebeu novos móveis em madeira em 2020 e em inox em 2021, está mais humanizado³ e poderá melhor servir aos usos específicos de sala de Artes Visuais quando retomarmos o ensino presencial.

Figura 2: Sala de Artes Visuais do Campus Humaitá I



Fonte: A autora, 2019.

³ Os termos “humanizado” e “humanização” são frequentemente utilizados em arquitetura, em especial na arquitetura hospitalar e de espaços corporativos. Referem-se à qualidade e adequação do espaço construído àqueles que dele se utilizam. Um espaço humanizado, nesse sentido, não é apenas funcional. Tendo como prioridade o fator humano, necessita ser confortável, acolhedor e familiar influenciando no bem-estar físico e mental dos usuários.

Embora haja salas de Artes em todos os *campi* do CPII⁴, que atendem a diferentes segmentos e modalidades de ensino, o último *Projeto Político Pedagógico Institucional* (COLÉGIO PEDRO II, 2017) publicado na escola faz uma breve menção a elas referindo-se a espaços específicos para o trabalho de componentes curriculares de dois tempos semanais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:

Artes Visuais, Educação Física, Educação Musical e Literatura são componentes curriculares trabalhados em dois tempos semanais, em espaços específicos: sala de Artes, sala de Música, sala de Literatura, quadra esportiva e, em alguns campi, piscina e sala de psicomotricidade. (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p. 83).

O documento também elenca, em vinte e quatro páginas, uma série de espaços de aprendizagem, descrevendo seus objetivos, atividades inerentes e o histórico de alguns deles (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p.39-63). No entanto, nessa listagem, não constam salas de Artes ou de Música, locais que, por sua particularidade, anos de existência e importância, deveriam figurar junto aos diversos laboratórios de outras áreas de conhecimento, midatecas, bibliotecas e até ateliê interdisciplinar referidos. Quando o ensino de Arte, em suas linguagens musical e artístico visual, não se limita à apreciação ou conhecimento histórico, mas volta-se, também, para a criação artística, a existência de instalações, equipamento e material que permitam tal experiência torna-se imprescindível.

A presença de tais recintos nas instalações de todos os *campi* da instituição indica que há reconhecimento da necessidade de salas ambiente específicas para esse saber na escola. Talvez esse seja um diferencial do colégio em relação a muitos outros espaços de ensino. Contudo, não mencionar a presença de salas de Artes no documento que orienta suas políticas pedagógicas em atividades dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio Regular e Integrado termina por não dar visibilidade à abrangência de um trabalho já consolidado no CPII. Precisamos documentar o espaço físico onde ocorrem as aulas de Artes Visuais a fim de difundir o lugar de importância que conferimos à prática artística ao longo de toda a formação básica.

⁴ Tal informação se deve à minha vivência institucional e foi confirmada por dados obtidos por meio da aplicação de questionários nesta pesquisa.

Figura 3: Ateliê de Artes Visuais, CREIR.



Fonte: COLÉGIO PEDRO II (2020).

Figura 4: Sala de Artes Visuais, Turma DS104, 1º ano do Médio Integrado em Desenvolvimento de Sistemas, Campus Duque de Caxias.



Fonte: Janaína Laport Beta, 2019

Em contato com referenciais teóricos de Educação Profissional e Tecnológica (ARAÚJO; BARATO; FRIGOTTO; NOSELLA; RAMOS; SAVIANI), pude constatar que as Artes Visuais podem contribuir significativamente com essa modalidade de ensino sob a perspectiva da omnilateralidade (MARX, 1982; SOUSA JUNIOR, 2008; ARAÚJO e FRIGOTTO, 2015), que pressupõe a formação integral e não mecanicista de

sujeitos, e do trabalho como princípio educativo (SAVIANI, GRAMSCI). Associa a essas noções o entendimento de arte como experiência (DEWEY). A dualidade entre saber e fazer, sustentada pelo senso comum, parece ser um equívoco persistente na educação brasileira que afeta tanto a formação profissional quanto o ensino de Artes Visuais e das demais linguagens artísticas. Se o entendimento dual tende a limitar a proposta de Ensino Técnico a uma aquisição de competências alijada de compreensão crítica, tende a fazer o mesmo com as linguagens artísticas. Caso as pressões provocadas por esse entendimento equivocado não sejam fortes o bastante para conformarem propostas pedagógicas de Ensino Técnico e de Artes Visuais em um dado contexto, ainda assim têm capacidade suficiente para, ao menos, desvalorizar os dois campos relegando a eles o rótulo de manualidade e desprovidimento de conteúdo científico relevante.

A ausência de referências, no PPPI (COLÉGIO PEDRO II, 2017) já citado, desse espaço específico de aprendizagem nos últimos anos de formação escolar conduz a algumas indagações. Estaria a sala de Artes valorativamente confinada à dimensão prática e por isso a sua documentação político-pedagógica fora limitada aos primeiros anos de formação? Seria necessário difundir à instituição que a disciplina também é respaldada por embasamentos teóricos? Haveria maior preocupação com as condições estético-didáticas do espaço-ambiente nos Anos Iniciais em comparação aos demais segmentos de ensino? Não seria importante refletir sobre quais os usos do ambiente reservado para o ensino de Artes Visuais no CPIL e sobre quais as suas condições na Educação Profissional e Tecnológica? Que diferenças há entre os usos e a organização do espaço-ambiente no Ensino Médio Integrado e nos Anos Iniciais nas aulas de Artes Visuais? Poderiam práticas de ensino pela Arte nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ancoradas na ideia da arte como experiência – práticas coletivas, que se fazem na relação não alienada do aluno com as suas próprias produções, com o outro e com a sua realidade – contribuir com propostas de ensino pela arte na Educação Profissional e Tecnológica?

Tais indagações conduziram ao problema de pesquisa: como tornar o espaço-ambiente de aprendizagem mais adequado ao ensino de Artes Visuais, numa perspectiva integradora do fazer e do pensar, no Ensino Médio Integrado a partir de trocas com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Adotar uma perspectiva integradora do fazer e do pensar para as dinâmicas da sala de Artes Visuais é buscar romper com outra perspectiva, desagregadora, dual,

imposta pelos valores da sociedade capitalista entremeados em nossa cultura pedagógica. Aquela que preconiza o individualismo e que, fazendo eco à divisão social do trabalho, distancia trabalho manual e intelectual. Um ensino de Artes Visuais desagregador poderá basear-se em uma prática atelierista alienada, que promova tanto um fazer pelo fazer quanto um formalismo técnico vazio, descontextualizado ou monocultural, sem a promoção de debate, sem o autorreconhecimento do aluno no mundo e o reconhecimento do outro. Também poderá basear-se em conteúdos teóricos, do campo da História da Arte ou áreas afins, distanciados de qualquer prática artística ou reflexão crítica que situem o ser humano em seu contexto social. Em um ensino de Artes Visuais integrador do fazer e do pensar levar-se-á em conta as múltiplas dimensões do ser social: sensível, afetiva, moral, física, intelectual, cultural, estética, social. Nele importará mais a abertura para o saber, que pode se fazer na leitura de imagens, em sua contextualização e na experimentação e criação artísticas (BARBOSA, 2005, 2007), que o domínio de um conhecimento técnico ou teórico em si.

Trabalho com a hipótese de que estudar os usos e a organização das salas que servem às aulas de Artes Visuais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio Integrado no CPII pode ser útil para tornar acessíveis sugestões de soluções de adequação do recinto a outros espaços de ensino voltados para a Educação Profissional e Tecnológica.

Com base em questionários aplicados a professores de Artes Visuais dos Anos Iniciais e do Ensino Médio Integrado do CPII, na observação de fotos das salas ambiente existentes na instituição para a disciplina e no levantamento bibliográfico sobre a história da instituição, tenho como objetivo geral da presente investigação analisar o espaço físico que serve às aulas de Artes Visuais e as necessidades daqueles que dele se utilizam. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e de um estudo de caso, de natureza exploratória e descritiva.

Determinei, ainda, como objetivos específicos:

- I. Investigar qual o histórico das salas reservadas para as aulas de Artes Visuais no CPII.
- II. Verificar quais os usos desse espaço, como se dá sua organização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio Integrado.

- III. Identificar quais as dificuldades relativas à organização e usos do espaço enfrentadas pelos docentes da área.
- IV. Realizar diagnóstico dos ambientes considerando: condições estruturais, dimensões do ambiente, funcionamento de ponto d'água, iluminação, umidade, qualidade e adequação de móveis etc.
- V. Comparar os usos e a organização desses espaços nos dois segmentos de ensino analisados relacionando-os às demandas por segmento de escolaridade e modalidade de ensino.
- VI. Elaborar um guia de orientações para salas de Artes, produto educacional que socialize tanto dificuldades enfrentadas quanto estratégias de adequação e organização desse recinto específico de aprendizagem de forma aplicável ao Ensino Médio Integrado.

Consultando o Espiral – portal de publicações do CPII –, o portal de periódicos da CAPES/MEC, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Google Acadêmico e o acervo disponível no Núcleo de Memória e Pesquisa do CPII (NUDOM), foi realizando um primeiro levantamento bibliográfico a partir do qual foi possível verificar que há pesquisas dedicadas ao ensino de Artes Visuais no CPII, produzidas, principalmente, por professores com passagem pela instituição. A esse levantamento somei outro, uma listagem de teses e dissertações realizadas por docentes de Artes Visuais do CPII, esforço empreendido por Wilson Cardoso Junior⁵. Contudo, até o momento, não foram encontrados, nas bases consultadas, estudos dedicados aos usos da sala ambiente voltada para o ensino dessa disciplina no colégio, não obstante o saber artístico, segundo o currículo institucional para todos os segmentos de ensino no CPII, ser desvinculável de uma prática de ateliê. Essa pesquisa é necessária para suprir tal falta.

Também não foram localizados, nas mesmas bases, trabalhos dedicados a Artes Visuais no Ensino Técnico da instituição. As referências são escassas para o

⁵ Wilson Cardoso Junior foi professor de Artes Visuais do Colégio Pedro II de 1992 a 2010 e atuou, durante um período, como Chefe do Departamento de Desenho e Artes Visuais (DDAV) na instituição. Atualmente é professor-adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 16 de maio de 2017, Cardoso Junior enviou um e-mail a docentes do CPII pertencentes ao DDAV, autores de trabalhos que tiveram como objeto de pesquisa as práticas e concepções educativas relativas a essa disciplina escolar no âmbito do CPII e/ou o Ensino de Artes Visuais do CPII como campo de investigação para outros objetos de pesquisa. Nesse documento, listou as pesquisas, por ele mapeadas, que se enquadravam dentro desses dois quesitos e haviam sido realizadas por docentes do DDAV. Sua intenção, que não chegou a concretizar-se, era realizar junto à Revista Contemporânea de Educação - publicação eletrônica da Faculdade de Educação da UFRJ (ver em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce>) - um Dossiê sobre o Ensino de Artes Visuais do CPII.

Ensino Técnico do CPII como um todo. Além da ausência de estudos, a falta de familiaridade com essa categoria de ensino, em um espaço de tradição humanista, é compartilhada por servidores da casa. No âmbito do Departamento de Artes Visuais (DAV) do colégio, tampouco as discussões em torno da modalidade são aprofundadas⁶. Diante da necessidade de revisão do PPPI – que perdeu a vigência em 2020 –, há interesse em cobrir a lacuna existente no DAV acerca da Educação Profissional e Tecnológica a partir da fomentação de debates e realização de estudos.

As Artes Visuais podem ser um campo fértil para se pensar a Educação Profissional e Tecnológica à luz do ensino integrado, proposta pedagógica “que se compromete com a utopia de uma formação humana inteira” (ARAÚJO, FRIGOTTO, 2015, p. 61), promotora de amplo desenvolvimento físico e intelectual de seus alunos. Para a disciplina Artes Visuais, a sala de Artes pode ser, justamente, o espaço onde saber e fazer operam simbioticamente. No ateliê, a familiarização com diferentes técnicas, domínio de instrumentos básicos e a manipulação de materiais diversos permitem ao aluno desfrutar de uma experiência estética (DEWEY) ativa que, equaciona fruição e criação. O aluno – autor – em um ambiente coletivo expõe-se ao debate semântico de múltiplas obras: as suas, as de seus colegas, de diferentes artistas, de diversas nacionalidades, tempos e contextos sociais. A esse debate, conteúdos como o da Cultura Visual, História da Arte e Linguagem Visual, podem se somar e tensionar. A leitura e análise de imagens e o desenvolvimento de mecanismos para criação de imagens poderão ser praticados. Os repertórios artísticos que já possuem os estudantes poderão ser valorizados, compartilhados e expandidos. É preciso ter em vista que os alunos de Ensino Médio Integrado dos diversos Institutos Federais existentes, dependendo dos espaços de formação de onde sejam egressos, podem não possuir experiência anterior com o ensino de arte nesses moldes, esse é o caso da maioria do alunado da modalidade no CPII. A sala de Artes Visuais, nesse sentido, merece atenção e deve ser objeto de estudos no campo da educação pelo trabalho preconizando uma escola democrática e emancipatória.

⁶ É importante dizer que o DAV é um departamento da instituição antes vinculado ao Departamento de Desenho – disciplina com ênfase no desenho geométrico. O DAV tornou-se autônomo em 2018.

Figura 5: Primeiro Colegiado do Departamento de Artes Visuais do CPII



Autor: Leandro Souza, 2018.

Trata-se de uma sala multifuncional cujos móveis são frequentemente realocados segundo as propostas do dia. Onde são realizados trabalhos artísticos de diferentes técnicas possuindo, por tanto, estoque de materiais e acervo rotativos de trabalhos. Que comporta, também, acervo de imagens físico e digital e acervo de livros para consulta para alunos e professores. Nela, trabalhos, imagens e obras podem ser expostos. É ocupada, de forma recorrente, por móveis coletivos e não por carteiras individuais. As aulas nela realizadas dependem de boa iluminação, existência de ponto d'água e algum equipamento para reprodução áudio visual. Além de sala de aula, a sala de Artes é, primeiro, ateliê coletivo e, ainda, midiateca, reserva técnica e galeria. E o docente, que planeja as ações para esse espaço, é um gerenciador que se esforça para que os discentes usufruam com autonomia, cuidado, responsabilidade e liberdade dos recursos nele disponíveis.

Percebendo a importância que adquire a sala de Artes nos Anos Iniciais do CPII, segmento que realiza, sem exceção, todas as aulas da disciplina nesse ambiente, entendemos que considerar seus usos e organização neste segmento pode trazer contribuições para o Ensino Médio Integrado visto que o mesmo não ocorre na totalidade dos *campi* que atendem ao Ensino Médio Integrado na instituição. Circunstâncias como grade horária, apropriação do espaço para outros fins e condições estruturais inadequadas são fatores limitadores para o seu uso mais frequente.

Fomentar intercâmbios de práticas entre modalidades e segmentos de ensino diferentes dentro do colégio se alinha à Política de Interação entre os Segmentos de Ensino (2019), publicada pela instituição. De maneira mais ampla, realizar uma pesquisa que permita tal troca no único Instituto Federal que possui desde a Educação Infantil à Pós-Graduação e disponibilizar o resultado dessa experiência à rede pode beneficiá-la.

Reconhecendo a escassa documentação da prática em ateliê no CPIL entendo que, como docente de Artes Visuais da instituição, tenho a responsabilidade de contribuir com a composição de uma memória democrática da sala ambiente que permite tal prática. Quando o professor faz da sala de Artes Visuais seu objeto de estudo, além de dar a ela visibilidade, demonstra um compromisso pedagógico em torná-la um lugar mais favorável à aprendizagem. Esse empenho pode facilitar seu trabalho cotidiano abrindo caminho para melhoria das condições espaciais e para inovações na sua prática pedagógica. Sendo de proveito para o ensino no CPIL garantir continuidade de existência, expansão e aprimoramento de ambientes específicos de aprendizagem, em especial para os anos finais de formação e para o Ensino Técnico, esses recintos devem receber maior visibilidade institucional por meio de orientações, reflexões e estudos ensejados pela escola que deles faz uso.

Adotando a perspectiva de indissociabilidade entre saberes e fazeres fundada na ideia de arte como experiência (DEWEY) e de trabalho como princípio educativo (SAVIANI) aponto para a importância do ateliê no Ensino Médio Integrado. Assumir esse entendimento implica tensionar com o dualismo estrutural prevalente, que escalona disciplinas da mente e do corpo, na matriz curricular das escolas.

Com isso em vista, apresento, no primeiro capítulo, pressupostos de Le Goff para a defesa da democratização da memória deste recinto na instituição. Indico que estratégias foram estabelecidas, por meio desta investigação, para contribuir com essa tecitura. No item *Arte e dualismo estrutural na educação* discorro sobre a histórica dicotomização entre educação e trabalho que encontra paralelos e atravessamentos nas relações entre ensino regular e ensino profissional, ciência e trabalho, inteligência e obra, mente e corpo. No item seguinte, *Saberes e fazeres na arte*, delinheiro alguns dos contornos específicos que assume essa dualidade no campo artístico. Já em *Saberes e fazeres no ensino de arte*, circunscrevo a mesma relação dual e o desejo de sua superação com e no ensino de arte. Concluo o capítulo explanando um breve panorama da trajetória do ensino de arte no CPIL, percurso

marcado, em suas idas e vindas, pela mesma dualidade.

No segundo capítulo, aclaro a metodologia adotada para esta pesquisa. No terceiro capítulo, exponho resultados de análise dos questionários aplicados e no capítulo posterior, apresento o produto educacional que esta análise permitiu compor: *Organização fora da caixa: um guia prático para ateliês de Artes Visuais na EPT*. Por fim, faço minhas considerações finais.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS

Segundo Jacques Le Goff (1990, p. 366)

a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Portanto, para o autor, essa primeira noção de memória, compartilhada amplamente, pressupõe como qualidades mnemônicas a dinâmica e a reversibilidade. Le Goff (1990) afirma que teorias pertencentes ao campo da Psicologia bem como o da Biologia também tendem reconhecer a plasticidade da memória, resultado de sistemas dinâmicos de organização de informações, dados passíveis de reordenações e releituras. Tal qual a memória psíquica, centrada no indivíduo, a memória social, de abrangência coletiva, defende Le Goff, é maleável.

É importante salientar que a memória social, ou coletiva, além de corresponder a uma conquista de longos anos empreendida pelo acúmulo de conhecimento de grupos humanos, é, também, “instrumento e objeto de poder” (LE GOFF, 1990, p. 410). Ser senhor da memória coletiva, nesse sentido, diz respeito ao anseio de organizações ou indivíduos detentores de algum tipo influência em sociedades históricas. Esquecimentos nessas sociedades revelariam, por esse motivo, mecanismos de manipulação da memória. Desse modo, o tecido mnemônico mereceria constantemente revisitas e revisões. Este seria justamente o papel de profissionais científicos da memória para Le Goff: tendo como princípio a objetividade científica, lutar pela democratização da memória social.

Adotando tal perspectiva, entendo que o esquecimento acerca da memória de sala de Artes Visuais no espaço escolar, ambiente que é objeto desta pesquisa, tem relação com atores da comunidade local e pode estar associado a mecanismos de manipulação. Em um espaço onde saberes seguem hierarquizados, territorialidades podem ser impostas à estrutura física e social da escola na forma de guetificações. Resultado de escolhas conscientes ou do acaso, a invisibilização da sala de Artes Visuais diminui a importância institucional desse recinto e corrobora com a sua precarização. É possível àqueles que reconhecem a sua relevância, militarem no sentido de pô-la em destaque. É possível a mim fazer algo a respeito.

No entanto, cheguei a questionar, há pouco tempo, se havia sentido em seguir

realizando uma pesquisa sobre o espaço da sala de Artes Visuais em um momento em que o espaço da escola nos é privado. Vivenciamos uma pandemia⁷ e nos recolhemos, em isolamento social, desde março de 2020. O ensino presencial ainda não foi retomado. Parece-me que o passado recente se tornou, em meses, tão distante! Minhas aulas de ateliê, que de corriqueiras podiam ser tidas como banais, simplesmente sublimaram, já se tornaram, por assim dizer, memória. Por um curto período, minha reação a esse vazio foi o desejo de esquecimento, mas a memória prevaleceu. Defino a memória como curadoria das lembranças. No que diz respeito ao individual e ao coletivo, o exercício mnemônico consiste em selecionar o que expor em nosso “museu” mental e afetivo de ideias, ou seja, o que escolhemos lembrar, como expomos, se legendamos, como relacionamos esses elementos que produzem uma narrativa e o que guardamos em nossa reserva técnica ou separamos para o descarte – o que escolhemos ignorar por um tempo ou mesmo esquecer. Nem sempre esse exercício é consciente, mas pode o ser. A meu ver é bastante melancólico, porém necessário, talvez seja urgente, pesquisar sobre o espaço da escola no tempo de sua ausência, a escola presencial, em seu sentido material, palpável, físico e humano, e a materialidade da escola é particularmente pulsante na sala de Artes Visuais.

Figura 6: Meme “ceci n’est pas une école”



Fonte: PHILIPPI (2020).

Em um artigo intitulado *Isso não é uma escola*, Carolina Cechella Philippi (2020) discorre sobre a realidade global de uma escola virtual improvisada, situação que o contexto pandêmico atual nos obriga, enquanto professores, a vivenciar. Apesar de

⁷ Pandemia de COVID-19.

parecer contraditório, para Philippi o que o forçoso ensino remoto acaba revelando, além do sentimento de “éramos felizes e não sabíamos”, é que, mesmo com suas limitações, a sala de aula em sua simplicidade propicia algum nível de igualdade no acesso ao ensino, o que a torna um ambiente indispensável para a educação. Não defendo o retiro irresponsável ao espaço da escola. No entanto, espero que, superada a pandemia, a experiência vivida ao longo desses meses por tantas nações não se torne a lápide da sala de aula, pelo contrário. Espero que a memória da escola, a memória das salas, que habita em estudantes, seus familiares, professores, funcionários, a memória propiciada pela sua falta, que reforça hoje a necessidade de sua presença, se torne o monumento de sua continuidade. Se para Le Goff (1990) é papel dos profissionais científicos da memória lutar pela democratização da memória social, para mim também é papel de profissionais da educação, lançando mão dessa memória social democrática, lutar pela democratização da escola. Esse entendimento passa a dar um sentido ainda mais profundo, e pessoal, à presente pesquisa: o de celebrar a escola, o de celebrar a sala de Artes Visuais.

A fim de unir minhas mãos a essa colagem mnemônica, me propus a buscar os atores desse espaço. Há duas categorias de usuários da sala de Artes Visuais, discentes e docentes, e entendo que a determinação dos usos e organização desse recinto passa por ambos assim como ambos compõem memórias, individuais e coletivas, nesse lugar e desse lugar. Toda a comunidade escolar, de fato, também o faz, enquanto observadores ou visitantes. Contudo, os atores de fato, frequentes e imersos nesse ambiente, são alunos e professores. Por uma necessidade metodológica de recorte e, também, por compreender a dimensão da responsabilidade do docente em tutorar as experiências, vivências e pesquisas artísticas nesse ambiente, eligi professores de Artes Visuais como potenciais participantes de meu estudo. Determinei, em função do âmbito do mestrado em questão, a delimitação mais específica das etapas formativas e modalidades que me interessariam nesse esforço investigativo.

As falas dos professores, por tanto, são o material com que compus essa colagem mnemônica, faço de minha pesquisa seu suporte e espero contribuir institucionalmente a partir disso com a democratização da memória social e institucional da sala de Artes Visuais no CPII. De maneira mais ampla, o produto educacional do qual resulta esse exercício ecoa para além de nossos muros as memórias das práticas que ocorrem nesses espaços, das constantes revisões

necessárias em sua configuração, dos desafios neles enfrentados – superados ou suportados –, das transformações neles ocorridas, das transformações neles desejadas, dos erros neles cometidos e também dos acertos. Quantos saberes-fazerem habitam as memórias dos professores da sala de Artes Visuais! E como é gratificante potencializar, a partir desses testemunhos, a constituição de novas memórias e imaginar que, em outras localidades, uma sala de Artes pode ganhar com isso ou ser instituída pela primeira vez.

Buscando refletir sobre os processos em que forças conjunturais modelam, ou apagam, a memória institucional da sala de Artes Visuais no CPII, compartilho reflexões sobre o dualismo estrutural da educação, que dicotomiza trabalho e ensino, e suas relações com a arte, o ensino de arte e a história do ensino de arte no CPII.

2.1 Arte e dualismo estrutural na educação

Podemos afirmar que um dos pontos em comum mais significativos entre o campo artístico e a formação profissional é a histórica, e equivocada, ruptura existente entre saberes e fazeres. De acordo com Jarbas Novelino Barato (2008), o dualismo descrito sugere subordinação da prática em relação à teoria. A separação entre concepção e execução, segundo o mesmo autor, não deixa de ser uma forma de dominação, pois priva de poder sobre a sua obra o trabalhador e, por extensão, o estudante, a bordadeira, o pintor, o mestre de obra, o ceramista.

Demerval Saviani (2007) associa tal dicotomia ao binômio trabalho-educação atribuindo o rompimento dessa unidade à divisão do trabalho e ao desenvolvimento da sociedade de classes. O trabalho e a educação seriam, para Saviani, atividades próprias do ser humano, definidoras de sua essência. Segundo o autor, o homem tem de adaptar a natureza a si para sobreviver e o trabalho consistiria nessa ação de transformação e adaptação humana do meio às suas necessidades. Por ser o trabalho, nesses termos, a essência do homem, Saviani sustenta que o homem se faz homem no processo produtivo sendo esse processo, portanto, educativo. Haveria uma relação de identidade no ato produtivo, ação que se faria a partir de relações entre homem e meio e homem e comunidade. Os saberes, constituídos saberes comuns, nas comunidades primitivas, poderiam ser transmitidos, dessa forma, de geração em geração.

No entanto, o desenvolvimento da produção, que conduziu à divisão social do trabalho, à apropriação privada da terra e à divisão do homem em classes, tornou possível, segundo Saviani (2007), aos proprietários viver sem trabalhar às custas do trabalho de outros, os não-proprietários. Dessa forma, progressivamente, o processo educativo, inerente ao processo produtivo, teria sido apartado dele. Saviani (2007) reconhece na antiguidade grega e romana duas modalidades distintas de educação, aquela que era voltada para o homem livre, que consistia em atividades intelectuais, na oratória e em exercícios físicos, e aquela que era realizada pelo escravizado, que se fazia no próprio processo produtivo. A primeira categoria passou a ser identificada, de acordo com o autor, como a educação propriamente dita.

Saviani (2007) afirma que a educação se institucionaliza em um processo que coincide com o desenvolvimento da sociedade de classes. Se no contexto comunal produtivo a educação se configurava espontaneamente no coletivo, em uma estrutura social fragmentada posterior, a educação institucionalizada passa a refletir a lógica da dualidade estrutural: uma educação para a classe dominante, que dispõe de tempo para o ócio e o lazer, e outra para a classe dominada, educação que coincide com o próprio processo produtivo.

De acordo com Saviani (2007), o modo de produção capitalista, posterior aos modos de produção escravista e feudal, trouxe novas mudanças para a escola. A escola, separada da produção, viria a consolidar-se como o principal espaço da educação, preparador para o trabalho intelectual. A educação manual coincidiria com o processo produtivo até que a Revolução Industrial traria consigo uma nova complexidade à escola. Com o advento das máquinas, torna-se possível uma produção simplificada, que dispensa, na maioria das vezes, conhecimento específico. Assim, mais uma ruptura é estabelecida: o saber é separado do fazer no processo produtivo. O ensino, passando a funcionar como engrenagem do sistema capitalista, primeiro universaliza-se como escola primária. Para suprir outra demanda, a de mão de obra qualificada para tarefas na produção que necessitavam de conhecimentos técnicos específicos, surgem os cursos profissionais. Saviani (2007) afirma que, desse modo, a escola bifurca-se em duas, a escola de ciências e humanidades, para as elites, e as profissionalizantes, para os trabalhadores.

Inspirado nas reflexões de Gramsci, Saviani (2007) busca propor um modelo de ensino unitário, no qual o trabalho é tratado como princípio educativo, adequado à realidade brasileira. O autor, observando a composição mínima da matriz curricular do

Ensino Fundamental, reconhece nela uma relação implícita com o trabalho. Saviani defende que, no Ensino Médio, essa relação se dê de forma explícita aproximando e reconciliando conhecimento e prática do trabalho.

Entendemos que o ensino de arte pode ser um meio potente para se buscar tal conciliação. Com isso em vista, discorro sobre a potencial faceta integradora da arte. Exponho, também, como o dualismo estrutural da educação tem definições próprias no campo artístico.

2.2 Saberes e fazeres na arte

Se entendemos trabalho como toda e qualquer transformação executada pelo homem sobre a natureza (ENGELS, 1999; SAVIANI 2007), é coerente afirmar que a arte tem sua origem próxima à do trabalho já que o objeto de arte é resultado da manipulação humana de elementos concretos da realidade que, assumindo nova configuração ou um deslocamento, recebem, também, novos significados em um âmbito social. Nem a concepção, nem a execução e nem a fruição de objetos de arte prescindem do corpo, da mente ou das emoções.

É possível dizer que, na tradição ocidental, a concepção moderna de escola, estabelecendo separação entre ensino e trabalho, funda a cisão entre intelectual e manual, mente e corpo, inteligível e sensível. Tal ruptura recebe contornos próprios no âmbito artístico.

Durante a Antiguidade grega e romana, as atividades que exigiam um domínio técnico manual eram compreendidas em uma categoria chamada de “artesanato”. Nesse contexto de uma sociedade escravista e extremamente hierarquizada, o *status* do artesanato encontra-se muito abaixo do da arte da palavra, a oratória – conteúdo que, segundo Saviani (2007), por sua natureza intelectual, servia para a formação de membros da aristocracia.

No Livro X de *A República*, o filósofo Platão revela, talvez, dificuldades em reconhecer o valor e o propósito da pintura. Segundo o personagem que ele dá voz, Sócrates, a pintura é ilusória e não possui função outra que não a de imitar ou reproduzir uma coisa externa a ela. A prática da pintura, nesse sentido, estaria distanciada de ideias transcendentais e imutáveis. Um fazer ilusório, enganoso, descomprometido, a partir dessas lentes, com a verdade não poderia ser entendido

como um tipo de conhecimento favorável ao cidadão da pólis⁸. Apesar da ressalva de Platão em relação à pintura, John Dewey (2010) afirma que o juízo do filósofo não deixava de ser o testemunho da proximidade existente entre a arte e a vida cotidiana na antiguidade grega.

Para que o fazer artístico emergisse como saber autônomo e reconhecido no Ocidente foi necessária sua aproximação das disciplinas humanas e do campo científico. As artes acompanharam os avanços da Filosofia, Física, Matemática, Geometria, Anatomia e Engenharia (SEVCENKO, 1994), um processo progressivo que, na Europa, se deu ao longo do século XV (PECINI, 2008). Apesar de não negar a importância que teve a aproximação entre as categorias artística, científica e filosófica, é necessário dizer que, embora o campo artístico buscasse validação por meio de outras áreas de conhecimento já havia saber nas corporações de ofício existentes na Idade Média, presentes em germen na Antiguidade.

A arte, com o crescimento do capitalismo, assumindo o *status* cultural e a aura “superior” das belas-artes, passa a ser consumida como produto de requinte de uma elite e desloca-se, progressivamente, para as coleções e os museus (DEWEY, 2010; CAUQUELIN, 2005). Diferentemente de outras formas de produção, o trabalho artístico não se mecaniza com a Revolução Industrial, pelo menos não em sua integralidade. Esse diferencial no fluxo normalizado de serviços, segundo Dewey (2010), acabou distanciando ainda mais o artista e a arte da vida comum e tornando a sua produção a expressão de uma individualidade às vezes lida como excêntrica, independente ou esotérica, algo concernente a um campo espiritual.

Também podemos dizer que outras formas de produção de arte, ainda associadas à lógica comunal e não individualizada de expressão artística, apartadas de espaços formativos reconhecidos, como as academias (CAUQUELIN, 2005) e, posteriormente, os círculos de artistas modernos apoiados por críticos e *marchands* específicos (CAUQUELIN, 2005) serão categorizadas como saberes populares ou artesanato e vão configurar uma segunda categoria de arte, da mesma forma que vimos uma segunda categoria de trabalho e uma segunda categoria de escola. Apesar de feitas com as mãos, as belas-artes vão ascender a um patamar intelectual e as

⁸ “Cidade independente cujo governo era exercido por cidadãos livres, na .Antiguidade grega. = CIDADE-ESTADO” In DICIONARIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/p%C3%B3lis>. Acesso em: 17 abr. 2020.

expressões de arte não eruditas e dadas ao utilitarismo ficarão restritas, ao menos valorativamente, ao piso da manualidade apesar de, efetivamente, haver saber no fazer em ambas.

Segundo Anne Cauquelin (2005), a arte moderna – etapa da História da Arte Ocidental que podemos situar, grosso modo, entre 1860 e 1960 – esteve orientada pelo regime do consumo, ao passo que arte de nosso tempo, a arte contemporânea, inaugura um novo regime, o da comunicação. Enquanto a primeira rompe com o academicismo que a antecede e alia-se a uma estética orientada pelos valores do *marchand*-crítico, a segunda diferencia-se dessa estética inaugurando um sistema circular de arte no qual os papéis estão embaralhados. Se antes o artista, é visto romanticamente como marginal iluminado e necessita, para seu reconhecimento, inserir-se em um grupo de vanguarda, depois, a figura romântica do artista sublima ou perde forças. A arte moderna é subjetiva e expressiva, centrada no indivíduo. A arte contemporânea está fora dos domínios da subjetividade e da expressividade, nela, a novidade deixa de ser pré-requisito e tudo passa a ser admitido.

Contudo a cristalização cultural dos valores modernos da arte, orientados pelo regime do capital, terminou por desqualificar a arte que se reaproximou da vida, a arte contemporânea. Cauquelin (2005) reitera que o público de hoje nunca esteve tão afastado da arte, esse público acusa a arte contemporânea de especular e não admite que a produção recente possa valer mais que a antiga.

Apesar da incompreensão, talvez suscitada pela literalidade material ou ascetismo conceitual de algumas das manifestações de arte contemporâneas, o paradigma atual de arte não comporta a intencionalidade de ascender sobre as formas de produção artísticas anteriores. A arte contemporânea apenas move-se no sentido de reconciliação com a vida comum e coloca-se como resistência aos valores capitalistas do bom gosto sendo “exercício experimental da liberdade”, tal qual propunha Mário Pedrosa (apud SANT’ANNA, 2011). Mesmo rompendo com a estética normatizada dos *marchands*, a arte contemporânea permanece vinculada à estética em seu sentido original, aquela que nasce da capacidade humana de percepção, apreciação, manipulação e comunicação a partir de materiais no concreto (DEWEY, 2010). Trata-se de uma experiência estética primeira que pode se fazer a partir da interação do homem com seu meio.

A estética lida com o significado dos objetos artísticos (DEWEY, 2010), mas, como vimos, a sua compreensão parece inacessível ao homem comum. Como

promover experiências estéticas democráticas? Os mesmos tijolos que cindiram a escola em duas e estabeleceram fronteiras entre ensino e trabalho constituem-se obstáculo entre as pessoas e o significado dos objetos artísticos. É preciso que o homem, individual e coletivamente, transponha esses muros para que se torne consciente da experiência estética. Para Dewey, somente quando as produções artísticas são aproximadas das suas “condições de origem e funcionamento na experiência” e de “outras formas de esforço, sujeição e realização humanos” (DEWEY, 2010, p.60) a experiência estética pode avançar do ato contemplativo – que costuma limitar-se à admiração passiva de um cânon de obras – em direção ao ato criativo. A experiência com arte, assim circunscrita, pode possibilitar uma fruição ativa, crítica e social que, além de devolver ao trabalhador a possibilidade de deleite, reconhece o objeto artístico como resultado de um trabalho estético.

Vemos, nesse ponto, uma possibilidade de aplicação da experiência estética como proposta metodológica de ensino integrado de arte. Dito isso, passaremos a discorrer acerca da relação, ora dual, ora indissociada, entre saberes e fazeres no ensino de arte.

2.3 Saberes e fazeres no ensino de arte

A educação formal do ensino de arte, ainda hoje, traz consigo marcas profundas da dualidade antes mencionada. É comum que as Artes Visuais, as Artes Cênicas, a Dança, a Educação Musical e a Educação Física, por construírem constantemente, mas não exclusivamente, conhecimentos a partir da experiência sensível, sejam consideradas por membros da comunidade escolar, quer responsáveis, alunos, professores ou técnicos, as disciplinas “mais divertidas”, mas também, “as mais fáceis”, desprovidas de conteúdo ou menos relevantes.

Atuando há pouco mais de cinco anos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e tendo tido a oportunidade de exercer por cerca de dois anos a função de Coordenadora Pedagógica de Artes Visuais no CP II, pude estar mais atenta a alguns desconfortos referentes ao lugar institucional que ocupa a minha área de conhecimento na escola. Um deles, o emprego da expressão “atividades”, que recentemente vem caído em desuso, para referir-se ao seguinte conjunto de componentes curriculares: Artes Visuais, Educação Física, Educação Musical, Informática Educativa e Literatura. Conjunto que se contrapõe aos demais

componentes: Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais, tratados como “Núcleo Comum”. A palavra “atividade”, talvez um vestígio vocabular do período do Regime Militar já que a nomenclatura é empregada na Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692 de 1971, demonstra como categorizavam aquelas disciplinas: elementos da ação e do corpo, mas não do pensar e da mente.

É verdade que apreendemos com os olhos, as mãos, a boca e os ouvidos, esses são nossos receptores indispensáveis para conhecermos e transformarmos o mundo ao nosso redor. O exercício reflexivo e a abordagem teórica terão maior sentido para qualquer pessoa quando vinculados a experiências vividas, isso vale para a criança, o adolescente e o adulto. A fruição, quer de bens produzidos pelo homem, quer de elementos da natureza, passa pelos sentidos, pela mente, produz emoções, faz-se na interação com objetos existentes e com outras pessoas. Todavia, parece-nos razoável que a medida em que envelhecemos afastemo-nos de abordagens concretas para abstrairmos ao máximo.

Deveríamos nos perguntar, antes, porque nos parece suspeito que saberes que, de forma recorrente, nos são prazerosos, os, chamemos de, “saberes do corpo” ou saberes “corpóreos” – as Artes Visuais, a Dança, a Educação Física e a Educação Musical –, possam ser caminhos investigativos possíveis e suficientemente científicos para estarem presentes na educação básica e no ensino superior.

Em nosso país, a prática da livre expressão⁹, amplamente empregada por educadores que lecionavam linguagens artísticas em escolas na década de 1970, contribuiu para que a noção do “tudo pode” fosse massificada como proposta elementar da área. Ideia reforçada “pela representação do arte/educador como o mago das técnicas, estimulador da sensibilidade”, (AZEVEDO, 2010, p. 84) uma figura coadjuvante. Aquele que

“decorava” as festas escolares e comemorava o dia do folclore; aquele que, aos olhos dos colegas de matemática, língua portuguesa, história e geografia, era visto como menos importante, pois a Arte não era pensada nem como conhecimento nem como cultura e sim, como mera atividade que não exigia esforço intelectual – era fundamentada apenas em uma vaga ideia de criatividade. (AZEVEDO, 2010, p. 84)

Em oposição a essa concepção, ganhou espaço a abordagem triangular para o ensino de Artes Visuais. Desenvolvida na década de 1980 por Ana Mae Barbosa,

⁹ Também chamada de “laissez-faire”, metodologia que privilegiava a produção artística espontânea do aluno, sem compromissos com o conhecimento em arte.

essa proposta abriu terreno para o campo investigativo da arte/educação no Brasil. A abordagem indicava o ensino de Arte como fundamentado na ideia de linguagem visual visto que os objetos de arte seriam produzidos por alguém, inserido em um meio e tempo históricos, para comunicar-se com os outros. Segundo a autora, seria necessário, para a aprendizagem em Artes Visuais, conscientizar-se das dimensões dessa linguagem praticando a leitura de imagens, conhecendo o contexto de concepção das mesmas e comunicando-se a partir da produção artística. Ao contrário da prática da livre expressão, a abordagem triangular não dissociava prática e teoria, não estimulava um fazer artístico sem compromisso com o contexto histórico e social de sua concepção ou a consciência de sua função comunicadora, tampouco propunha teorizações que não estivessem fundadas na experiência artística, no ato criador do próprio estudante.

É possível estabelecer pontos de contato entre a Abordagem Triangular e o conceito de arte como experiência. Dewey foi possivelmente um influenciador da obra de Barbosa. A pesquisadora, que dedicou um livro a ele intitulado, na edição mais recente, *John Dewey e o ensino da arte no Brasil* reconhece seu entusiasmo com o autor e afirma que tomou conhecimento dele a partir de Paulo Freire. Dewey, segundo Barbosa (2015), devido ao preconceito com o escolanovismo a que era associado, foi evitado, por anos, nas pesquisas de educação.

Não pretendo me ater especificamente à abordagem de Ana Mae Barbosa, profusamente debatida nos espaços universitários de formação de professores, mas apontar para conjuntura investigativa que sua pesquisa propicia, o momento que ela inaugura, ou reinaugura, na prática docente em Artes Visuais em nosso país. Por trazer à lume a unidade entre fazeres e saberes artísticos, concepção e execução, a abordagem triangular pode ser vista como um marco de mudança paradigmático para o ensino dessa disciplina. Desde então, múltiplos caminhos metodológicos repousam sobre essa unidade como ponto de partida.

A unidade entre concepção e execução, além de tornar convidativo o ensino de Artes Visuais, dá condições para a configuração de um ambiente de acolhimento para o discente, favorável à compreensão tangível de uma infinidade de objetos de arte existentes. O estudante que experiencia a prática artística e reflete sobre ela tem poder sobre e prazer na sua própria produção, expressa-se conscientemente por meio dela, conhece técnicas e pode desenvolver e aprimorar seus próprios mecanismos de manipulação de materiais assim como é capaz de fruir e identificar-se com a produção

de outros, de tempos e culturas diferentes. E o espaço físico favorável para que tais experiências ocorram é o ateliê.

As Artes Visuais, nesse sentido, ao invés de promoverem a divisão entre áreas de conhecimento, coisas ou pessoas, saberes e fazeres, têm a potencialidade de estabelecerem relações e conciliações improváveis.

O homem anseia por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; anseia por estender pela ciência e pela tecnologia o seu “Eu” curioso e faminto de mundo até as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; anseia por unir na arte o seu “Eu” limitado com uma existência humana coletiva e por tornar *social* sua individualidade. (FISHER, 1987, p.12-13)

Como afirma Ernst Fisher, a arte é um meio a partir do qual o homem, expressando-se em sua individualidade, conecta-se ao coletivo. Através dessa área de conhecimento, incentiva-se o estudante a uma leitura mais ampla de mundo e da sua relação com a totalidade social. É possível ao aluno, por meio de uma abordagem integrada do ensino de Artes Visuais, refletir sobre essa realidade para transformá-la. Sua faceta conciliadora permite ao campo artístico ser promotor de ensino integrado (ARAÚJO; FRIGOTTO, 2015), quer em sua dimensão humana, científica, política ou profissional. A importância das Artes Visuais reside justamente em sua qualidade integradora, promovendo o desenvolvimento de capacidades físicas e mentais.

Em função de minha experiência pregressa como professora de Artes Visuais do Ensino Médio e Anos Finais do Ensino Fundamental, entendo como pode ser bastante difícil conciliar a militância, que persiste, de reafirmar o valor e a relevância da disciplina nesses anos de formação e insistir na unidade conciliadora entre saberes e fazeres artísticos. Existem pressões com as quais devemos lidar. No caso de minha escola, há um currículo extenso e um sistema de avaliação numérico no qual as provas são o principal instrumento. Com esses recursos institucionais dados, que por si só são símbolos carregados de significado, como promover institucionalmente a disciplina Artes Visuais sem incorrer em propostas que incentivem o comportamento passivo dos estudantes? É preciso reinventar-se e acredito que meus colegas o têm feito resignificando instrumentos avaliativos, como a própria prova, e insistindo em promover a prática de ateliê.

Pensamos, portanto, que o caminho para o ensino democrático em Artes Visuais faz-se na experiência na qual saberes e fazeres são indissociáveis. A sala de Artes Visuais – como ateliê – é espaço propício para esse ensino. Nesse ambiente,

com mobiliário coletivo e, muitas vezes, materiais compartilhados, os estudantes podem assumir uma postura ativa produzindo algo de si, comunicando-se com outros, identificando-se com eles, fruindo a sua própria produção e a de outrem. Como afirma Paolo Nosella (2007, p.149), “formar os seres humanos para a fruição adequada e igualitária dos bens produzidos pelos semelhantes é um dos principais objetivos da escola”. A justificativa de existência de um recinto como esse disponível em todos os segmentos e modalidades de ensino em uma escola pública como o CPIL e que deveria existir em todas as demais escolas públicas é a mensagem que ele enseja: você está aqui para criar alguma coisa e mostrar o seu olhar para o mundo.

Apesar de Dewey não apresentar uma abordagem ou metodologia para o ensino escolar vemos na definição de arte como experiência uma noção aproximada daquilo que Saviani (2007) propõe como “trabalho como princípio educativo”, tomando emprestada a terminologia de Gramsci. Entendemos, nesses termos, considerando a realidade brasileira, em especial os espaços públicos de ensino, que a existência de uma sala que permita a realização de experiências artísticas que envolvam o uso de diversos materiais, o ateliê, atende aos pressupostos tanto da arte como experiência quanto do trabalho como princípio educativo. Se no Ensino Médio, como defende Saviani (2007), é desejável que as relações entre ensino e trabalho ocorram de forma ainda mais explícita que no Ensino Fundamental, deve-se reconhecer que o ensino de Artes Visuais no espaço de ateliê é coerente e favorável à educação profissional também nos últimos anos de formação escolar.

É preciso, no entanto, proteger-se de algumas abordagens equivocadas de ateliê, incoerentes com o que esperamos de uma formação pelo trabalho. Devemos circunscrever, em sua origem, o ateliê como espaço de processo produtivo da arte de tradição ocidental, branca e europeia, herdeiro, por um lado, da tradição acadêmica e, por outro, da experiência moderna dos gênios da vanguarda. A fim de não incorrer no equívoco de fazer desse espaço reprodutor da lógica capitalista elitista, entendemos que as referências de obras ali apresentadas devem ser não-hierarquizadas, multitemporais e multiculturais da mesma forma que os materiais explorados, diversificados. É importante estar atento às tradições culturais locais, do entorno da escola, dos alunos, aos saberes-fazeres dos discentes e da equipe docente. Da mesma forma, é recomendável extrapolar experiências para além das técnicas tradicionalmente consagradas, como a pintura e a escultura. Combinar referências da cultura visual, saberes comunais, objetos de arte, artesanato, realizados individual ou

coletivamente por brasileiros e estrangeiros, sobretudo latino-americanos, com respeito à diversidade dos povos originários, aproximando, justapondo e compondo com a diferença.

A isso acrescento que entendo ser despropositado indicar uma fórmula única de ateliê. Posso afirmar, de forma abrangente, que o ateliê é o espaço coletivo de práticas artísticas que podem gerar produtos artísticos. Sendo processo produtivo (SAVIANI, 2007) artístico, como experiência e qualquer outra forma de trabalho, constituidor de identidade não cabe mim, como pesquisadora, definir monocraticamente, em termos estritos, a configuração do recinto para outrem. Mas é possível, sim, promovendo o compartilhamento da memória das salas de Artes Visuais de uma instituição, composta pelas experiências, dificuldades e anseios de professores, contribuir para que outros professores, que desejam melhorar ou instituir recintos como esses, revejam ou constituam as suas próprias cartografias de ateliê. Não proponho um modelo de ateliê para meus pares. Quero pensar possibilidades de ateliê com meus pares.

O CPII possui, hoje, uma proposta curricular de Artes Visuais que coloca em evidência o fazer artístico para todos os segmentos e modalidades de ensino. Contudo a história do ensino da arte na instituição, originalmente uma escola secundária de formação humanista inspirada nos liceus europeus, confunde-se com a história das relações dicotômicas estruturais entre ensino e trabalho. Descrevo, a seguir, o percurso do ensino de arte no CPII ao longo de seus quase 200 anos de existência.

2.4 De Trabalhos Manuais a Artes Visuais: o ensino de arte no CPII

Com o intuito de descrever a trajetória do ensino de arte no CPII, traço um breve histórico do componente curricular na instituição tendo como principais referências as pesquisas *O Ensino da Arte no Colégio Pedro II: Políticas e Práticas*, de Maria do Carmo Carvalho e Silva¹⁰ (2013), e *Interculturalidade e ensino de artes visuais do Colégio Pedro II* (2018), de Wilson Cardoso Junior¹¹ e Vera Candau. Também foi levada em conta a obra *Memória Histórica do Colégio II – 180 anos de História na Educação do Brasil*, o PPPI mais recente da escola e dados pertinentes presentes no sítio oficial do colégio: propostas curriculares, histórico do setor de Ensino Técnico da

¹⁰ Atualmente é professora de Artes Visuais do CPII, realizou tese de mestrado dedicada ao tema.

¹¹ Atou como professor ne Artes Visuais CPII entre 1992 a 2010, realizou tese doutorado dedicada ao tema.

escola, informações gerais sobre o ensino profissional.

Atualmente, as Artes Visuais são lecionadas no CPII desde a Educação Infantil até o 1º ano do Ensino Médio. Na grade prevista para a série, um semestre é dedicado à Educação Musical e o outro a Artes Visuais. Essa estrutura é replicada nos cursos de Ensino Médio Integrado que há na escola, com exceção da formação em Técnico em Instrumento Musical, na qual a matéria é oferecida durante todo o ano letivo¹².

Até 2018¹³, as aulas de Artes Visuais constavam como optativas na grade curricular dos PROEJA¹⁴ existentes na instituição, ficando a critério do colégio oferecê-las ou não. Ao longo do ano citado, com a nova gestão do Departamento de Ensino Técnico, buscando uma adequação legal, tal grade foi remodelada, vindo a implementação das mudanças a ocorrer com turmas ingressantes a partir de 2019. A disciplina tornou-se obrigatória para o 3º ano de todos os cursos da modalidade no CPII administrados pelo Departamento de Ensino Técnico. No caso do curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática, gerido pelo Departamento de Ciência da Computação, a oferta da disciplina é feita no 2º ano. No ano letivo de 2020, que foi prolongado, em virtude da realidade pandêmica, até o primeiro semestre de 2021, os estudantes de 2º ano desse curso passaram a ter aulas obrigatórias de Artes Visuais. No ano letivo de 2021, principiado em agosto de 2021, foi a vez dos alunos de 3º ano dos demais cursos de PROEJA. O DAV aplicou uma proposta inicial de currículo para o primeiro grupo, resultado de estudos incipientes realizados por professores do departamento, e continua a discutir qual o currículo mais apropriado para disciplina na modalidade.

Apesar de, atualmente, atender à Educação Infantil e aos Anos Iniciais, o CPII, criado em 1837, nasceu como escola secundária, segmento equivalente aos atuais Anos Finais de Ensino Fundamental e Ensino Médio (COLÉGIO PEDRO II, 2017). Em seu tempo de existência, a escola passou por três diferentes ciclos de expansão. No primeiro, o mais amplo, que remonta ao século XIX e alcança meados do século XX, foram abertas diferentes sedes do colégio na cidade do Rio de Janeiro, voltadas

¹² Até 2019, as aulas de Artes Visuais também eram ofertadas para alunos de Técnico em Instrumento Musical no 2º ano do Ensino Médio. Contudo, depois de uma reestruturação no desenho do curso, proposta pelo Departamento de Ensino Técnico, perdeu-se o espaço de um ano em sua composição curricular. A justificativa dada ao DAV para a mudança foi a de que o programa anterior, que possuía dois anos de formação em Artes Visuais, implementado neste formato desde a criação do curso em 2012, estava errado, um equívoco institucional.

¹³ Houve oferta da disciplina optativa de Artes Visuais no PROEJA em 2017, apenas no *Campus* Duque de Caxias. As aulas ocorriam aos sábados, por falta de quórum de alunos, o trabalho foi descontinuado.

¹⁴ Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, ofertado no CPII desde 2006.

exclusivamente para a educação secundária. O segundo ciclo de expansão deu-se ao longo da década de 1980, quando se criou unidades específicas para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, segmento de ensino à época chamado de primeiro segmento do 1º Grau. O terceiro ciclo de expansão do CPIL é iniciado no segundo milênio. É nesse momento que a instituição alarga suas fronteiras para o bairro de Realengo, na zona oeste da cidade, passa a abarcar a Educação Infantil e também alcança as cidades vizinhas de Duque de Caxias e Niterói. (COLÉGIO PEDRO II, 2017).

Há de se considerar, portanto, as camadas históricas que possui o CPIL, o tempo de existência institucional de cada etapa da educação básica nessa escola e, por tanto, o contexto histórico da gênese das propostas curriculares para cada uma delas.

Segundo Carvalho e Silva (2013), o ensino de arte, sob diversas denominações e ementas – “Desenho” (1850-1942), “Trabalhos Manuais” (1943-1971), “Educação Artística” (1971-1999), e, o nome vigente, “Artes Visuais” (2000-) – acompanha o CPIL desde a sua origem. Em sua pesquisa, a professora, partindo da análise de documentos do colégio¹⁵ e entrevistas com docentes e ex-alunos, dissecou tais ementas interpretando mudanças curriculares à luz da legislação em vigor e dos relatos dos entrevistados. Para Carvalho e Silva, o caminho histórico do ensino de arte na instituição, delineado por diferentes tendências e metodologias, foi influenciado pelas políticas nacionais de educação de cada época, mas, também, afetou reciprocamente tais políticas.

A professora sustenta que do primeiro programa existente, com a nomenclatura de “Desenho”, teria advindo a disciplina homônima que até hoje integra a grade curricular do CPIL. O Desenho, originalmente fundamentado na prática da cópia e no desenho geométrico e de figura, presentemente é centrado apenas no desenho geométrico. Apesar de o ensino de Desenho, nesses moldes, não ser obrigatório para educação básica na época atual, a disciplina tem lugar de prestígio na composição curricular do Pedrão, os *campi* herdeiros do secundário, ocupando dois anos inteiros do Ensino Médio e todas as séries dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

¹⁵ Legislação dirigida ao ensino da arte do período imperial e da República; Avisos do Império; Anuários do Colégio Pedro II; Regimentos do Colégio Pedro II; Decretos- Lei; Portarias Ministeriais; Planos Gerais de Estudos (PGEs) da disciplina Educação Artística; relatórios de cursos de reciclagem de professores e carta dos professores à direção da Instituição.

Já as Artes Visuais, no contexto histórico curricular do CPII, teriam descendido de outra disciplina, hoje extinta, chamada de “Trabalhos Manuais”. A criação do componente curricular Trabalhos Manuais foi determinada pelo Decreto-Lei nº 4.244 de abril de 1942 e efetuada na escola em 1943 (CARVALHO E SILVA, 2013). Entendia-se que o domínio e a manipulação de materiais seria uma forma de inculcar, a partir das mãos, valores morais à mente, “como precisão, lógica, diligência e economia” (CARVALHO E SILVA; MOREIRA, 2016, p.92.) A princípio, o conteúdo programático do componente curricular não tinha objetivo de formações profissionais específicas, mas auxiliaria adolecentes, a partir da experiência, a aproximarem-se do mundo adulto.

Noto que a proposta, em consonância com o ideário de Anísio Teixeira e do escolanovismo, grosso modo, tem seus pontos de contato com Dewey. No entanto, em sua aplicabilidade, os Trabalhos Manuais não se propunham a despertar experiências estéticas intencionais e conscientes e sim instrumentais. Havia uma relação de sujeição da disciplina Trabalhos Manuais, lecionada por professoras de formação Normal, em relação às demais, ministradas por professores de formação superior. Os projetos de Trabalhos Manuais serviam de ferramenta metodológica para concretizar, a partir da elaboração de produtos, conteúdos abordados por outros componentes curriculares. Tratava-se antes de um fazer com arte do que propriamente de um fazer arte (CARVALHO E SILVA, 2013).

Para Dewey (2010) a concepção do objeto de arte não se funda nem em uma relação distanciada com obras consagradas nem em manifestações humanas não intencionais ou descontroladas e sim na experiência estética consciente aproximada da vida ordinária.

Para mim, porém, o problema das teorias existentes é que elas partem de uma compartimentalização pronta ou de uma concepção da arte que a "espiritualiza", retirando-a da ligação com os objetos da experiência concreta. A alternativa a essa espiritualização, entretanto, não é a materialização degradante e prosaica das obras de arte, mas uma concepção que revele de que maneira essas obras idealizam qualidades encontradas na experiência comum. Se as obras de arte fossem colocadas em um contexto diretamente humano na estima popular, teriam um atrativo muito maior do que podem ter quando as teorias compartimentalizadas da arte ganham aceitação geral. (DEWEY, 2010, 71-72)

A disciplina Trabalhos Manuais foi extinta por ocasião da Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692, de 1971, que tornou pela primeira vez obrigatório o ensino de arte na educação básica, sob a denominação de “Educação Artística”. O novo termo

pretendia dar conta de uma concepção polivalente de arte que abarcasse as Artes Plásticas, a Música e o Teatro. Segundo Carvalho e Silva (2013), a polivalência nunca chegou a ser uma abordagem de ensino adotada no CPIL visto que o ensino de música, vinculado a solenidades da escola, já ocupava um lugar consagrado na instituição naquele momento. O domínio técnico das professoras de Trabalhos Manuais, especialistas em metal, madeira, couro, costura etc., acabou por aproximá-las das Artes Plásticas. Assim, deixou de ser ofertada a disciplina Trabalhos Manuais no CPIL sendo substituído o seu nome pelo novo, “Educação Artística”, que, na instituição, ateu-se a uma única linguagem de arte, a visual. Carvalho e Silva (2013) reitera que as professoras, diante da necessidade da nova disciplina, buscaram formação em Escolinhas do Brasil e cursos com artistas em museus.

Para Cardoso Junior e Candau (2018) a Lei de Diretrizes e Bases de 1971 é o marco oficial da entrada da disciplina Artes Visuais no currículo do CPIL e nas décadas que seguem à sua publicação houve disputas e concessões para que o componente curricular alcançasse legitimidade na tradicional estrutura acadêmica da escola.

Nas décadas de 1980 e 1990, frente ao desafio de alcançar legitimidade e estabelecer a nova disciplina no disputado espaço da grade curricular acadêmica, os/as professores/as buscaram dotar a disciplina de um sistema coeso, estável e distinto, composto por um corpo de conhecimentos específicos com o qual ela constituiu a sua identidade, estrutura e funcionamento, estabelecendo a história da arte eurocêntrica como eixo curricular. (CARDOSO JUNIOR, CANDAU, 2018, p.729).

Independentemente de determinarmos a Lei de Diretrizes e Bases de 1971 como marco fundante para o ensino de arte no CPIL, vemos como indispensável considerar que quem formulou inicialmente o currículo de Educação Artística nos Pedrões foram as professoras de Trabalhos Manuais, que já estavam na instituição, e que buscaram formação complementar. Uma das estratégias para a legitimação da disciplina, por tanto, foi a sua sistematização e aproximação metodológica das demais matérias, embora a prática artística permanecesse como parte importante da proposta curricular. Uma breve análise do PPPI (COLÉGIO PEDRO II, 2017) vigente permite constatar que, até hoje, no tocante às Artes Visuais, o currículo previsto para os Anos Finais do Ensino Fundamental e para o 1º ano do Ensino Médio é denso em História da Arte. Aplicar provas, além de ministrar conteúdos extensos, foram duas medidas empregadas para, possivelmente, “equiparar” a disciplina às demais. A dura crítica de Cardoso Junior e Candau ao Pedrão incide sobre a visão monocultural de seu

currículo, que privilegiaria uma narrativa linear eurocêntrica.

As décadas de 1980 e 1990 foram tempos de disputa curricular para a disciplina no CPIL, a Educação Artística ora perdia ora ganhava anos de escolaridade na matriz curricular do segundo segmento do 1º Grau (CARVALHO E SILVA, 2013).

No Pedrinho¹⁶, o ensino de arte coincidiu com a criação das unidades voltadas para o primeiro segmento do 1º Grau. Um outro grupo docente, desvinculado dos Pedrões, propôs seu currículo. Segundo Cardoso Junior e Candau (2018) o programa de Educação Artística do Pedrinho, inspirando-se no ideário educativo construtivista, sem dicotomizar teoria e prática, sustentava a noção de arte como experiência e defendia a promoção de processos de aprendizagem fundados no fazer artístico e lúdico. Os autores afirmam que esse programa curricular também era orientado, até o início do século XXI, pelo paradigma linear da História da Arte eurocêntrica, mas passou por uma virada conceitual em 2008 com uma reformulação que definiu o currículo em eixos temáticos.

No ano 2000, como adequação à Lei de Diretrizes e Bases nº9.394 de 1996, a nomenclatura genérica, Educação Artística, foi substituída no CPIL pelo termo Artes Visuais (CARVALHO E SILVA, 2013). Nessa época, a disciplina ingressa, pela primeira vez, na matriz curricular do Ensino Médio. Carvalho e Silva (2013) relata que, em 1999, aproveitando a oportunidade de uma lacuna da grade, decorrente da falta de professores de Filosofia, como proposta da então chefe de departamento de Desenho e Educação Artística, a disciplina foi lecionada para a 1ª série do Ensino Médio. Mas somente em 2001, após mudanças no PPPI, oficializa sua presença na respectiva série, já com a denominação Artes Visuais (COHN, 2007; SILVA, 2013). Para o aluno com interesse por Artes Visuais, dependendo da oferta de cada *campus*, é possível manter contato com a área longo de todo o Ensino Médio por meio de aulas de aprofundamento no contraturno e iniciações artísticas e científicas.

De forma semelhante ao que ocorreu nos Pedrinhos, a formulação curricular do ensino de arte para a Educação Infantil na instituição, coincidiu com a criação de unidade própria para essa etapa de formação, o CREIR – Centro de Referência de Educação Infantil de Realengo. O CREIR teve suas atividades iniciadas em 2012. O currículo de Artes Visuais para o segmento tem forma rizomática, não seriada, e ancora-se nas tensões e problematizações da criança através da experiência com

¹⁶ Pedrinho é a forma como, carinhosamente, se referem aos campi de Anos Iniciais no Colégio Pedro II. Empregase “Pedrão” para os Anos Finais e Ensino Médio.

materialidades diversas, da Cultura Visual e das imagens da arte (CPIL, 2020).

Da década de 1980 até recentemente, o ensino de arte do CPIL estava departamentalmente vinculado à disciplina Desenho. O DAV – Departamento de Artes Visuais – tornou-se autônomo apenas em 2018, após votação, por desejo e mobilização de professores de Artes Visuais. Tal departamento congrega professores de Artes Visuais de todos os segmentos de ensino do CPIL.

Além de atuar na educação básica, o DAV hoje também se faz presente na pós-graduação, junto à Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do CPIL, oferecendo dois cursos *lato sensu* nas modalidades a distância e presencial, respectivamente: *Ensino de Artes Visuais; Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais*. O segundo curso tomou o nome emprestado do tema escolhido para *II Seminário de Artes Visuais do Colégio Pedro II: Saberes e Fazeres*, realizado pelo então DDAV (Departamento de Desenho e Artes Visuais) no Museu Nacional de Belas Artes em 1º de setembro de 2017. A repetição da expressão “saberes e fazeres” indica que o departamento enseja discussões em torno de uma perspectiva integradora do ensino de arte, conciliadora do pensar e do agir.

Notamos que embora a proposta pedagógica do fazer como saber esteja presente na Educação Infantil, nos Anos Iniciais, no Ensino Médio Regular e Integrado e nas pesquisas de Pós-Graduação, as Artes Visuais nos Anos Finais e no Ensino Médio, etapas que correspondem ao antigo secundário, tiveram que aproximar-se, até certo ponto, do suposto “rigor” teórico de outras áreas a fim de sustentar sua relevância nas séries mais elevadas no CPIL. Uma negociação, talvez historicamente necessária, mas que, em uma conjuntura mais favorável, pode ser revista. Vemos que as tensões que conformam o currículo e as práticas pedagógicas em arte para cada segmento de ensino no CPIL possuem as suas particularidades refletindo, sobretudo nos Pedrões, nas disputas curriculares e adequações metodológicas, a dicotomia entre mente e corpo. Uma dicotomia não defendida pelos professores de Artes Visuais, como se percebe nos programas propostos, mas que predomina enquanto cultura institucional em uma escola de tradição humanista, concebida, originalmente, como modelo de ensino secundário a que a elite brasileira confiava seus filhos para a formação (COLEGIO PEDRO II, 2018).

Desde o início do século XXI, está presente no DAV o debate sobre a relação entre “a disciplinarização da arte e a tradição curricular monocultural baseada nos cânones artísticos ocidentais” (CARDOSO JUNIOR E CANDAU, 2018, p. 722).

Acreditamos que intensificação de trocas não hierarquizadas entre professores das diferentes etapas de ensino tem sido benéfica para o aprofundamento da pesquisa no departamento na instituição, potencializando o debate, fortalecendo institucionalmente a área e contribuindo para que continuemos a pensar, coletivamente, atualizações curriculares.

Com essa intenção, fiz o esforço de aproximar duas pesquisas que partem de olhares e lugares diferentes, mas voltam-se para um único objeto de estudo, o ensino de arte no CPII. Se por um lado acolhi e concordei com as críticas, coerentes e acertadas, de Cardoso Junior e Candau ao atual currículo de Artes Visuais do Pedrão, não deixei de reconhecer, também, o papel político das antigas professoras de Trabalhos Manuais, destacado por Carvalho e Silva. Tais professoras, que vivenciaram institucionalmente relações subalternizadas, realizaram os primeiros programas de Educação Artística do CPII que, em sua época, foram vanguardistas e estavam alinhados com a pesquisa corrente em arte-educação. Entendo que caminhar no sentido de desconstruir a rigorosa disciplinarização das Artes Visuais nesses segmentos, baseada na ideia da obra de arte consagrada, aproximando arte e vida e não definindo hierarquias entre saberes e culturas não deixará de ser uma forma de homenagear essas professoras e dar continuidade a seu impulso investigativo para além dos muros da instituição.

Depois de pensar a trajetória histórica do ensino de arte para cada segmento no CPII, desejo refletir sobre os usos e a organização do espaço onde esse ensino se conforma atualmente para compartilhar estratégias de adequação desses ambientes de maneira que possam ser utilizadas em outras escolas. Antes, acredito ser oportuno descrever a metodologia adotada para analisar tais recintos e as práticas e necessidades daqueles que dele se utilizam.

3 METODOLOGIA

Estudando a organização e os usos do espaço da sala de Artes Visuais do CPII nos Anos Iniciais e no Ensino Médio Integrado, desenvolvi um estudo de caso exploratório (GIL, 2010). Defino-o assim porque trata-se de uma pesquisa em uma localidade delimitada, as salas de Artes do CPII nos dois segmentos de ensino mencionados, e, no início da pesquisa, não tendo clareza de qual a configuração de todos esses recintos, de que dificuldades eram enfrentadas pelos seus usuários e de quais as suas expectativas para esses ambientes, busquei obter informações e adquirir familiaridade com o assunto alcançando uma compreensão mais completa sobre o tema a partir de questionários aplicados.

Também classifico a presente investigação como descritiva (GIL, 2010) já que, por meio dela, diagnostiquei ambientes, descrevi usos e organizações neles praticados e levantei opiniões de uma determinada população acerca do assunto. Com essa intenção, foram aplicados questionários a professores de Artes Visuais das duas etapas formativas e tais documentos foram analisados qualitativamente.

3.1 Caracterização do campo de estudo, população e amostras

Quadro 1: Campo de estudo, população e amostras.

Campo:	CPII		
População:	Servidores do CPII		
Amostras/ participantes:		Quantitativo	Instrumento
	AMOSTRA A: Docentes de Artes Visuais que atuam nos Anos Iniciais	19 – 1 (pesquisadora) = 18	Questionário
	AMOSTRA B: Docentes de Artes Visuais que atuam no Ensino Médio Integrado	9	Questionário
	AMOSTRA C: Servidores do CPII, não necessariamente do DAV, com informações pertinentes sobre o histórico de salas de artes em <i>campi</i> do CPII (opcional)	9 – 3 (comuns à amostra A e B) = 6CA *número dos que já foram identificados	Entrevista

Fonte: A autora, 2021.

O CPII está atualmente organizado em vinte Departamentos Pedagógicos dentre os quais figura o de Artes Visuais (DAV). O departamento possui 46 professores em regência. Desses, 19 são atuantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e

acham-se distribuídos em 5 *campi*, Engenho Novo I, Humaitá I, Realengo I, Tijuca I e São Cristóvão I. Por sua vez, 9 atuam no Ensino Médio Integrado, em outros 5 *campi*, Duque de Caxias, Engenho Novo II, Realengo II, Tijuca II e São Cristóvão III.¹⁷ A pesquisa abarcou todos os *campi* mencionados. Em virtude da realidade pandêmica da COVID-19, não foi possível a análise *in loco* dos recintos.

Salientamos que o número de professores atuantes nos Anos Iniciais (19), amostra A, é consideravelmente maior do que os do Ensino Médio Integrado (9), amostra B, em função da oferta da disciplina para os respectivos níveis e modalidades de ensino no CPII – do 1º ao 5º ano, no Ensino Fundamental, e apenas no 1º ano, no Ensino Médio. Foi dispensada minha contribuição como participante. Dessa forma, estimamos que colaborassem com a investigação 27 professores.

A amostra C, compreendia por indivíduos detentores de informações pertinentes acerca da memória desses recintos, seria acionada caso os dados fornecidos pelas primeiras fontes consultadas fossem insuficientes. Apesar de não obtermos dados substanciais sobre o histórico das salas de Artes do CPII, em função da realidade pandêmica e das conseqüentes necessidades de alteração do cronograma de pesquisa e revisão de estratégias para contato com os participantes, não foram realizadas entrevistas com os integrantes da amostra C.

3.2 Amostras/participantes

Na amostra A foram incluídos docentes de Artes Visuais do CPII que atuassem nos Anos Iniciais, ativos, efetivos ou contratados, com mais de um ano de experiência no segmento de ensino que concordassem em voluntariamente participar da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Foram excluídos aqueles que se desligassem dos Anos Iniciais no período da pesquisa. Excluí, também, a mim, pesquisadora.

Na amostra B foram incluídos docentes de Artes Visuais do CPII que atuassem no Ensino Médio Integrado, ativos, efetivos ou contratados, com mais de um ano de experiência na modalidade de ensino que concordassem em voluntariamente participar da pesquisa e assinar o TCLE. Foram excluídos aqueles que se desligassem de atividades do Ensino Médio Integrado no período da pesquisa.

Na amostra C (opcional) foram incluídos servidores do CPII, ativos e

¹⁷ Dados de setembro de 2019.

aposentados, que detivessem informações relevantes sobre as salas de Artes nos *campi* do CPII e concordassem em voluntariamente participar do estudo e assinar o TCLE. Foram excluídos aqueles que não tivessem disponibilidade para entrevista.

3.3 Instrumentos de geração de dados

Para coleta de dados foram utilizados dois instrumentos visando analisar o espaço físico que serve às aulas de Artes Visuais e as necessidades dos professores que dele se utilizam: questionário e diário de bordo.

- a) Questionário: levantamento de dados, a partir de um grupo de perguntas, respondidas por escrito pelos pesquisados, docentes de Artes Visuais. É importante destacar que o produto educacional foi definido a partir da expectativa dos professores, atuantes nos no Ensino Médio Integrado e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, expressada nos questionários. Os professores, a princípio, seriam os mais interessados no benefício de uma melhor organização de seu ambiente de trabalho.

Os dados, analisados qualitativamente, determinaram qual forma teria o produto educacional previsto: um guia prático com orientações para organização de salas de Artes. Portanto, a aplicação dos questionários ocorreu em dois momentos, em fase anterior à confecção do produto educacional, visando conhecer a conjuntura do objeto analisado (APÊNDICES C e D), e em fase posterior à confecção do produto (APÊNDICE E), para sua avaliação. O primeiro questionário possuía duas versões, uma voltada para docentes dos Anos Iniciais (APÊNDICE C), outra para docentes do Ensino Médio Integrado (APÊNDICE D). Aos participantes foram compartilhados os objetivos da pesquisa e apresentado o TCLE, para aceite digital. Os questionários foram aplicados por meio de formulário virtual.

- b) Diário de bordo: compilação de informações, verbais ou não, das salas ambiente de interesse para a pesquisa. Tal instrumento foi construído, com o intuito de identificar problemas e soluções organizacionais presentes nesses recintos, em fase anterior à elaboração do produto educacional.

Para compilação de informações do diário de bordo, houve a necessidade de substituir a observação *in loco* pela análise de registros fotográficos já existentes desses ambientes. Tais registros puderam ser obtidos com a contribuição de regentes atuantes nas salas de Artes Visuais dos diversos *campi* do CPII. É comum, na prática pedagógica de Artes Visuais, fotografar as aulas e possuir um acervo pessoal ordenado destes documentos.

Utilizei a plataforma *Survey Monkey* para a aplicação de questionários em formato digital. Os dados levantados a partir dos questionários foram analisados de forma qualitativa. O site World Clouds serviu-me para geração de nuvens de palavras e foi ferramenta auxiliar para análise qualitativa.

3.4 Descrição de etapas da pesquisa

A pesquisa foi compreendida pelas seguintes etapas: I) redação do projeto; II) solicitação de carta de anuência à instituição participante para submissão do projeto à Plataforma Brasil; III) submissão do projeto à Plataforma Brasil; IV) redação de texto e revisão; V) qualificação; VI) processo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), aplicação de questionários e registro em diário de bordo; VII) redação de texto e análise de dados; VIII) desenvolvimento de produto educacional e aplicação do mesmo; IX) revisões finais; X) defesa.

Para a primeira fase, realizamos levantamento bibliográfico (GIL, 2010) sobre assuntos referidos no presente projeto: ensino de Artes Visuais no CPII; histórico da sala de Artes no CPII; Artes Visuais e ensino integrado; adequação do espaço físico para o ensino de Artes Visuais.

Concluída a primeira etapa, foi possível elaborar instrumentos de coletas de dados. Com os instrumentos delineados, após recebimento da carta de anuência da instituição participante, submetemos o projeto à Plataforma Brasil. Demos continuidade à redação do texto e sua revisão. A partir da análise dos dados e desenvolvimento da redação do texto, foi concebido o produto educacional. O produto, depois de aplicado, foi avaliado. Feitas revisões finais no produto e na pesquisa, definimos data para a defesa. Dando segmento à descrição do processo de pesquisa realizado, apresento os resultados da análise dos dados coletados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Os questionários, direcionados a docentes de Artes Visuais do CPII atuantes nos Anos Iniciais (amostra A) e no Ensino Médio Integrado (amostra B), em formato semiaberto, foram aplicados remotamente através do *Survey Monkey*¹⁸. O primeiro convite para participação da pesquisa foi estendido aos professores do DAV em ocasião do colegiado do departamento, realizado ao final de julho de 2020. O compartilhamento do *link* dos questionários deu-se, no mês de agosto, via *e-mail* e *Whatsapp*. A alternativa de aplicação do questionário na modalidade remota bem como o seu compartilhamento pelas vias descritas são justificados pelo contexto pandêmico de COVID-19.

Para o tratamento dos dados coletados a partir desses instrumentos, lancei mão da obra *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin (1979). As perguntas, similares para os dois grupos de participantes, foram elaboradas com vistas a analisar as necessidades dos usuários da sala de Artes Visuais e reconhecer, com base nas percepções registradas, a realidade das salas ambiente por eles utilizadas.

Em linhas gerais, a metodologia desenvolvida por Bardin, uma proposta de análise qualitativa, consiste em, antes de tudo, organizar, após uma leitura inicial de um conjunto de documentos, aqueles que serão utilizados na investigação. É seguida pela codificação dessas fontes, etapa, fundada em uma segunda leitura, que compreende a identificação de unidades de registro. As unidades de registro nada são além de códigos, sejam eles nomes, temas, verbos, adjetivos e imagens, que se repetem ao longo do texto, selecionados com o fim de atender os objetivos determinados para a investigação. A concatenação dos códigos permite a tessitura de categorias. A partir da interpretação associativa dessas categorias, busco responder ao problema de pesquisa.

Considerando a natureza dos documentos analisados – questionários – levei em conta, para a criação de categorias de análise, quais os principais temas em torno dos quais se organizavam as perguntas nele presentes. Desta maneira, o esforço inicial para tratamento dos dados foi o de classificar as perguntas, uma a uma. Duas grandes categorias temáticas foram determinadas: 1) **perfil docente** – relativa a informações referentes aos respondentes dos questionários; 2) **espaço da sala de**

¹⁸ Plataforma de pesquisa virtual, disponível em pt.surveymonkey.com, que permite a criação e análise de questionários *online*.

Artes Visuais – relativa a informações referentes ao recinto da sala de Artes Visuais. De maneira mais específica, a partir dessas categorias “guarda-chuva”, elenquei categorias menores, também levando em conta assuntos presentes e, na maior parte dos casos, reincidentes nas perguntas dos questionários. No quadro adiante são identificadas as grandes categorias de análise e as subcategorias a elas relacionadas para classificação de perguntas. Algumas perguntas foram referidas a mais de uma subcategoria.

Quadro 2: Categorias de análise para classificação de perguntas

Perfil Docente	Espaço da sala de Artes Visuais
Idade	Existência e descrição
Formação	História da sala de Artes Visuais
Experiência docente	Organização e uso da sala de Artes Visuais
	Relação entre espaço e aprendizagem (atual e ideal)
	Manual para organização (produto educacional)

Fonte: A autora, 2021.

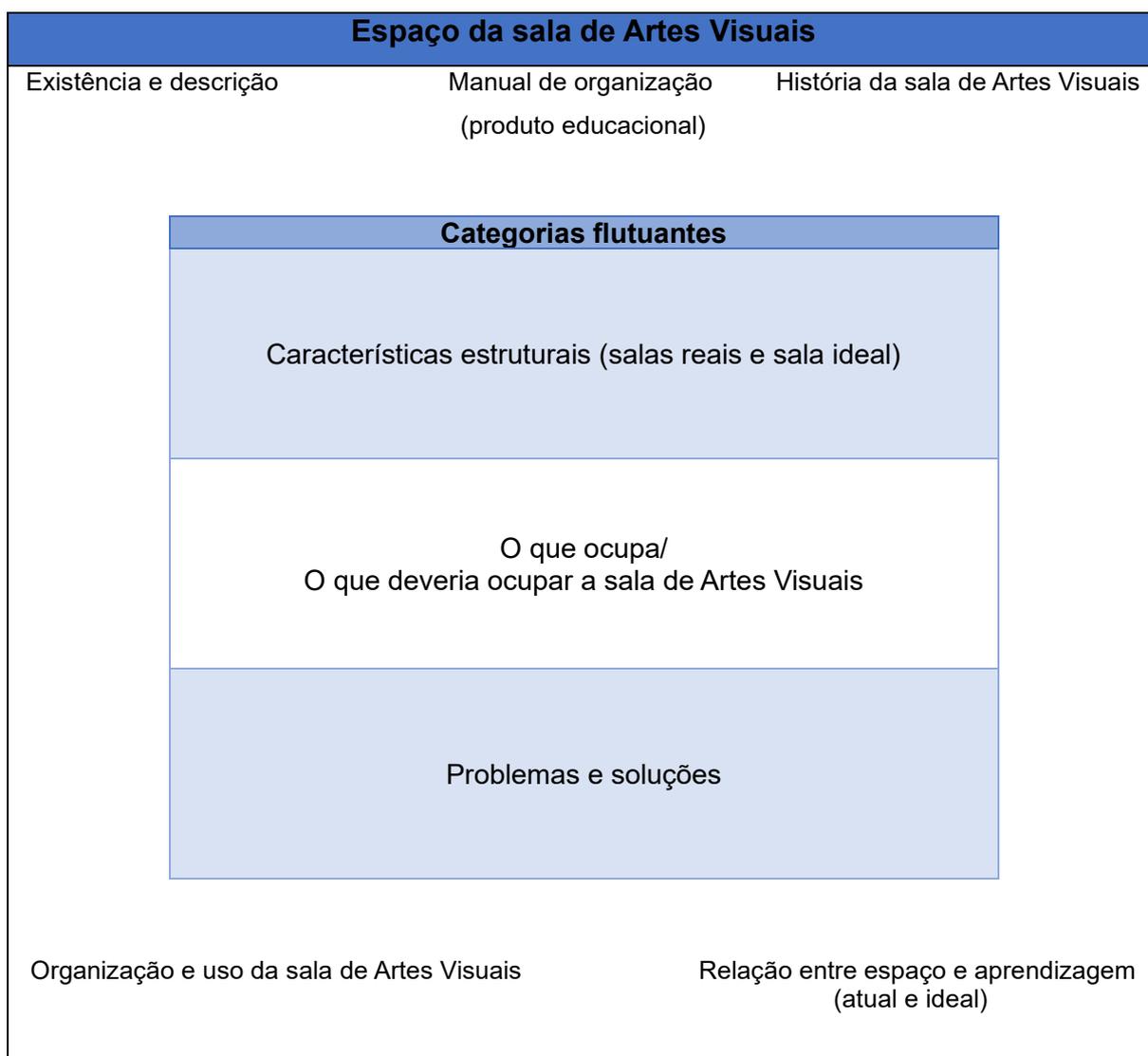
Em seguida, todas as respostas obtidas, destacadas dos questionários individuais dos respondentes, foram agrupadas por pergunta geradora. Como eu pretendia mapear informações sobre as salas de Artes Visuais e tinha em vista que a realidade das salas e os usos das mesmas em cada *campus* poderiam ser diferentes, associar as respostas ao seu contexto também foi indispensável. Um terceiro esforço, portanto, foi o classificar respostas, uma a uma, por respondente e respectivo *campus* de lotação. Utilizei um apelido para garantir-lhes o sigilo de identidade.

Relembro que os docentes atuantes nos Anos Iniciais acham-se distribuídos em 5 *campi*, Engenho Novo I (ENI), Humaitá I (HI), Realengo I (RI), São Cristóvão I (SCI) e Tijuca I (TI), e os de Ensino Médio Integrado em outros 5 *campi*, Duque de Caxias (DC), Engenho Novo II (ENII), Realengo II (RII), São Cristóvão III (SCIII) e Tijuca II (TII).

Depois de ordenadas e categorizadas as perguntas, segundo as classificações mencionadas, e as respostas, por respondente e *campus* de lotação, foi momento de olhar de maneira minuciosa para as respostas discursivas, em especial para aquelas voltadas para o espaço da sala de Artes Visuais. Algumas dessas respostas, pontualmente, poderiam apresentar dados pertinentes a outras categorias que não exclusivamente aquela(s) já utilizada(s) para classificar sua respectiva pergunta geradora.

Após análise apurada das respostas discursivas referentes à sala ambiente, senti a necessidade de criar novas categorias, que nomeio de “categorias flutuantes”. Chamo-as de categorias flutuantes porque não foram concebidas como as subcategorias já apontadas, determinadas para classificar as perguntas por temas. O exercício para agrupar dados em torno das categorias flutuantes foi transversal. Observando todas as respostas da grande categoria “espaço da sala de Artes Visuais”, aglutinei informações sobre 1) **as características estruturais de salas reais e da sala ideal**, sua instalação hidráulica, de luz, rede de *internet*, dimensões, cores, etc.; 2) **o que ocupa e o que deveria ocupar esses espaços**; 3) **os problemas** neles encontrados e **as soluções** desenvolvidas para os mesmos. A seguir é disposto um esquema explicativo.

Quadro 3: Categorias flutuantes



Fonte: A autora, 2021.

As categorias flutuantes permitiram criar um diagnóstico das salas de Artes Visuais existentes nos 10 *campi* aqui referidos, anterior a uma análise *in loco* dos espaços impossibilitada pelas circunstâncias de isolamento social consequente da pandemia de COVID-19¹⁹. Também indicaram um possível perfil de sala ideal. Com elas ainda logrei mapear os principais problemas arrolados pelos participantes da pesquisa como relativos a esses espaços e corresponder, quando mencionadas, as soluções para eles encontradas.

4.1 Amostra A: Professores de Artes Visuais do CPII atuantes nos Anos Iniciais

4.1.1 Perfil Docente (amostra A)

Havia sido previsto, em levantamento realizado junto à Coordenação Geral de Artes Visuais do CPII em 2019, um total 18 participantes em potencial para a amostra A. Na aplicação do questionário, houve o engajamento de 10 participantes. É importante ressaltar que entre os 10 questionários respondidos, 2 não puderam ser analisados em função de um critério de exclusão pré-estabelecido informado à Plataforma Brasil: seus respondentes estariam impossibilitados de compor a amostra por já haverem se desligado de atividades dos Anos Iniciais, apesar de possuírem largo tempo de experiência com o espaço da sala de Artes Visuais nesse segmento de ensino.

Tal equívoco de amostragem deu-se em função do convite, feito por mim e estendido ao DAV para contribuição com esta pesquisa por meio desse primeiro instrumento de coleta. Indiquei como único requisito para participação a experiência em Artes Visuais em segmentos específicos de ensino, os Anos Iniciais e o Ensino Médio Integrado, no CPII. Tivemos o aproveitamento, portanto, de 8 questionários na análise de amostra. Há representantes de todos os *campi* de Anos Iniciais existentes no CPII: 1 do Engenho Novo I, 2 do Humaitá I, 1 de Realengo I, 2 de São Cristóvão I e 2 da Tijuca I.

¹⁹ Apesar de impossibilitada de visitar pessoalmente os espaços no período previsto para análise *in loco*, como professora da casa conheço a maior parte das instalações dos diversos *campi* do CPII.

Quadro 4: Mapa de perfil docente (amostra A)

Campus de lotação	Apelido	Idade (anos)	Formação			Experiência Docente				
			Graduação	Outra graduação	Pós-Graduação	Tempo de trabalho no CPII (anos)	Tempo de atuação nos Anos Iniciais (anos)	Experiência com os Anos Iniciais antes do ingresso no CPII	Quantas turmas atende	Quais séries atende
ENI	Olivia	34	Lic. em Ed Artística - Habilitação em Artes Plásticas (UFRJ, 2007)	-	Mestrado Educação (UFRJ, 2014) Doutorado (UFRJ, 2019)	7	7	-	4 (Coord.)	2º, 3º e 4º anos
HI	Carmim	41	Lic. Plena em Artes Visuais (UERJ, 2015)	✓	Especialização Arteterapia em Educação e Saúde (IAVM / UCAM, 2006)	3	12	✓	4 (Coord.)	1º e 2º anos
	Ultramarina	58	Lic. Plena em Ed. Artística com Habilitação em História da Arte (UERJ, 1985)	-	Especialização Ensino da Arte (UVA, 2014)	10	10	-	8	1º ao 5º ano
RI	Fúcia	33	Lic. Plena em Artes Visuais (UERJ)	-	Mestrado Artes (UERJ, 2014)	5	9	✓	5 (Coord.)	1º e 4º anos
SCI	Eli	54	Lic. em Ed Artística - Habilitação em Artes Plásticas (UFRJ, 2000)	-	Mestrado (não indicou qual o curso e a instituição de formação)	20	17	Iniciou o seu trabalho no CPII em outro segmento de ensino	9	No mínimo 3 série diferentes ao ano
	Violeta	32	Lic. em Ed Artística - Habilitação em Artes Plásticas (UFRJ, 2010)	-	Mestrado História e Crítica de Arte (UFRJ, 2013)	7	9	✓	9	1º, 2º, 4º e 5º anos
TI	Amarelo	41	Lic. Plena em Ed. Artística com Habilitação em História da Arte (UERJ)	-	Especialização Sensibilidade em Educação Missal (2016) Mestrado Design (PUC RJ, 2003)	4	4	-	4 (Coord.)	1º ao 5º ano
	Arteira	61	Lic. Plena em Desenho e Artes Plásticas (UFJF, 1981)	-	Mestrado Arte e Cultura Contemporânea (UERJ, 2018).	12 Relatou ter tido experiência de contrato	31	✓	5	5º ano
Resumo dos dados		Idade média: 44,25	4 UERJ (50 %) 3 UFRJ (37,50%) 1 UFJF	-	Maior grau de titulação: Doutorado - 1 pessoa (12,50 %) Mestrado - 5 pessoas (62,50%) Especialização - 2 pessoas (25%)	Tempo médio: 8,50 anos	Tempo médio: 12,37 anos	-	-	A maioria atende a mais de uma série

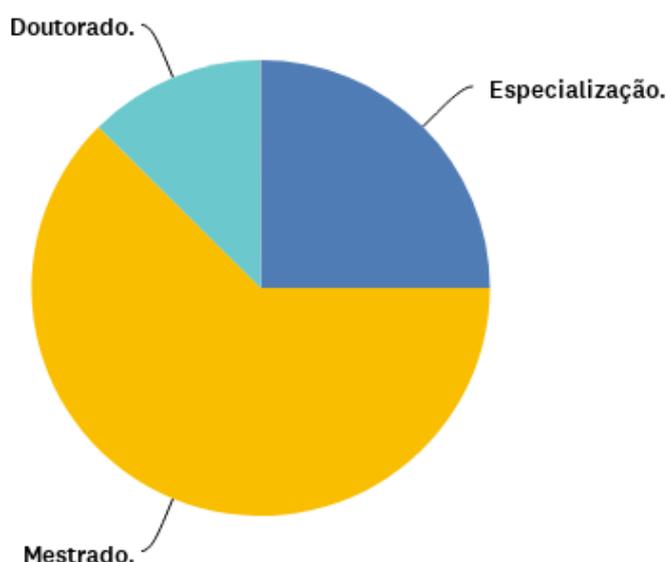
Fonte: A autora, 2021.

A partir do quadro 4, *Mapa de Perfil Docente (amostra A)*, disposto na página anterior, é apresentada uma visão geral do perfil das respondentes dos Anos Iniciais. Atualmente, 16 mulheres, incluindo a pesquisadora, e 3 homens lecionam Arte Visuais nos Anos Iniciais do CPII. Todas as respondentes são mulheres, a faixa etária média do grupo de amostra é de 44 anos, aproximadamente.

Quanto à sua formação, todas são licenciadas na grande área de Artes Visuais – vê-se variantes “Artes Visuais” e “Artes Plásticas”, por universidades públicas, 50 % delas (4 pessoas) pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e 37,5 % delas (3 pessoas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Apenas uma entre elas (12,5%) mencionou que possui graduação além da licenciatura em Artes Visuais. Acredito que seja um dado de importância o fato de tais professoras, atuantes nos Anos Iniciais, não serem generalistas, mas possuírem formação específica em Artes Visuais. O dado contribui, possivelmente, para que a abordagem empregada nos Pedrinhos para a disciplina, tanto na escolha curricular departamental quanto na prática docente, de equipe e individual, parta de pressupostos discutidos e fundamentados para o campo da Arte-Educação ao longo dos anos de pesquisa já trilhados pela área no país.

No gráfico a seguir, dada a importância da informação, faz-se um destaque da relação percentual do maior grau de formação das respondentes, o mestrado. Apesar de o dado figurar de outra forma na tabela anterior, o gráfico permite observar a diferença proporcional de maneira mais evidente.

Quadro 5: Maior grau de formação (amostra A)



Fonte: A autora, 2021.

Acerca de sua experiência docente, todas as participantes são professoras efetivas do CPII, uma entre elas relatou que possui experiência prévia como contratada na escola. No tempo contabilizado como seu tempo de trabalho no CPII, também considere o período de contrato explicitado. O intervalo médio do tempo de trabalho das docentes na instituição é de 8,5 anos. O intervalo médio de seu tempo de atuação nos Anos Iniciais é de 12,27 anos. 50 % das respondentes (4 pessoas) já possuíam experiência com os Anos Iniciais antes de seu ingresso no CPII. O tempo de experiência de 37,5 % delas (3 pessoas) com esse segmento corresponde ao seu tempo de trabalho no CPII. Apenas uma delas possui o tempo de experiência no segmento inferior a seu tempo de trabalho no CPII. Verifico, portanto, que se tratam de profissionais com anos de atuação nesse segmento de Ensino em Artes Visuais tendo algumas delas passagem por outras instituições o que permite inferir que a contribuição das respondentes deve oferecer para a presente pesquisa um bom panorama de dados acerca dos usos do espaço físico da sala ambiente de Artes Visuais e de visões sobre seus problemas e possíveis soluções para os mesmos.

Percebo que o quantitativo de turmas que cada professora atende é variado, 9, 8, 5 e 4 turmas. A carga semanal com cada turma corresponde a uma hora e vinte minutos, dois tempos de aula. Deve-se considerar que o quantitativo de turmas varia dependendo da função que a professora ocupa. Caso possua carga de gestão, por ser coordenadora de equipe no *campus*, coordenadora em pós-graduação no CPII, ou, ainda, carga no Espaço Cultural²⁰ da escola, terá redução de carga com as turmas.

Quadro 6: Compilação de respostas à pergunta “Quais séries atende?”

Campus	Respondente	Quais séries atende?
ENI	Olivia	“2 , 4 e 5 anos”
HI	Carmim	“Sempre atuei em todas as séries dos anos iniciais. Em 2020, atuaria apenas no primeiro e segundos anos.”
	Ultramarina	“Da primeira à quinta séries.”
RI	Fúcsia	“No ano de 2020 estou com o 1º e 4º ano”
SCI	Eli	“De 1º a 5º ano, com no mínimo 3 séries diferentes por ano”
	Violeta	“1º, 2º, 4º e 5º”
TI	Arteira	Atualmente para o quinto ano
	Amarelo	“1 ao 5 ano”

Fonte: A autora, 2021.

²⁰ Fundado em 1999, o Espaço Cultural é sito no *Campus* de São Cristóvão e está ligado à Direção de Culturas e à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do CPII. Seus membros são docentes de Artes Visuais e Educação Musical da instituição. Buscando promover a Cidadania Cultural, o Espaço Cultural realiza exposições locais e itinerantes, para garantir que as mostras artísticas se façam presentes em todos os *campi* do CPII e no CREIR.

As professoras parecem atender a uma variedade de séries. Note-se que apenas uma, Arteira, menciona que leciona para uma única série.

4.1.2 O espaço da sala de Artes Visuais nos Anos Iniciais

Mas afinal, o que é uma sala de Artes Visuais? Todas as respondentes da amostra A são concordes em descrever a sala como um local preparado para a execução de trabalhos artísticos. Algumas definem esse ambiente como sendo:

- “espaço adequado a [sic] produção” (Olivia, ENI)
- “ambiente que ofereça múltiplas possibilidades a [sic] criação facilita o processo criativo e o desenvolvimento de projetos” (Carmim, HI)
- “espaço que permita uma prática artística sem grandes entraves físicos” (Fúcsia, RI)
- “uma sala que supra as necessidades e preceitos da disciplina em si, além de marcar uma identidade para o que é um trabalho de Educação pela Arte na escola.” (Violeta, SCI)
- “importantíssimo espaço de convivência, onde ocorre identificação dos alunos com a disciplina e nossos combinados, facilitação do uso de diversos materiais, onde tentamos acolher e fornecer possibilidades de conhecer os encantos e saberes artísticos” (Amarelo, TI)

Tais características correspondem à descrição de um ateliê. O ateliê, caro ao ensino de Artes Visuais, pelo que indica a fala das docentes, está presente em todos os *campi* de Anos Iniciais do CPII. Esses 5 *campi* possuem ao menos uma sala de Artes Visuais. O único *campus* que possui mais de uma sala para a disciplina, duas, no caso, é o *Campus* de São Cristóvão I. É necessário observar que o quantitativo de turmas nesse *campus* é superior em relação aos demais, quase o seu dobro.

Quadro 7: Quantitativo de turmas de Anos Iniciais, dados de 2019.

	ENI	HI	RI	SCI	TI
1º turno	10	10	10	20	10
2º turno	10	10	9	19	10
TOTAL	20	20	19	39	20

Fonte: A autora, 2021.

Quadro 8: Motivações para o uso frequente da sala de Artes Visuais (amostra A)

Campus	Respondente	Justificativa	Motivação do uso
ENI	Olivia	“É a única possível a qual comporte as dinâmicas pensadas pelos docentes com o mínimo de conforto.”	NATUREZA DO TRABALHO DE ARTES VISUAIS
HI	Carmim	“A necessidade de que minhas aulas sejam ministradas espaço de ateliê, que facilita a experimentação artística, a exploração de diversos materiais e a busca de soluções para questões teórico/práticas.”	NATUREZA DO TRABALHO DE ARTES VISUAIS ATELIÊ ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO PESQUISA TEÓRICO-PRÁTICA
	Ultramarina	“Considero importante a sala ambiente, com uma configuração de espaço de experimentação/ateliê, e com elementos diretamente ligados à área de conhecimento da Arte: livros, imagens, produções dos alunos e diversidade de materiais”	NATUREZA DO TRABALHO DE ARTES VISUAIS ATELIÊ ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO PESQUISA TEÓRICO-PRÁTICA
RI	Fúcsia	“A organização dos horários da equipe, para que não haja conflito de horários e uso do espaço.”	GRADE HORÁRIA
SCI	Eli	“Atribuo à especificidade das aulas serem de abordagem prática, e com uso experimental de diferentes materiais e propostas criativas.”	NATUREZA DO TRABALHO DE ARTES VISUAIS ABORDAGEM PRÁTICA ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO ESPECIFICIDADE
	Violeta	“Nossa própria metodologia e prática docente compartilhada por equipe e também pelo nosso Programa curricular”	NATUREZA DO TRABALHO DE ARTES VISUAIS PRÁTICA DOCENTE CURRÍCULO
TI	Amarelo	“É importantíssimo espaço de convivência, onde ocorre identificação dos alunos com a disciplina e nossos combinados, facilitação do uso de diversos materiais, onde tentamos acolher e fornecer possibilidades de conhecer os encantos e saberes artísticos. Adoraríamos ter mais espaços de possibilidades no colégio, mas ficamos bastante restritos ao uso do pátio, onde ocorrem os recreios, e a quadra, utilizada nos mesmos horários geralmente. No entanto, aulas nesses espaços já ocorreram, buscando sair um pouco da restrição do ambiente exclusivo da sala de Arte. Costumo utilizar os tatames para organizar um ambiente mais informal e descontraído dentro da própria sala, visando enriquecer as experiências e trocas com os alunos.”	NATUREZA DO TRABALHO DE ARTES VISUAIS CONVÍVIO ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO
TI	Arteira	“Local destinado para as propostas e com características próprias para a realização do trabalho.”	NATUREZA DO TRABALHO DE ARTES VISUAIS

Fonte: A autora, 2021.

Quando questionadas “Você utiliza sala(s) de Artes com que frequência com sua(s) turma(s)?” (pergunta 21, em formato múltipla escolha), as respondentes afirmaram, invariavelmente, que a utilizam todas as aulas. No quadro 8, indico qual a justificativa dada pelas professoras, por meio de resposta discursiva, para o uso frequente desse recinto (pergunta 22). A fim de confrontar suas falas, para cada justificativa destaquei uma ou mais atribuições para o uso da sala. É possível consultar a compilação das respostas à pergunta 22 e a relação de motivações do uso por mim destacadas em cada uma delas no quadro mencionado.

Observei que nas justificativas feitas pelas professoras a maioria (7 pessoas) atribui a regularidade do uso da sala à natureza do trabalho da disciplina Artes Visuais que dependeria de um recinto com características estruturais específicas. Determinadas respondentes expuseram com maior exatidão que outras quais as especificidades desse espaço de aprendizagem. Um(a)s descreveram-no como um ambiente de experimentação relacionado a uma prática. Outras, explicitamente, nomearam esse ambiente de experimentação de ateliê.

Elucido que a ideia de experimentação artística, antes citada, além carregar um sentido de ludicidade, traz consigo, nos argumentos das professoras, a noção de exercício investigativo (Carmim, Ultramarina, Eli, Amarelo). Isso porque se entende que ela compreende a “exploração de diversos materiais e a busca de soluções para questões **teórico/práticas**.” (Carmim, HI, grifo nosso). Ressalto a relação estabelecida entre teoria e prática no texto redigido por Carmim. O ateliê, não menos que um laboratório, é um local de pesquisa construída a partir de experiências. A sala de Artes Visuais também é vista como elemento inseparável da “nossa própria metodologia e prática docente compartilhada por equipe e também pelo nosso Programa curricular” (Violeta, SCI).

A sala também é referida como um “importantíssimo espaço de convivência” (Amarelo, TI). Em se tratando de convívio, veremos, mais adiante, que o mobiliário utilizado nas salas de Artes Visuais aqui analisadas permite a execução rotineira de trabalhos coletivos, o que as diferencia de salas de aula tradicionais.

Apenas uma professora entre as 8 não menciona a natureza do trabalho pedagógico de Artes Visuais na justificativa para o uso periódico da sala. Fúcsia atribui a regularidade à “organização dos horários da equipe” que garante a ausência de “conflito de horários e uso do espaço”. Entendo que sua ponderação complementa a de suas colegas. De fato, sem um cálculo nesse sentido, que considere a colisão de

horários, seria impossível receber as turmas todas as aulas nas salas de Artes Visuais.

Ao longo do questionário, além da sala específica para a aula, algumas respondentes descreveram espaços auxiliares, de responsabilidade da equipe de Artes Visuais, que existem em seus *campi*. O *Campus* Tijuca I possui um laboratório fotográfico anexo e um pequeno almoxarifado interno. O *Campus* São Cristóvão I e o *Campus* Humaitá I também possuem almoxarifado próprio.

É comum haver almoxarifados centrais nos *campi* do CPIL. Em cada *campus*, além da reprografia, que atende a setores administrativos e pedagógicos locais e terá a necessidade de redistribuir papéis para toda a escola, dificilmente outro espaço, que não a sala de Artes Visuais, irá demandar o mesmo volume de materiais de consumo de pintura e papelaria. Daí ser estratégico, para organização da equipe e dinâmica do *campus*, haver um almoxarifado próprio para a disciplina, anexo ou interno à sala. Sendo ela um ateliê, a sala de Artes Visuais apresenta altas demandas de materiais uma vez que cada uma delas “atende, aproximadamente 500 crianças e...”, no caso do *Campus* Humaitá I, “...4 turmas por dia” (Carmim, HI).

4.1.2.1 Organização do espaço (amostra A)

Um ambiente de ateliê, fora ou dentro da escola, necessariamente exige dinâmicas de organização refinadas, isso porque esse recinto comporta, não apenas matéria prima e ferramentas para a elaboração de trabalhos artísticos, mas também acervo produzido. Além disso, é preciso entender que “matéria prima e ferramentas” englobam, também, referências textuais, visuais e áudio visuais, visto que nesta proposição de ateliê como espaço de aprendizagem, fazeres artísticos não se dissociam de saberes artísticos. O conhecimento técnico, a experiência sensível, a observação, a contextualização, a fruição, as trocas com o coletivo, não necessariamente nessa ordem, se interpenetram.

Trata-se de um ambiente compartilhado por todos os alunos e pela equipe inteira de Artes Visuais presentes em um mesmo *campus*. As dinâmicas de organização, por esse motivo, devem ser acordadas entre todos os usuários. Quando questionadas, em pergunta múltipla escolha, “Você organiza periodicamente sua sala? Pode-se assinalar mais de uma opção.” (pergunta 28), todas as professoras afirmaram que fazem essa atividade antes de suas aulas. Outras a isso acrescentaram que organizam o espaço e seus materiais durante e após as aulas no recinto.

Quadro 9: Frequência de organização da sala (amostra A)

OPÇÕES DE RESPOSTA	RESPOSTAS	
Sim, costumo organizar a sala antes das aulas.	100.00%	8
Sim, costumo organizar a sala durante as aulas.	62.50%	5
Sim, costumo organizar a sala após as aulas.	75.00%	6
Organizo apenas quando percebo que é necessário.	0.00%	0
Não, não organizo a sala periodicamente.	0.00%	0
Total de respondentes: 8		

Fonte: A autora, 2021.

Apesar de algumas docentes (3 pessoas) não indicarem que organizam elas próprias a sala durante as aulas, todas confirmaram que, nesse interim, há uma organização dinamizada pelos estudantes (perguntas discursivas 29, “Quanto tempo você usa para essa organização?”, e 30, “Os estudantes ou o restante da sua equipe de professores de Artes do campus também participam da organização da sala? Em qual momento e de que forma?”). Levando-se em conta que as crianças estão em processo de construção de autonomia, friso que tal organização é orientada pelas professoras:

- “Meus alunos seguem um protocolo de organização previamente combinado.” (Carmim, HI)
- “Crianças são incentivadas a cuidar e organizar dos materiais usados em suas mesas, e compartilhar a organização da sala e materiais como um todo, numa perspectiva coletiva e comuna.” (Violeta, SCI)

Segundo Fúscia (RI), “a organização faz parte do aprendizado do trabalho no ateliê/ sala de aula”. Ultramarina (HI) comenta que a participação dos estudantes “na organização é um objetivo que vai sendo amadurecido ao longo do ano com cada professor e cada turma. Não é fácil, mas temos buscado estratégias de participação cada vez mais efetiva dos estudantes nesse processo.”

As professoras também destacam o esforço em realizar organizações de maior porte, periodicamente, com a equipe de Artes Visuais do *campus*: “Na verdade a organização maior da sala se dá durante as Reuniões da equipe, mas para cada aula, organizo antes, durante e depois” (Arteira, TI).

Distinguimos, portanto, a partir da fala das participantes, três tipos de organização empreendidas na sala ambiente de sua disciplina: 1) organização da

equipe docente; 2) organização individual docente, e 3) organização discente.

A organização da equipe docente envolve ressurgimento de materiais coletivos (Eli, SCI), montagem de murais (Violeta, SCI) e a organização da sala em si, o que pode significar descarte de itens, realocação de mobiliário e outros objetos/ferramentas do espaço e acondicionamento de acervo. Ocorre com frequência em reuniões de planejamento de equipe (Olívia, ENI; Arteira, TI), mas também pode dar-se em “tempos livres” (Eli, SCI).

A organização individual docente é diária, específica para cada aula. Como argumenta Carmim, e, em outras palavras, Violeta, Eli e Ultramarina, é importante que haja variedade de “materiais, suportes, dimensões e meios” nas propostas artísticas. Tal variedade traz consigo dificuldades na organização do recinto, separação e preparação de materiais, dificuldades talvez quase que exclusivas a professores que trabalham em salas ambiente. O tempo empreendido nessa tarefa

é muito variável, se for uma arrumação entre aulas, dependendo do tipo de material usado na aula pode levar de 15 a 30 minutos. Mas no final de um dia de trabalho com várias turmas, muitas vezes precisamos dedicar uma hora ou até mais para deixar a sala em ordem para as aulas do dia seguinte, muitas vezes dadas por outra professora. Ultramarina, HI)

Percebo que a organização individual é realizada em momentos distintos. Antes das aulas, compreendendo, possivelmente a disposição de mobiliário e materiais conforme as atividades propostas para o dia; pode ser efetuada entre aulas (Ultramarina, HI), para sua manutenção, e depois do turno ou ao final do dia (Eli, Ultramarina), para o rearranjo de tudo à sua posição original.

Conforme já apontado, **a organização discente** ocorre com a supervisão docente, os alunos devem manter o material utilizado na aula organizado no seu transcurso. Tal colaboração, vale dizer, terá limitações. Amarelo descreve-a da seguinte forma: as crianças “organizam o que usam. Eu costumo organizar a sala toda para facilitar os usos e manutenção, divisão de materiais e arrumação em caixas para guardar, etc.” Nos minutos finais da aula, prepara-se o espaço para a próxima turma que utilizará a sala, uma tarefa que pode envolver “de 20 a 30 minutos, algumas vezes. depende do material utilizado” (Arteira, TI). “Os estudantes participam durante todo o processo e principalmente nos 10 minutos finais.” (Arteira, TI)

As professoras participantes, com frequência, destacam que o tempo investido por elas em organização é variável conforme a proposta planejada para as suas aulas

(pergunta 29). O quadro a seguir indica a frequência de organização da sala segundo o relato das respondentes (pergunta 28).

Quadro 10: Frequência de organização da sala (amostra A)

Campus	Respondente	Frequência		
		antes da aula	durante a aula	após a aula
ENI	Olivia	✓	✓	✓
HI	Carmim	✓	✓	✓
	Ultramarina	✓	x	✓
RI	Fúcsia	✓	✓	✓
SCI	Eli	✓	✓	✓
	Violeta	✓	✓	✓
TI	Amarelo	✓	x	x
	Arteira	✓	x	x

Fonte: A autora, 2021.

Considerando minha experiência como docente no CPIL, é de meu conhecimento que apesar de contar-se com o auxílio da equipe de serviços gerais para a limpeza da sala e, eventualmente, para o deslocamento de mobiliário pesado, a higienização das ferramentas de trabalho e seu acondicionamento requerem familiaridade com a disciplina e são responsabilidade da equipe de Artes Visuais. Em bibliotecas ou laboratórios na instituição, prevê-se que haja funcionários específicos – bibliotecários, auxiliar de biblioteca e auxiliar de laboratório – a suportar a organização e sistematização de materiais nesses espaços. É preciso dizer que, com o pequeno quadro técnico que possuímos, a presença de mão de obra do tipo não é garantida em todos os laboratórios e bibliotecas existentes nos diversos *campi* do CPIL.

Percebo que no que tange à organização, sua complexidade logística e a demanda de esforço físico para sua execução, é pouco provável que outra equipe, ainda que utilize salas ambiente – sala de Música, quadra desportiva, sala de Literatura, biblioteca, laboratório de Informática e outros laboratórios – possua tão grande demanda de carga horária quanto a equipe de Artes Visuais. A princípio, a carga utilizada para organização das salas, para todos os professores do CPIL, é computada da mesma maneira, como “manutenção”. Institucionalmente, a manutenção corresponde ao tempo empreendido em todas as tarefas de planejamento de aulas: preparação de material, pesquisa, organização de sala etc. Para calcular-se a carga de manutenção de um professor, faz-se um espelho de sua carga de ensino. Se um professor leciona 16 tempos de aula, sua manutenção será

de 16 tempos. É possivelmente por utilizarem esta medida estimada invariavelmente para todas as disciplinas e segmentos de ensino que afirma Ultramarina (HI) que o tempo utilizado na organização do ateliê não é computado como carga de trabalho: “Os professores de Artes Visuais precisam usar tempo antes das aulas e depois das aulas para realizar essa organização. Tempo esse que não é computado na nossa carga horária.”

É provável que um dos maiores desafios no esforço organizacional da sala de Artes Visuais seja o uso de materiais coletivos para elaboração de propostas artísticas: “mantendo os materiais de uso coletivos oferecidos aos alunos sempre abastecidos, limpos e organizados para as aulas seguintes”.(Eli, SCI) É comum que, em salas de aula regular, o alunado use, com maior frequência, o material individual, aquele que o estudante dispõe no estojo e na mochila que traz para a escola e leva de volta para casa. O descuido desse material individual terminará por prejudicar apenas o seu dono. Contudo, o mau uso ou mau acondicionamento ou a simples disposição não acordada entre os usuários do material coletivo termina prejudicando não apenas o usuário que provocou tais falhas, mas todos aqueles que compartilham o espaço e seus materiais.

Displicências em qualquer um desses aspectos podem comprometer o desenvolvimento de uma aula. Já me ocorreu de entrar em uma sala numa segunda-feira e encontrar pincéis sujos em diversas mesas, aventais jogados, tintas mal fechadas e a pia abarrotada de materiais. O espaço fora emprestado no sábado para um grupo que desconhecia os procedimentos de organização do mesmo. Talvez imaginassem, equivocadamente, que a equipe de serviços gerais se encarregaria da tarefa. Para minimizar o comprometimento à proposta do dia, já que atenderia a quatro turmas ao longo dele, aloquei todos os materiais dentro da pia, para esvaziar as mesas, e fui organizando-os conforme pude de forma esparsa em momentos de aula e entre aulas. Optei por trabalhar apenas com desenho com os alunos, uma técnica seca, para que a pia não fosse utilizada. Felizmente, as tintas não se estragaram, como os potes tinham grande volume delas, o tempo de sua exposição não foi o suficiente para seu enrijecimento completo e perda definitiva. Mas houve perdas no aproveitamento das aulas, sem dúvidas, e um desgaste físico e emocional para mim que poderia ter sido facilmente evitado. Assim, entendo que a “perspectiva coletiva e comuna” a que se referiu Violeta (SCI), perpassa estudantes e professores que se utilizam de um mesmo espaço.

A organização do ateliê trata-se, portanto, de um esforço coletivo para o coletivo. Sem organização não há dinâmica de ateliê que se sustente. Faz-se imperativo que, além de contribuir para que os estudantes desenvolvam autonomia em sua produção plástica e criativa, o professor oriente e construa com eles uma rotina de organização do espaço e seus materiais. Nesse sentido, tal organização, além de visar a aprendizagem efetiva de Artes Visuais, é, por si só, uma aprendizagem indispensável para a disciplina nesse segmento de ensino.

4.1.2.2. Relação entre espaço e aprendizagem (amostra A)

Todas as docentes consideram que o ambiente influencia na aprendizagem (pergunta 23), apenas para uma delas ele influencia mas não é determinante na aprendizagem. Deve-se ter em vista que a presença do ateliê não é uma garantia para todas as escolas e sua manutenção é do interesse das professoras que dele se utilizam. O ateliê permite o desenvolvimento de um trabalho diferenciado de ensino pela Arte e é uma forma de democratização do acesso à cultura em uma instituição de ensino pública.

Dizer que o espaço influencia, mas não é determinante na aprendizagem, por outro lado, é uma forma não deixar de dar reconhecimento e legitimidade às muitas aulas de ensino formal em Artes Visuais que ocorrem em circunstâncias nas quais o espaço e a oferta de materiais não são ideais, se a sala ambiente para a disciplina inexistente ou se há outros fatores limitadores em sua infraestrutura. Ao se considerar que condições são necessárias para desenvolver-se trabalhos artísticos, certo é que, dentro do paradigma atual para as Artes Visuais, não há materiais mais nobres ou menos nobres a serem utilizados, linguagens artísticas superiores ou inferiores. Como afirma Arthur Danto (2010, p.7)

a percepção básica do espírito contemporâneo foi formada no princípio de um museu em que toda a arte tem o seu devido lugar, onde não há critério *a priori* sobre que aparência essa arte deve ter, e onde não há nenhuma narrativa à qual o conteúdo do museu tenha que se ajustar completamente.

Danto refere-se ao paradigma da colagem, também mencionado por Marx Ernst (apud DANTO, 2010): é possível justapor, contrapor, reorganizar os materiais e as referências mais diversas. A arte contemporânea aproxima-se da vida ordinária e estimula a apropriação de qualquer ou quaisquer elementos existentes para a concepção do objeto de arte.

Pergunto: a premissa de que tudo pode ser utilizado para fazer-se arte invalida a necessidade da existência do ateliê em escolas? Posso dizer que as professoras sustentam, em seus argumentos, a sua presença, (pergunta 33). São unânimes em defender a existência de salas ambiente específicas, equipadas, para aulas de Artes Visuais nos Anos Iniciais. Também concordam que as dinâmicas de organização da sala de Artes Visuais nos Anos Iniciais podem contribuir de alguma forma com o ambiente dessa disciplina no Ensino Médio (pergunta 34). Isso porque “o enfoque no ateliê e na reflexão do fazer artísticos [sic] poderiam ser o cerne dos conteúdos do Ensino Médio. Como de fato já ocorre no Cp2” (Olivia, ENI). Violeta (SCI) explica que “a organização praticada nos Anos Iniciais diz mais sobre os preceitos da disciplina em si, que metodologia específica [sic] de um segmento”. Outras respondentes confirmam que a prática de ateliê já é empregada no CPIL em ambos os segmentos de ensino e não deve ser vista como restrita a uma única faixa etária. Entendo que através desse espaço a escola deve “oportunizar a experiência criativa se quiser participar na construção da cidadania ativa e crítica” dos estudantes (Ultramarina, HI). A premissa “tudo pode ser utilizado para fazer-se arte” longe de invalidar a presença do ateliê em escolas, o confirma.

A sala ambiente de Artes Visuais, segundo as respondentes, deve ser acolhedora (Arteira, TI) e multifuncional (Carmim, HI). Deve “Possibilitar novas experimentações do espaço, criando rodas de conversa em torno de uma grande mesa, juntando todas as mesas em uma só, colocando todas as cadeiras no entorno dela” (Arteira, TI). Levo em conta que “A pesquisa prática e o espírito ‘*maker*’ fazem parte da proposta artística que aposta no ateliê como um dos principais ambientes de aprendizagem” (Carmim, HI). A importância e a justificativa da existência de um espaço do tipo em escolas coincide com a importância da própria área de conhecimento Arte e seu ensino:

Penso que desde bem pequenas, as crianças devam ter possibilidade de experimentar possibilidades criativas e saberem que elas podem também se tornarem artísticas, por meio de inúmeros tipos de propostas práticas em que corpos, materiais diversos, e estimulações de pesquisa sejam possibilidades concretas diante delas em sala de aula. Porque a arte é o que há de mais potente no que dá sentido a todos os demais aprendizados e tipos de pensamentos e reflexões, sobre a vida e o mundo, no desenvolvimento humano. (Eli, SCI)

Também é destacado que ao se propor um ensino de arte, os espaços utilizados para isso devem estimular autonomia e promover liberdade, seja na forma como são acessados os materiais nele presentes, seja na forma como nele são acessados os conteúdos trabalhados disciplinarmente por docentes e discentes. É necessário possibilitar

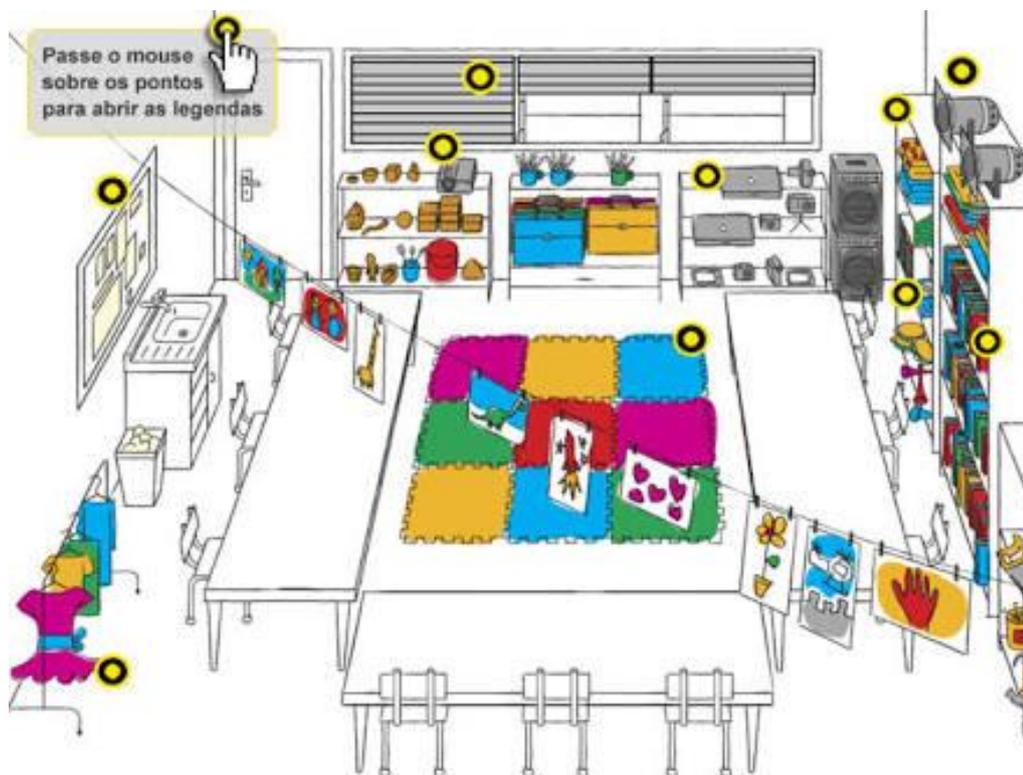
LIBERDADE, se estamos tratando aqui de forma, precisamos lembrar que forma e conteúdo sempre andam juntos, e queremos uma sala que propicie um espaço de libertação, que provoque o desejo de liberdade de expressão. Como disse lindamente Mário Pedrosa: "Arte é o exercício experimental da liberdade". A sala ideal deve oferecer acesso a essa experiência, porque talvez a escola seja o único lugar aonde [sic] a criança vai ter essa oportunidade, e isso pode mudar a vida de uma criança. (Ultramarina, HI)

A isso complemento: uma sala de aula regular dificilmente atenderá a essas exigências. Não poderia deixar de fazer menção à prática, relatada por algumas respondentes (Arteira e Amarelo, TI) de utilização de outros espaços da escola, além da sala de Artes Visuais, para aulas da disciplina, em especial para experimentações com os corpos. Amarelo (TI) diz "Adoraríamos ter mais espaços de possibilidades no colégio, mas ficamos bastante restritos ao uso do pátio, onde ocorrem os recreios, e a quadra, utilizada nos mesmos horários geralmente." Outras respondentes também destacaram a importância da mobilidade e liberdade dos corpos no espaço utilizado para a aula (Carmim, HI; Eli, SCI; Olivia, ENI; Violeta, SCI)

As únicas duas participantes que responderam à questão 32, na qual solicitei que por meio de imagem descrevessem como deveria ser a sua sala, indicaram o ateliê multifuncional, com móveis coletivos, como modelo de preferência (figuras 7 e 8).

O ensinar deve facilitar a aprendizagem e, por esse motivo, o aprender não necessita estar distante do encantar-se ou mesmo da sensação de prazer por essa prática. O ateliê é um ambiente propício ao encantamento artístico e ao despertamento criativo. Volto a reforçar que com isso não se defende uma prática atelierista que promova o fazer pelo fazer. Quando associado a leituras de mundo e à investigação de elementos concretos, o ateliê é capaz de aguçar o olhar, a mente e as mãos para interpretações críticas, sensíveis e proposições autorais não alienadas.

Figura 7: Resposta de Olívia (ENI) à pergunta “Como deveria ser a sua sala?”



Fonte: Respondente Olívia (imagem anexada ao questionário), 2021.

Figura 8: Resposta de Carmim (HI) à pergunta “Como deveria ser a sua sala?”



Fonte: Respondente Carmim (imagem anexada ao questionário), 2021.

Devo dizer que, em minha trajetória como discente na educação básica, o ateliê me compeliu a buscar uma formação universitária em Artes Visuais. Na universidade, ocorreu o inverso, o ateliê me compeliu à docência em Artes Visuais. Na Escola de Belas Artes da UFRJ, uma professora em especial me marcou, Lourdes Barreto, lecionava *Pintura A* explicando toda a alquimia das tintas, abrindo livros em meio a pigmentos, aglutinantes, bisnagas e pincéis. Também recomendava visitas frequentes à biblioteca. Ver a História da Arte aplicada, identificar-me com produções de diferentes épocas e contextos culturais, conhecer a estrutura química da tinta, compilar minhas produções, encontrar a minha “constelação” de referências visuais, reconhecer meu caminho autoral, saber a impressão dos outros sobre ele. Foi nessa “confusão” elucidadora que entendi um pouco mais o alcance pedagógico que poderia ter o ateliê. E com o ateliê, a prática docente que eu desejava ter. Concordo com as respondentes, o espaço influencia a aprendizagem e o ateliê reflete pressupostos teóricos e filosóficos do ensino de Artes Visuais.

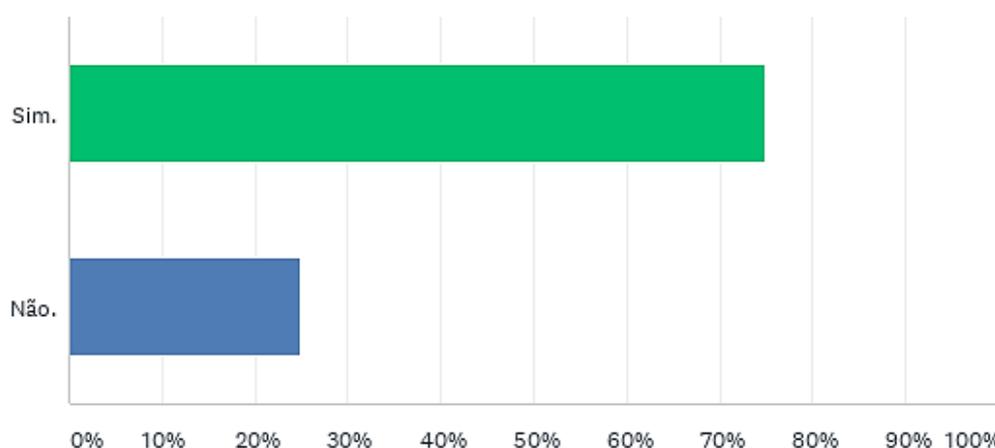
4.1.2.3 História das salas

A fim de recuperar-se o histórico das salas de Artes Visuais dos dez *campi* que foram analisados através desta pesquisa, fez-se necessário conhecer, minimamente, o histórico das instalações do CII. Através do questionário, poucos dados foram obtidos. Busco apresentar um breve relato desse histórico associando a fala das professoras participantes ao contexto geral de seu *campus*. Correspondendo o presente item à amostra A, me ative por hora aos cinco *campi* de Anos Iniciais. A obra *Memória Histórica do Colégio II – 180 anos de História na Educação do Brasil* serviu de base para tal contextualização.

A obra *Memória Histórica* (2017) oferece-nos poucas informações descritivas sobre a estrutura física das unidades escolares dos Anos Iniciais inauguradas na década de 1980, elas não permitem verificar a presença de salas de Artes Visuais na estrutura original de todos os prédios. Para averiguar com maior precisão dados sobre tais estruturas pode ser um caminho possível, em pesquisa complementar a essa, consultar plantas originais das instalações. Apesar de possuir contato do setor de engenharia e também do de memória da escola, em virtude da pandemia, o acesso a

fontes primárias do tipo tornou-se, por tempo indeterminado, inviável. A aplicação do questionário revelou que, entre as participantes, há ao menos uma representante de cada *campus* familiarizada com o histórico da sala de Artes Visuais utilizada por sua equipe (quadro 11), todas as participantes confirmaram que desde o seu ingresso na escola havia sala ambiente para a sua disciplina. Também foram indicados pelas respondentes outros servidores da escola com o mesmo conhecimento. Para delinear-se, em pesquisa complementar a esta, um histórico, parece estratégico lançar mão, futuramente, de entrevistas.

Quadro 11: Respondentes familiarizadas com o histórico da sala de Artes Visuais de seu campus (amostra A), porcentagem



Fonte: A autora, 2021.

Indico, por ordem de inauguração de *campus*, os poucos dados compilados sobre suas respectivas salas de Artes Visuais. Para isso, as respostas à pergunta 20, “A(s) sala(s) mudou/mudaram ao longo dos anos? De que forma?”, serviram como principal fonte de informação.

- Salas de Artes Visuais do *Campus* São Cristóvão I:

O Pedrinho de São Cristóvão foi inaugurado no Complexo escolar de São Cristóvão em 1984 (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p.111). A respondente Eli indicou que ao longo de seus anos de existência “As salas não mudaram muito, elas sofreram alterações de melhorias em uma” delas e que “Recebemos aparelhos de ar condicionado e forração do teto.”

- Sala de Artes Visuais do *Campus* Humaitá I

O Pedrinho do Humaitá foi criado em portaria em 1984 e inaugurado em 1985 (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p.111). Carmim informou que a sala de Artes Visuais passou por sua maior mudança quando o *campus* foi reformado. Através da obra *Memória Histórica*, verifiquei que a reforma iniciou em 2014, havia necessidades de melhorias nas instalações, o espaço foi desocupado e demolido quase que em sua totalidade para construção de prédios novos. A escola foi transferida temporariamente para um imóvel alugado e, ao final de 2016, pôde retornar à sua localização de origem. Acerca das novas instalações, na obra *Memória Histórica* cita-se a sala de Artes Visuais. (COLÉGIO PEDRO II, 2017).

Ultramarina teceu comentários sobre a sala ambiente existente nas instalações originais da unidade: “A sala de Artes Visuais do *campus* antes da obra era uma sala boa, não era exatamente pequena porém um pouco apertada para acomodar as mesas, alunos, materiais e a movimentação típica de uma aula de Artes.”. A mesma professora destaca que a equipe anterior desenhou móveis planejados para o recinto. Já mencionei nesta pesquisa que a atual equipe de Artes Visuais também se engajou em um projeto de móveis planejados para sua sala. Logo, projetar móveis é uma tarefa que envolveu, até o momento, duas formações de equipes de Artes Visuais nos anos existência do *Campus* Humaitá I.

- Sala de Artes Visuais do *Campus* Engenho Novo I

Em 1986 foi a vez de inauguração do Pedrinho do Engenho Novo, criado em portaria em 1985. (COLÉGIO PEDRO II, 2017). Hoje o local conta com uma sala ambiente para a disciplina Artes Visuais que, segundo Olivia, passou por uma mudança ao longo dos anos: “Mudou de lugar basicamente. Era no segundo andar. Por dificuldade de mobilidade da antiga coordenadora (...) Foi para o primeiro andar. Isso nós [sic] anos 2000...algo assim... então a sala foi transferida para o andar de baixo e nunca mais saiu de lá.”

- Sala de Artes Visuais do *Campus* Tijuca I

Em 1987, inaugurou-se o Pedrinho da Tijuca, criado em portaria em 1985. A estrutura de seu prédio, comunicado a um prédio maior que servia aos Anos Finais do

Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, não comportava bem o quantitativo de alunos. Em 1996 foram realizadas reformas na Unidade Tijuca II que permitiram que fosse erguido um novo prédio, com quatro andares, anexo ao original. Com isso, o primeiro andar da nova construção ficou reservado para aulas de Núcleo Comum, ministradas por docentes generalistas, e permaneceram no prédio antigo as aulas de Educação Física, Artes Visuais, Educação Musical, Laboratório de Informática e Sala de Leitura (COLÉGIO PEDRO II, 2017). Entendo, portanto, que ao menos a partir de 1996, havia salas ambiente de Artes Visuais no local.

Anos mais tarde, segundo a obra *Memória Histórica*, como resposta à mobilização da comunidade escolar, em especial pais que exigiam o padrão de estrutura existente nos demais *campi* para o Tijuca I, o *campus* foi transferido para outro prédio adquirido pela escola, apartado do *Campus* Tijuca II (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p.362). À época, me recordo que se dizia, na instituição, que a estrutura do prédio estava comprometida colocando em risco a segurança de seus usuários. Arteira menciona a transferência do local de *campus* “Houve uma mudança do *Campus* Tijuca I do Colégio Pedro II da Tijuca Para [sic] Vila Isabel. O edifício, depois de reformado, foi inaugurado em 2017, entre os espaços de aprendizagem mencionados na obra *Memória Histórica* como presentes no novo prédio consta a sala de Artes Visuais (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p.362).

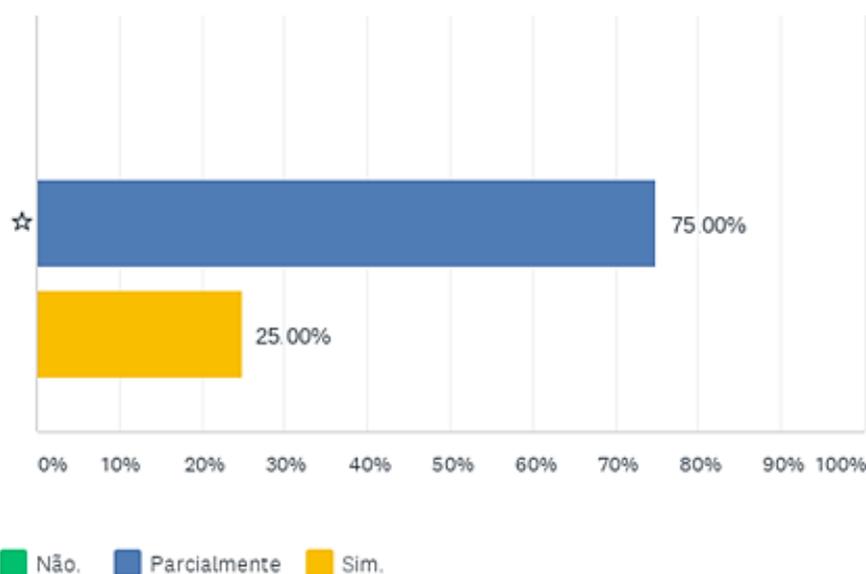
- Sala de Artes Visuais do *Campus* Realengo I

Como os demais Pedrinhos, a criação do Pedrinho de Realengo foi subsequente a do Pedrão. O Pedrão de Realengo, inaugurado em 2004 em instalações temporárias, foi transferido para sede própria em 2006. O local, uma antiga fábrica de cartuchos, complexo de construções tombado que fora desocupado por muitos anos necessitou, por esse motivo, de grande investimento em obras de urbanização e restauração. Nesse Complexo Escolar, começou a funcionar a partir de 2010 a unidade voltada para os Anos Iniciais. Segundo Fúscia, a sala de Artes Visuais de Realengo I passou por mudanças ao longo de seu tempo de existência, entre elas “Neste ano ganhamos a janela externa, pois o *campus* passou por obras, permitindo que ela fosse reaberta (ela ficou um tempo coberta pelos nossos armários, para proteção das crianças). Ganhamos novas mesas e mapotecas.”

4.1.2.4 Descrição das salas (amostra A)

Das 8 respondentes, 2 (25%) estão totalmente satisfeitas com a sala de Artes Visuais de seu *campus* de lotação e 6 (75%) parcialmente satisfeitas (pergunta 26), vide o gráfico a seguir.

Quadro 12: Grau de satisfação com a sala de Artes Visuais (amostra A)



Fonte: A autora, 2021.

Em alguns momentos de suas falas, as professoras descreveram as salas de Artes Visuais onde lecionam, as **salas reais**, com suas qualidades e limitações. Em outros, indicaram aquilo que almejam para as mesmas, o que esperam de uma **sala ideal**. Nos parágrafos seguintes, busquei descrever as salas de Artes Visuais referidas confrontando a percepção das professoras do espaço real e sua visão do que seria um espaço ideal. Para tanto foram geradas nuvens de palavras e quadros comparativos.

Em se tratando das salas reais, é necessário lembrar, como visto no item anterior, “História das salas”, que em cada *campus* vivencia-se circunstâncias particulares: há salas reformadas ou que carecem de reforma, criadas recentemente ou com mais anos de existência, desativadas, provisórias, há *campus* que mudou de localidade e, por conseguinte, sua equipe experienciou realidades diferentes, uma anterior e outra posterior, em seu recinto de trabalho. As nuvens de palavras e quadros que veremos adiante, no que tange às salas reais, podem mesclar as condições de uma sala antiga utilizada por uma equipe de Artes Visuais em um determinado *campus* e as condições de sua sala atual. A menção ou não de salas

antigas e salas atuais foi espontânea e se optou por não omitir dados acerca de realidades temporais diferentes.

Parte desses dados, compilados, conformaram a categoria flutuante **características estruturais das salas reais e da sala ideal de Artes Visuais**. A partir dela, gerei duas diferentes nuvens de palavras, “Características estruturais das **SALAS DE ARTES VISUAIS REAIS**” (figura 3) e “Características estruturais da **SALA DE ARTES VISUAIS IDEAL**” (figura 4).

No esforço de coleta de dados para essa categoria, as respostas às questões “Descreva como é/são a(s) sua(s) sala(s)” (pergunta 16) e “Como deveria ser a sua sala?” (pergunta 31) serviram de fontes principais. Contudo, considerei de forma transversal todas as respostas do questionário que, individualmente, correspondiam a esse agrupamento temático. Na tabulação, aproximei expressões de mesmo sentido semântico contabilizando-as como ocorrências de uma mesma entrada como, por exemplo “ampla” e “grande”, ambas foram contabilizadas em “ampla”. A fim de garantir, nas nuvens elaboradas, uma visão equânime dos recintos analisados presentes em cinco *campi*, quais as suas características mais preponderantes e quais as mais particulares, aquilo que foi mencionado por pessoas de um mesmo *campus* mais de uma vez não foi contabilizado. Levei em conta que houve maior adesão de participantes em determinados *campi*, a contabilização irrestrita poderia gerar distorções na visão geral das condições estruturais reais e desejáveis para as salas, privilegiaria a percepção de *campi* com maior adesão à pesquisa. O mesmo critério foi utilizado para todas as nuvens de palavras e quadros que constam no tópico “Descrição das salas”. Para produzir as nuvens, utilizei o portal eletrônico²¹ *WordClouds*. A fim de realizar leituras assertivas das mesmas, é necessário ter em vista que as dimensões dos vocábulos nelas presentes é proporcional à sua ocorrência, aqueles mais mencionados possuem tamanho maior. As variações das tonalidades de azul das palavras contidas nas nuvens é aleatória sendo sua finalidade exclusivamente estética.

Percebo que entre as características estruturais descritas das **salas de Artes Visuais reais** (figura 9), os dois itens de maior ocorrência dizem respeito às dimensões do ambiente: “ampla” e “pequena”. Outras palavras, inseridas no contexto da espacialidade, podem ser aproximadas dessas duas: “apertada” – diz respeito à

²¹ <https://www.wordclouds.com/>

ocupação de elementos no recinto, quando há pouco espaço para trânsito – e “menor” – a sala é menor se comparada a outra usada para o mesmo fim.

Figura 9: Nuvem de palavras - Características estruturais das SALAS DE ARTES VISUAIS REAIS (amostra A)



Fonte: A autora, 2021.

Parece não haver um padrão institucional para o tamanho de recintos utilizados pela disciplina, ainda que sejam voltados para turmas de um mesmo segmento de ensino e para um quantitativo de alunos, por turma, similar. Há uma evidente discrepância. Ainda são citados “almojarifado interno amplo” e “pequeno almojarifado”, outra aparente discrepância. De forma geral, alternam-se problemas estruturais – infiltração, ausência de pia, ventilação precária, iluminação precária, desativação do recinto – e descrições objetivas das salas ambiente – iluminada, paredes brancas, retangular, janelas grandes, iluminação natural, azulejada.

Figura 10: Nuvem de palavras - Características estruturais da SALA DE ARTES VISUAIS IDEAL (amostra A)



Fonte: A autora, 2021.

Analisando a segunda nuvem de palavras onde constam as características estruturais da **sala de Artes Visuais ideal** (figura 10), vê-se que a amplitude do espaço foi a menção mais recorrente, citada por representantes de 4 dos 5 *campi* analisados. É desejável que o ambiente seja amplo, essa parece ser a principal preocupação das respondentes. Há uma coerência, portanto, entre tal incidência e a observada no caso da nuvem de palavras das salas reais onde os itens de maior ocorrência também dizem respeito às dimensões do ambiente. Vale lembrar que as duas respondentes que disseram estar totalmente satisfeitas com a sala ambiente onde lecionam estão lotadas nos *campi* de São Cristóvão I e Realengo I cujas salas ambiente da disciplina, conforme a descrição das professoras, são dotadas de grandes dimensões. As salas de São Cristóvão chegaram a ser citadas, por outra professora, como modelo de sala ideal, especialmente em função de seu tamanho,

por isso figuram como item na segunda nuvem de palavras.

Depois de “ampla”, as expressões mais mencionadas são: “espaço para trabalhos corporais”, “almoxarifado”, “iluminada” e “iluminação natural”. Espaço para trabalhos corporais: mencionado por dois *campi*, a condição para realização de atividades do tipo depende tanto das dimensões da sala quanto da disposição dos elementos nela presentes, posso, então, aproximar o termo a outro termo, também mencionado, “espaçosa”. O almoxarifado, citado da mesma maneira por dois *campi*, é um espaço que auxilia a organização do ateliê de Artes Visuais. Com a presença desse recinto anexo, é possível esvaziar o recinto principal, palco das produções, experimentações e trabalhos corporais, do estoque de materiais de uso não imediato, garantindo, ao ateliê, melhor circulação e aproveitamento de espaço. Sobre as menções a sala iluminada e iluminação natural, é importante ressaltar que a luz está diretamente relacionada à percepção e criação visuais, mesmo partindo-se do pressuposto de que a criação plástica não prescinde da visualidade, podendo ter como sentido primeiro o tato. Boas condições de luz em um ateliê e a garantia de iluminação natural, tanto para saúde e acolhimento de seus usuários, quanto como condição para uso do ambiente, são indispensáveis.

Os demais itens da nuvem de palavras, mencionados apenas vez, de maneira geral aludem à organização da sala, uma organização ditada pelos usos pedagógicos de um ateliê multifuncional em uma escola. Faço alguns destaques neste último conjunto de palavras. As expressões “área para ferramentas de modelagem”, “tanque de argila” e “área de estúdio” têm relação com técnicas artísticas específicas. Os termos “azulejada” – referente a recobrimento para paredes – e “chão de granitina”²² – tipo de piso – correspondem a materiais resistentes que facilitam a limpeza do espaço. Faz-se menção, ainda, à necessidade de existência de uma área exclusiva para materiais de uso das professoras, de área ao ar livre, acesso à rede de internet, garantia de boa ventilação e boa acústica.

O confinamento por nós vivenciado recentemente em um contexto pandêmico traz em relevo a imprescindibilidade de áreas ao ar livre, não só para observação do espaço, realização de atividades corporais, mas como dinâmica de aula e saúde para

²² Também chamada de granilite, esse piso, que pode possuir uma variedade de cores e texturas, é feito a partir de grãos de mármore ou granito integrados a uma matriz de cimento ou outro agente adesivo. A granitina pode ser produzida diretamente no local de aplicação ou pré-fabricada, no formato de placas. (ALLEN; IANO, 2013)

os usuários. Da mesma forma, a ventilação será uma preocupação prioritária para qualquer sala no retorno a aulas presenciais. No caso de salas ambiente de Artes Visuais, a questão ganha contornos específicos, por serem locais de estoque e uso de materiais como tintas e colas, a ventilação inadequada pode gerar desconforto e alergia aos usuários. Um recinto com acústica mal projetada que recebe grupos grandes de alunos simultaneamente pode tornar-se bastante ruidoso, quanto mais em meio a práticas ativas de ateliê que envolvam experimentações de diferentes materiais, o sentimento de “eureka” por parte das crianças e movimentações corporais intensas. O distanciamento espacial observável na arquitetura dos *campi* aqui analisados da sala de Artes Visuais e de outras salas ambiente em relação às salas de aula regular, talvez justificado pela acústica, poderia ser contornado, em havendo um bom projeto de engenharia nesse sentido.

Outra categoria flutuante, **o que ocupa e o que deveria ocupar as salas de Artes Visuais**, permitiu a tabulação comparativa de itens mencionados pelas representantes de cada *campus* (quadros 13 e 14). A busca e seleção de dados para inserção na tabela deu-se de forma transversal, assim como no caso das nuvens de palavras antes apresentadas. A intenção ao gerar a tabela foi a de verificar as preocupações gerais assim como de cada equipe de *campus* acerca daquilo que existe (o que é real) ou deveria existir nas salas ambiente da disciplina (o que seria ideal). Essa tabulação comparativa permitiu a identificação de 8 subcategorias de itens: 1) mobiliário; 2) louças e metais; 3) equipamento de produção e reprodução audiovisual; 4) ar-condicionado; 5) extintor de incêndio; 6) geladeira; 7) materiais de arte (de qualidade) e 8) material de consulta.

Noto que entre os itens existentes na sala, a subcategoria mais mencionada, com uma diferença considerável, foi a de mobiliário, tanto para o caso do que há nas salas reais quanto no caso do que se imagina que deveria haver em uma sala ideal.

Quadro: 13: O que há na sala de Artes Visuais (amostra A)

ENI	HI	RI	SCI	TI
<p>MOBILIÁRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> armário (estocagem) bancadas mesas coletivas mesas dobráveis murais (para expor trabalhos dos alunos) papeleira 	<p>MOBILIÁRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> armários de aço armário com prateleira e gavetas armário para materiais das professoras cadeiras cortinas (para vedar o sol) engradados empilhados 2 estantes para materiais e papéis 3 estantes de aço (almoarifado) estantes de livros gaveteiros mapoteca mesas de apoio 1 mesa para professor 1 mesa grande mesas coletivas móvel cabideiro para aventais quadro branco tela de projeção quadro branco grande 	<p>MOBILIÁRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> bancadas 3 mesas grandes para crianças mapoteca móvel 	<p>MOBILIÁRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> armários com gaveteiros armários (mobiliário de apoio) bancadas independentes bancos coletivos estantes mesas grandes coletivas mobiliário de apoio secadores de trabalhos 	<p>MOBILIÁRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> armário para organização de materiais comuns às turmas armário planejado abaixo da pia bancada com pia divisórias para aventais cadeiras cortina compartimentos de divisão de materiais para uso diário espelho mesas grandes coletivas novas mesas de tampo plástico novas azuis quadro branco tatame varal
<p>EQUIPAMENTO DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO AUDIOVISUAL</p> <ol style="list-style-type: none"> computador data show 	<p>LOUÇAS E METAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 2 pias 	<p>LOUÇAS E METAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 2 pias 	<p>LOUÇAS E METAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 3 pias com cubas independentes 	<p>LOUÇAS E METAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> Pia
	<p>LOUÇAS E METAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 pia com 3 torneiras larga de inox 			
	<p>EQUIPAMENTO DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO AUDIOVISUAL</p> <ol style="list-style-type: none"> computador TV 			
	<p>GELADEIRA</p>			
	<p>EXTINTOR DE INCÊNDIO</p>			

Quadro 14: O que deve haver na sala de Artes Visuais (amostra A)

ENI	HI	RI	SCI	TI
<p>MOBILIÁRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. área de secagem de trabalhos 2. bancos empilháveis 3. cortinas 4. espaço para mochilas dos alunos 5. mesa de luz 6. mesas dobráveis 7. papelaria 8. tapetes/esteiras 9. espaço acessível para materiais de uso diário <p>EQUIPAMENTO DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO AUDIOVISUAL</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. computador 2. equipamento de filmagem e fotografia 3. fundo verde para filmagem 4. impressora multifuncional A3 5. tela de projeção 6. tripé <p>LOUÇAS E METAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. tanque de argila 2. 2 tanques de limpeza 	<p>MATERIAL DE CONSULTA</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Imagens 2. Livros <p>MOBILIÁRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. escada para pegar elementos no alto de estantes 2. estante e compartimentos organizadores para materiais diversos estante para livros acessível a crianças 3. mesas e cadeiras resistentes 4. mesas de apoio 5. mobiliário adequado para secagem de trabalhos de pintura e colagem 6. mobiliário de apoio para produções tridimensionais 7. móvel para pendurar aventais 8. Materiais e mobiliários acessíveis ou adaptados para alunos com necessidades específicas 9. Prateleira para secagem de pincéis e outros recipientes <p>LOUÇAS E METAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. pia ampla ou tanque amplo <p>EQUIPAMENTO DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO AUDIOVISUAL</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. câmeras fotográficas 2. câmeras de vídeo 3. computadores e programas de edição 4. equipamentos de iluminação 5. fundo infinito 6. projetores 7. Televisão 8. Tripé <p>MATERIAIS DE ARTE (DE QUALIDADE)</p>	<p>MOBILIÁRIO</p> <p><i>De forma geral, as condições atuais atendem às demandas de uso da sala</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. bancadas 2. 3 mesas grandes para crianças 3. Mapoteca 4. Móvel <p>LOUÇAS E METAIS</p> <p><i>De forma geral, as condições atuais atendem às demandas de uso da sala</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. 2 pias 	<p>MOBILIÁRIO</p> <p><i>De forma geral, as condições atuais atendem às demandas de uso da sala</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Mobiliário mais aconchegante e adequado para os usos 2. Renovação modernização do mobiliário <p>LOUÇAS E METAIS</p> <p><i>De forma geral, as condições atuais atendem às demandas de uso da sala</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. 3 pias com cubas independentes <p>AR-CONDICIONADO</p> <p>EQUIPAMENTO DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO AUDIOVISUAL</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. equipamentos atualizados de projeção de imagem 	<p>MOBILIÁRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. cadeiras 2. cortinas 3. mesas 4. projetor de slides 5. materiais disponíveis (acesso) 6. armário 7. muitos murais 8. espaço para roda de conversa <p>AR-CONDICIONADO</p> <p>LOUÇAS E METAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. bancada com pia

Fonte: A autora, 2021.

Quanto ao mobiliário existente, é evidente que privilegia atividades coletivas ou facilita a interação e troca entre alunos ao realizarem atividades individuais, não há carteiras, há: “mesas grandes para crianças” (RI), “mesas coletivas” (ENI, HI), “mesas grandes coletivas” (SCI, TI), “bancos coletivos” (SCI), “armário para organização de materiais comuns às turmas” (TI), e deseja-se “espaço para roda de conversa” (TI). A organização espacial é reflexo do currículo institucional para a disciplina, conforme indica o PPPI vigente:

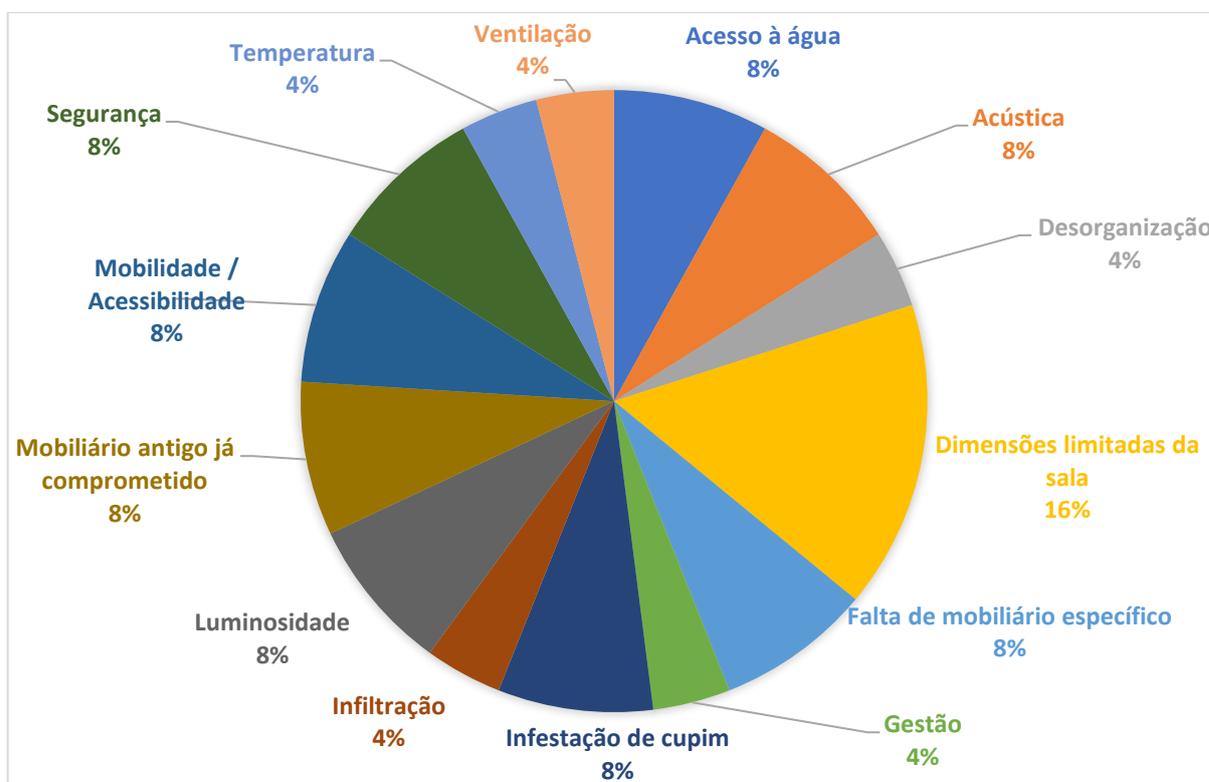
As propostas e avaliações são apresentadas e negociadas entre docentes e estudantes nas rodas de conversa, que são o ponto de partida para as reflexões coletivas, garantidas pela própria organização física do espaço da sala de aula em formato de ateliê, com mesas, área, materiais de uso coletivo e específico da disciplina. (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p.203)

Em função do perfil coletivo das ações pedagógicas na sala ambiente de Artes Visuais, Ultramarina revela preocupações com o possível retorno às aulas de ateliê no período pandêmico de COVID-19: “com o advento da pandemia essa questão vai ficar mais complexa, uma vez que o manuseio de materiais coletivos é desaconselhável.” De fato, é um desafio o que nos está posto adiante. Acreditamos no trabalho de ateliê e este de caráter coletivo, como propiciar uma experiência similar ou alternativa aos estudantes, uma experiência vivenciável de ensino pela Arte que nos seja palpável, segura, democrática e tão cara e efetiva como a de antes? O que nos será possível? Talvez essa seja a pergunta chave do tempo presente. O que nos será possível saberemos e estamos descobrindo na prática e através do diálogo, por enquanto por meio de contato remoto, entre professores e demais profissionais de ensino, estudantes e suas famílias.

Retomando o que indicaram as respondentes acerca do que deveria haver na sala ambiente de Artes Visuais, depois de mobiliário, a preocupação das professoras incide sobre equipamento de produção e reprodução áudio visual seguida de louças e metais, ar-condicionado e, por último, materiais artísticos de qualidade. Apesar de entender que as participantes, conhecendo o objetivo desta pesquisa, que se volta para a organização e usos do espaço da sala de Artes Visuais, naturalmente busquem mencionar bens de consumo duráveis em suas projeções de sala ideal, como mobiliário e equipamentos de audiovisual, devo destacar que bens de consumo imediato, como materiais de desenho, pintura e escultura, que pertenceriam ao arcabouço da produção de arte tradicional, figuraram no final da lista. Não obstante o destaque feito, percebo que o mobiliário citado pelas docentes, como vê-se nas nuvens de palavras a seguir, favorecem atividades plásticas diversas, dentre elas, as tradicionais.

A terceira e última categoria flutuante que nos serviu para tabulação e geração de gráficos da amostra A foi **problemas encontrados nas salas de Artes Visuais e soluções desenvolvidas**. A coleta de dados foi realizada de forma transversal, considerei todas as respostas do questionário afins com a categoria. Foram identificadas 14 subcategorias de problemas. No caso de duplicata de menção de uma mesma subcategoria em um dado *campus*, contabilizei o item apenas uma vez. Como já indicaram nuvens de palavras anteriores (vide figuras 9 e 10) em se tratando das características estruturais da sala ambiente de Arte Visuais, a maior preocupação das professoras é com as dimensões do recinto. Isso é coerente com o percentual de ocorrência das subcategorias identificadas, a mais mencionada, representando 16% (quadro 15), é dimensões limitadas da sala, citada por representantes de 4 dos 5 *campi* analisados (ver quadro 17).

Quadro 15: Problemas vivenciados nas salas de Artes Visuais de Anos Iniciais (amostra A)



Fonte: A autora, 2021.

Quadro 16: Problemas da sala e soluções encontradas (amostra A)

Campus	Problemas da sala/espço	Solução
ENI	DIMENSÕES LIMITADAS DA SALA → Descrição do problema: Sala pequena para o quantitativo de alunos.	Remoção de mesa do professor. Mesas dobráveis. Deslocamento de papeleira.
	INFESTAÇÃO DE CUPIM → Descrição do problema: Cupim em murais.	Descarte, substituição de murais por madeiras finas.
	FALTA DE MOBILIÁRIO ESPECÍFICO → Descrição do problema: Necessidade de mobiliários e armários que facilitem o uso para alunos e professores.	Não mencionada.
	MOBILIDADE/ACESSIBILIDADE → Descrição do problema: Dificuldade de mobilidade da antiga coordenadora (sala no 2º piso).	Mudança da sala ambiente para sala no primeiro andar.
HI	ACESSO À ÁGUA → Descrição do problema: Seria mais confortável ter um número maior de bicas (há apenas três)	Não mencionada.
	ACÚSTICA → Descrição do problema: Falta de isolamento acústico. → Causa: Mau planejamento de obra.	Não mencionada.
	DESORGANIZAÇÃO → Descrição do problema: Aventais desorganizados.	Adaptação de antigo móvel, transformado em cabideiro.
	DIMENSÕES LIMITADAS DA SALA → Descrição do problema: Apertada para acomodar mesas, alunos, materiais e para a dinâmica típica de uma aula de Artes (antes da obra).	Obras.
	FALTA DE MOBILIÁRIO ESPECÍFICO → Descrição do problema: Falta área para secagem.	Não mencionada.
	INFESTAÇÃO DE CUPIM → Descrição do problema: Cupim. → Causa: Mobiliário antigo.	Novos móveis projetados por profissionais.
	LUMINOSIDADE → Descrição do problema: Iluminação natural era um pouco precária. → Causa: basculantes altos e estreitos.	Obras.
	MOBILIÁRIO ANTIGO JÁ COMPROMETIDO Descrição do problema: Móveis desgastados, gavetas emperradas.	Novos móveis projetados por profissionais.
	MOBILIDADE/ACESSIBILIDADE → Descrição do problema: Pias acionadas com dificuldade por algumas crianças.	Bicas adaptadas (pedaços de mangueira foram acoplados a elas para que não jorrasse água para fora da pia)

Campus	Problemas da sala/espço	Solução
HI	<p>VENTILAÇÃO</p> <p>→ Descrição do problema: Umidade no almoxarifado</p> <p>→ Causa: Basculantes altos e estreitos.</p>	Obras
RI	Não mencionado.	Não mencionada.
SCI	<p>ACESSO À ÁGUA</p> <p>→ Descrição do problema: Sem pia.</p>	Não mencionada.
	<p>ACÚSTICA</p> <p>→ Descrição do problema: Ruídos na sala, provenientes do ambiente externo.</p>	Vedação de som na área da porta com isopor.
	<p>DIMENSÕES LIMITADAS DA SALA</p> <p>→ Descrição do problema: Sala pequena.</p> <p>→ Causa: Sala temporária com estrutura inferior à original. Infiltração na sala original, necessidade de transferência para outro espaço.</p>	<p>Remoção de tablado para ampliação de espaço.</p> <p>Uso da sala anexa para turmas de 1º e 2º anos (crianças de menor porte, menor número de alunos)</p> <p>Rodízio da equipe para uso da sala com melhor estrutura.</p>
	<p>GESTÃO</p> <p>→ Descrição do problema: Estratégias para solucionar o problema de fragilização e infiltração do teto dependem de instâncias superiores e de interação com outro <i>campus</i>.</p>	Não mencionada.
	<p>GESTÃO</p> <p>→ Descrição do problema: A sala recebe mobiliários de descarte de outros espaços quando esses espaços recebem mobiliário novo.</p>	Não mencionada.
	<p>INFILTRAÇÃO / SEGURANÇA</p> <p>→ Descrição do problema: Teto frágil com vazamentos do andar de cima. Aguardando reforma.</p> <p>→ Fator limitador: Estratégias para solucionar o problema dependem de instâncias superiores e de interação com outro <i>campus</i>.</p>	Uso de sala anexa (temporária) sem a mesma infraestrutura.
	<p>LUMINOSIDADE</p> <p>→ Descrição do problema: Luminosidade impedia projeção de imagens</p>	Aplicação de cartolina preta em janelas
	<p>MOBILIÁRIO ANTIGO JÁ COMPROMETIDO</p> <p>→ Descrição do problema: O mobiliário não é renovado, já apresenta desgaste pelo uso.</p> <p>→ Causa: A sala recebe mobiliários de descarte de outros espaços quando esses espaços recebem mobiliário novo.</p>	Não mencionada.
	<p>TEMPERATURA</p> <p>→ Descrição do problema: Sala com temperaturas elevadas em dias de calor.</p>	Instalação de ar-condicionado.

Campus	Problemas da sala/espço	Solução
TI	DIMENSÕES LIMITADAS DA SALA → Descrição do problema: Dificuldade em acomodar coisas em um espaço restrito. → Causa: O prédio não foi projetado para a escola, foi adquirido e reformado. → Fator limitador: Não há como expandir a sala.	Não mencionada.
	DIMENSÕES LIMITADAS DA SALA → Descrição do problema: Dificuldade em realizar trabalhos corporais e formação de rodas de conversa.	Rearranjo de mesas e cadeiras para diversas atividades
	DIMENSÕES LIMITADAS DA SALA → Descrição do problema: Faltam mais paredes para mural.	Não mencionada.
	SEGURANÇA → Descrição do problema: Granito frágil na área da pia, área aberta onde crianças entravam. → Causa: Mau planejamento de obra.	Instalação de armário planejado abaixo da pia

Fonte: A autora, 2021.

Quadro 17: Resumo de categorias de problemas mencionadas por campus (amostra A)

		CAMPUS					Total de menções:
		ENI	HI	RI	SCI	TI	
P R O B L E M A S	Acesso à água	x	✓	x	✓	x	2
	Acústica	x	✓	x	✓	x	2
	Desorganização	x	✓	x	x	x	1
	Dimensões limitadas da sala	✓	✓	x	✓	✓	4
	Falta de mobiliário específico	✓	✓	x	x	x	2
	Gestão	x	x	x	✓	x	1
	Infestação de cupim	✓	✓	x	x	x	2
	Infiltração	x	x	x	✓	x	1
	Luminosidade	x	✓	x	✓	x	2
	Mobiliário antigo já comprometido	x	✓	x	✓	x	2
	Mobilidade / Acessibilidade	✓	✓	x	x	x	2
	Segurança	x	x	x	✓	✓	2
	Temperatura	x	x	x	✓	x	1
	Ventilação	x	✓	x	x	x	1
	Total de menções	4	10	0	9	2	

Fonte: A autora, 2021.

À subcategoria dimensões limitadas da sala, seguem-se, empatados em menções, outros problemas (cada um, tendo sido citados por 2 *campi*, representando 8% do total de ocorrências, ver quadro 17): acesso à água, acústica, falta de mobiliário específico, infestação por cupim, luminosidade, mobiliário antigo já comprometido e mobilidade/acessibilidade. Note, mobiliário é mencionado em duas subcategorias distintas. O *campus* que indicou mais problemas foi Humaitá I (ver quadro 17), ressaltando que o resultado numérico não indica necessariamente que as usuárias da sala enfrentam mais dificuldades que as demais respondentes. Vale lembrar que essa equipe fez o recente esforço de projetar móveis planejados e que esse empreendimento envolveu reconhecer entraves para o bom funcionamento da sala com o fim de resolvê-los. Também destaco que todas as professoras, ao listar intercorrências (dados encontrados principalmente nas respostas às perguntas 24 e 25), se reportam a diferentes temporalidades do recinto. Dessa forma, é pertinente verificar, na tabela disposta nas páginas seguintes (quadro 16), quais problemas permanecem sem solução. No quadro 17, é apresentado um resumo das categorias de problemas mencionadas por *campus*.

Em tópico posterior da presente pesquisa, “Problemas e soluções em destaque”, são estabelecidas aproximações entre problemas reconhecidos nos *campi* de ambas as amostras e apresentadas possíveis soluções, aplicáveis, replicáveis e adaptáveis, para os mesmos.

4.2 Amostra B: Professores de Artes Visuais do CP II atuantes no Ensino Médio Integrado

4.2.1 Perfil Docente (amostra B)

Havia sido previsto, em levantamento, já citado, realizado junto à Coordenação Geral de Artes Visuais do CP II, um total 9 participantes em potencial para a amostra B. Constei com 8 participantes, um engajamento significativo. Entre os respondentes, há representantes de todos os *campi* que atendem Ensino Médio Integrado no CP II: 1 de Duque de Caxias (que também atua em São Cristóvão III) 1 do Engenho Novo II, 3 de Realengo, 1 que atua exclusivamente em São Cristóvão III.

Uma visão geral do perfil dos respondentes atuantes no Ensino Médio Integrado é disposta no quadro 18, *Mapa de Perfil Docente (amostra B)*.

Diferentemente dos *campi* I, voltados apenas para o ensino regular dos Anos Iniciais, os *campi* que atendem ao Ensino Médio Integrado no CP II não são exclusivos para a modalidade e, na maioria dos casos, tampouco para o segmento escolar. Em função disso, o número de professores da disciplina que estão regentes no Ensino Médio Integrado pode variar anualmente, o quantitativo depende da distribuição das turmas da modalidade entre os cartões dos docentes para o ano letivo. Note que há uma profissional dividindo *campus* (Petúnia, DC e SC III), outra particularidade que, levando-se em conta os anos letivos de 2019 e 2020, não era uma realidade para a amostra A.

Dos participantes que compõem a amostra B, 7 são mulheres e 1 é homem, a faixa etária média do grupo é 47 anos, aproximadamente, um valor um pouco mais alto que o das respondentes de Anos Iniciais, 44 anos, aproximadamente. Como no caso da amostra A, todos os participantes da amostra B são professores efetivos do CP II. A média de anos de trabalho na instituição é superior para aqueles que atuam no Ensino Médio Integrado (11 anos) em comparação às que atuam nos Anos Iniciais (8,50 anos). Apesar disso, o tempo de experiência com o segmento de ensino é superior para amostra A (12,37 anos) se comparado ao tempo de experiência com a modalidade da amostra B (7,63 anos). Relembro que o Ensino Médio Integrado existe no CP II desde 2005 ao passo que *campi* de Anos Iniciais foram criados a partir de 1985.

Tendo em mente que a modalidade existe na instituição há 16 anos e que sua oferta se ampliou nesse intervalo de tempo em diversos *campi* do CP II, considero que a média de aproximadamente 7 anos de experiência dos participantes da amostra B com o Ensino Médio Integrado é um valor expressivo. O tempo de experiência indica que a contribuição desses participantes forneceu à pesquisa um arcabouço de dados substancial acerca dos usos da sala ambiente de Artes Visuais para ser confrontado àquele disponibilizado pela amostra A.

Quadro 18: Mapa de perfil docente (amostra B)

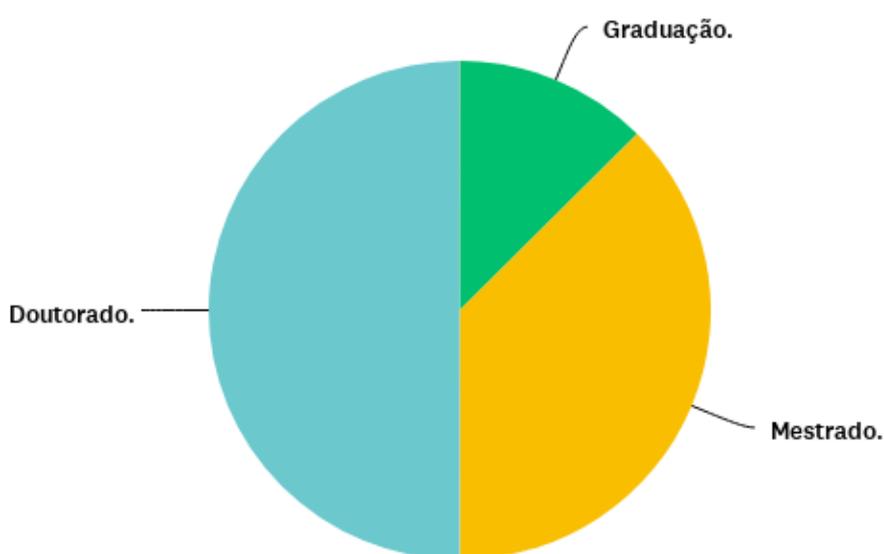
Campus de lotação	Apelido	Idade (anos)	Formação			Experiência Docente		
			Graduação	Outra graduação	Pós-Graduação	Tempo de trabalho no CPII (anos)	Tempo de atuação com EMI (anos)	Leciona em que cursos de EMI
DC	Petúnia* (também lotada em SCII)	47	Lic. Plena em Ed. Artística – História da Arte (UERJ, 2007)	Bacharelado em Pintura - incompleto (UFRJ)	<u>Mestrado</u> em Poética Ciência da Literatura (UFRJ, 2010) e <u>doutorado</u> em Poética Ciência da Literatura (UFRJ, 2015)	5	5	Téc. Desenvolvimento de Sistemas Téc. Administração
ENII	Ale	49	Lic. Plena em Ed. Artística (UERJ)	-	<u>Mestrado</u> (UERJ, 2011) e <u>doutorado</u> (UERJ, 2017)	15	15	Téc. Desenvolvimento de Sistemas
RII	AC	34	Lic. Artes Plásticas (UERJ, 2008)	Bacharelado em Artes Visuais - Habilitação (UERJ, 2007)	<u>Mestrado</u> (UERJ, 2011) e <u>doutorado</u> (UERJ, 2016) em Arte e Cultura Contemporânea – Linha de Pesquisa Arte, Cognição e Cultura.	6	5	Téc. Instrumento Musical Téc. Administração.
	Lila	55	Lic. em Ed Artística (UFRJ, 2007)	-	-	9 Relatou ter tido experiência de contrato	4	Téc. Instrumento Musical
	Eve	36	Lic. em Artes Plásticas (UFRJ, 2011)	-	<u>Especialização</u> em História da Arte Sacra (FSB, 2014) e <u>mestrado</u> em História e Crítica da Arte (UFRJ, 2018)	7	2	Téc. Instrumento Musical
SCIII	Dandara	59	UERJ (não informou curso)	-	<u>Especialização</u> em Psicomotricidade, Educação Tecnológica Inclusiva & Ensino da Arte e <u>Mestrado</u> (não informou curso e instituição)	15	12	Téc. Meio Ambiente Téc. Desenvolvimento de Sistemas
	Petúnia*	-	-	-	-	-	-	Téc. Meio Ambiente
TII	Dora	63	Lic. Plena em Ed. Artística com Habilitação em História da Arte (UERJ, 1990)	Desenho Industrial (PUC-RJ, 1981)	<u>Especialização</u> - História da Arte e da Arquitetura no Brasil (PUC, RJ), <u>mestrado</u> em Artes Visuais (UFRJ, 2000) e <u>doutorado</u> em História e Crítica da Arte (UFRJ)	24	14	Téc. Desenvolvimento de Sistemas Téc. Administração
	VG	38	Lic. Plena em Ed. Artística com Habilitação em História da Arte (UERJ)	-	<u>Especialização</u> em História do Brasil (UCAM 2006, <u>mestrado</u> em Museologia e Patrimônio (UNIRIO 2014) e <u>especialização</u> em História da Arte Sacra - FSB (em andamento)	7	4	Téc. Desenvolvimento de Sistemas Téc. Administração
Resumo dos dados		Idade média: 47,63	6 UERJ (75 %) 2 UFRJ (25%)	-	Maior grau de titulação: Doutorado - 4 pessoas (12,50 %) Mestrado - 3 pessoas (37,50%) Graduação - 1 pessoa (12,50%)	Tempo médio: 11 anos	Tempo médio: 7,63 anos	A maioria atende a mais de um curso

Fonte: A autora, 2021.

Acerca da formação dos respondentes, como no caso da amostra A, todos são licenciados na grande área de Artes por universidades públicas. Alguns informaram a habilitação: “Artes Visuais”, “Artes Plásticas”, “História da Arte”. 75% dos participantes (6 pessoas) graduaram-se pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e 25% deles (2 pessoas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A UERJ, somando-se as duas amostras, parece ser o principal celeiro de docentes de Artes Visuais, no atual momento, para os dois segmentos de ensino no CPII. Três entre os participantes da amostra B (37,50%) mencionaram que possuem graduação além da licenciatura em Artes Visuais, um valor mais significativo que o da amostra A (12,50%, 1 pessoa).

Saliento no gráfico a seguir (quadro 19), a relação percentual do maior grau de formação dos respondentes da amostra B, o que prepondera é o doutorado (50%, 4 pessoas). Entre as professoras de Anos Iniciais, o maior grau para a maioria das participantes é o mestrado (62,50%, 5 pessoas). Verifico que profissionais com maior grau acadêmico se concentram na amostra B. Considerando-se ambas as amostras, constato, ainda, que a maior parte dos respondentes (15 entre 16 pessoas), possuem, no mínimo, a especialização. Suponho ser um grupo atuante na educação básica que busca formação continuada no ensino superior.

Quadro 19: Maior grau de formação (amostra B)



Fonte: A autora, 2021.

A maioria dos professores da amostra B leciona para mais de um curso técnico, quando não é o caso de lecionar para mais de um, ressaltando que também atendem o ensino regular e, possivelmente, os Anos Finais do Ensino Fundamental. Apenas Duque de Caxias e São Cristóvão III, entre os *campi* que serviram como recorte para esta pesquisa, voltam-se exclusivamente para o Ensino Médio. É, portanto, um desafio comum aos professores de Artes Visuais de ambas as amostras, uma disciplina de carga semanal pequena, lecionar para grupos variados, em termos de faixa etária e currículo previsto. Apesar de existirem as especificidades, a prática de uma, digamos, elasticidade didática é compartilhada. Talvez facilitada pela adaptabilidade do saber/fazer artístico.

4.2.2 O espaço da sala de Artes Visuais no Ensino Médio Integrado

Para os respondentes da amostra B, a sala de Artes Visuais:

- É “um espaço simbólico, que já promove uma conexão entre o aluno e as propostas a serem realizadas.” (Petúnia, DC e SCIII)
- Precisa “ter ambiência e todos os confortos de um ateliê.” (Ale, ENII)
- Deve ser “um espaço adequado para as aulas.” (AC, RII)
- Permite “a feitura e manuseio dos trabalhos práticos de um modo mais rápido e adequado, assim como o contato em grupos para realização das tarefas.” (VG, TII)

Verifico que o entendimento de que a sala de Artes Visuais deve atender às demandas de um ateliê, espaço que permite a investigação e a criação artísticas a partir de diversos materiais, é consenso para docentes das amostras A e B. Como ressaltava Dandara (SCIII) “Acredito que adotamos, em vários Campi, no Colégio a noção do espaço atelier em todos os segmentos.” Além da necessidade da experiência física, manual, a troca com o coletivo também é destacada na fala dos professores. A possibilidade de pesquisa de referências, nas formas de texto, imagem ou outro recurso, realizada de maneira autônoma, por parte do estudante, é mais um aspecto apontado como prática e desejo para as aulas nesse ambiente (Dandara, SCIII e AC, RII).

Assim como os *campi* de Anos Iniciais, todos os *campi* que atendem ao Ensino

Médio Integrado possuem sala de Artes Visuais. Contudo, um diferencial dos primeiros em relação aos segundos é o quantitativo de salas do tipo por *campi*. Na maioria dos *campi* onde a modalidade Ensino Médio Integrado é oferecida há duas salas de Artes Visuais (RII, SCIII e TII), nos demais, há uma sala (DC e ENII). No caso dos Pedrinhos, apenas um *campus* possui duas salas ambiente dessa natureza (SCI), o restante, uma.

No quadro 20 é discriminado o quantitativo de turmas, para as quais são lecionadas Artes Visuais, em cada um dos 5 *campi* analisados a partir da amostragem B. O quantitativo de turmas não corresponde à totalidade de turmas do *campus*, como no caso dos Pedrinhos. Conforme já explicitado, as Artes Visuais são lecionadas em todo o Ensino Fundamental no CP II, mas a instituição não oferece a disciplina em todas as séries do Ensino Médio Regular, Integrado ou PROEJA. O quadro permite mensurar qual o fluxo de alunos, por turno, que poderia utilizar a sala de Artes Visuais em cada espaço escolar. As aulas de Artes Visuais, cabe ressaltar, têm a frequência semanal.

Quadro 20: Quantitativo de turmas com aulas de Artes Visuais nos campi que atendem ao EMI (amostra B), dados de 2021, ano letivo de 2020.

	DC	ENII	RII	SCIII	TII
1º turno	1º ano EM (2)	6º ano (2) 7º ano (2) 8º ano (2) 9º ano (2) 1º ano EM (2) 10 turmas	6º ano (3) 7º ano (2) 8º ano (3) 9º ano (2) 1º ano EM (4) 1º ano EMI (1) 15 turmas	1º ano EM (5)	6º ano (2) 7º ano (2) 8º ano (2) 9º ano (2) 1º ano EM (2) 1º ano EMI (1) 11 turmas *informação blog
2º turno	1º ano EMI (3)	6º ano (3) 7º ano (3) 8º ano (3) 9º ano (2) 1º ano EM (2) 1º ano EMI (2) 15 turmas *informação blog	6º ano (2) 7º ano (3) 8º ano (2) 9º ano (3) 1º ano EM (3) 1º ano EMI (1) 14 turmas	1º ano EM (5) 1º ano EMI (3) 8 turmas	6º ano (3) 7º ano (2) 8º ano (2) 9º ano (2) 1º ano EM (2) 1º ano EMI (2) 13 turmas *informação blog
3º turno	-	-	2º ano PROEJA Informática (1)	-	-
TOTAL	5	25	30	13	24

Fonte: A autora, 2021.²³

²³ Dados compilados a partir de consulta ao DAV e acesso aos blogs institucionais dos respectivos *campi*.

Percebo que o quantitativo de salas por *campus* não é necessariamente proporcional ao número de turmas que os recintos deveriam acolher. O *Campus* Engenho II, apesar de possuir 25 turmas, conta com apenas uma sala, o *Campus* São Cristóvão III, com 13 turmas, possui duas. Talvez a distribuição de salas dependa, antes, da estrutura disponível e das prioridades em relação ao uso dos espaços de aprendizagem em cada *campus*.

Quadro 21: Motivações para a regularidade de uso da sala de Artes Visuais (amostra B)

Campus	Respondente	Justificativa	Regularidade	Motivações
DC	Petúnia*	“A necessidade de um espaço adequado com as atividades que serão desenvolvidas, especialmente as propostas de atelier. (...)”	Toda aula.	NATUREZA DO TRABALHO DE ARTES VISUAIS ATELIÊ
ENII	Ale	“Não há mobiliário de ateliê e nem ambiência de ateliê...”	Outro (especifique). “Esporadicamente”	AUSÊNCIA DE MOBILIÁRIO E AMBIÊNCIA DE ATELIÊ
RII	A.C.	“À quantidade de turmas e docentes que precisam compartilhar o uso das salas e ao fato de uma das salas não ser confortável para uso durante os meses mais quentes do ano.”	Outro (especifique). “...a equipe organiza o uso das salas de Artes por meio de uma "escala" informal e flexível...”	CONFORTO DISPONIBILIDADE DA SALA
	Lila	“Apresentação de trabalhos na sala das turmas e nos espaços externos, bem como escala de uso das salas de Artes.”	Outro (especifique). “As [sic.] vezes uso duas aulas seguidas e fico umas três aulas na sala das turmas.”	DISPONIBILIDADE DA SALA
	Eve	“Somos uma equipe de 4 pessoas e precisamos revezar o uso da sala”	Quinzenalmente.	DISPONIBILIDADE DA SALA
SCIII	Dandara	“Ser primordial para as atividades e para a compreensão discente do espaço atelier”	Toda aula.	NATUREZA DO TRABALHO DE ARTES VISUAIS
	Petúnia*	-	-	-
TII	Dora	“a própria construção do horário da disciplina no campus, se há coincidência de mais de dois professores em aula, alguém não utiliza a sala.”	Outro (especifique). “Sempre que não há coincidência de horário entre os professores.”	GRADE HORÁRIA DISPONIBILIDADE DA SALA
	VG	“A disponibilidade da sala.”	Toda aula.	DISPONIBILIDADE DA SALA

Fonte: A autora, 2021.

Também observei que, de forma geral, a frequência de uso das salas de Artes Visuais com turmas de Ensino Médio Integrado é menor se comparada a dos *campi* de Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Dos 8 respondentes da amostra B, 3 afirmaram que usam a sala ambiente com suas turmas toda aula, 1 quinzenalmente e 4 (50% da amostra) especificaram outro tipo de regularidade (pergunta 21, em formato múltipla escolha com a opção de complementação discursiva). Para participantes da amostra A, “toda aula” foi uma resposta invariável. São assinaladas, no quadro 21, a regularidade de uso das salas por professor (pergunta 21) e a justificativa dada por eles, por meio de resposta discursiva, para tal regularidade (pergunta 22). Como feito em quadro similar a este para amostra A, destaquei uma ou mais motivações para a regularidade de uso da sala a partir das justificativas coletadas.

Embora os professores defendam a importância do ateliê para as práticas de ensino de Artes Visuais, a disponibilidade da sala ambiente para as aulas revela ser, para alguns, um entrave para o uso mais frequente das mesmas (Eve, Lila, AC, RII; Dora, TII). Vale lembrar que a grade horária foi apontada como motivo para seu uso frequente por uma respondente da amostra A (Fúcsia, RI). Em seu *campus*, a configuração da grade garante a disponibilidade da sala porque não há conflitos de horário entre professores da disciplina. O quantitativo elevado de turmas e a existência de uma grade complexa com muitos componentes curriculares em *campi* de Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio devem dificultar, sem dúvida, a execução de uma logística escolar que evite a coincidência de horários para que todas as turmas usufruam ao máximo do espaço da sala de Artes Visuais. É importante destacar que, no caso dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no CP II, no PPPI as Artes Visuais são indissociáveis, de forma explícita, de “espaços específicos” de aprendizagem (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p.83), tal entendimento é compartilhado pelos docentes e técnicos que atuam nesse segmento de ensino. Trata-se de um dos pressupostos para a composição da grade horária em Pedrinhos.

Apesar de poucos dados obtidos acerca da história das salas ambiente de Artes Visuais nos *campi* I e de não lograr verificar se esses recintos existiam desde a sua inauguração, foi possível constatar que esses espaços existem desde o ingresso de todas as respondentes da amostra A em seu *campus* de lotação. Embora o tempo médio de vínculo institucional da amostra seja de 8,50 anos, ao menos uma das respondentes possui 20 anos de casa e 17 anos de atuação no segmento de ensino. O mesmo não foi verificado no caso da amostra B, para Ale (ENII), com 15 anos de

vínculo, Dandara (SCIII), também com 15 anos de vínculo, e Dora (TII), com 24 anos de vínculo, as salas não existiam no momento de seu ingresso em seu *campus* de lotação.

Além do tempo de existência de tais recintos, o fato de, no CPII, a disciplina Artes Visuais só passar a ser lecionada no Ensino Médio apenas em uma série do segmento a partir de 2001 somado à tradição institucional, de Pedrões, de se concentrar determinados componentes curriculares em dias pares e ímpares contribui para o engessamento das grades horárias tal como estão. Possivelmente ainda existe um caminho a ser trilhado para que a indissociação entre o ensino de Artes Visuais e seu espaço de aprendizagem, que é o ateliê, se consolidem enquanto cultura para docentes de diferentes áreas de conhecimento e técnicos atuantes nos *campi* II e III do CPII. Não basta garantir a existência do espaço, é necessário possibilitar o seu uso. Enquanto tal entendimento ganha contornos mais definidos, dificilmente haverá priorização na não coincidência de horários entre professores de Artes Visuais. Mas há um vislumbre de esperança, VG (TII), respondente da amostra B, destaca a disponibilidade da sala como motivo para seu uso todas as aulas. As outras professoras que afirmaram usar a sala com a mesma frequência estão lotadas em *campi* que possuem menos turmas e são voltados exclusivamente para o Ensino Médio (Petúnia, DC e SCIII; Dandara, SCIII). Para elas, que possivelmente possuem maior mobilidade em relação à grade horária, a natureza do trabalho de Artes Visuais justifica a regularidade de uso do ateliê.

A falta de conforto da sala, seja pela inexistência de ambiência e mobiliário de ateliê (Ale, ENII), seja por sua temperatura elevada em alguns meses do ano (AC, RII) também explica o uso pouco frequente do recinto por docentes da amostra B.

Assim como no caso das respostas da amostra A, nas da amostra B, além da sala específica para a aula de Artes Visuais, foram mencionados espaços auxiliares de responsabilidade da equipe da disciplina. O *Campus* São Cristóvão III possui uma sala de estar com sofá anexa à uma de suas salas ambiente (Petúnia, DC e SCIII). Realengo II, uma pequena sala de reuniões que contém computadores, nela é possível guardar o material das professoras, armazenar outros materiais, fazer planejamento e lançar notas (AC, RII; Eve, RII, Lila, RII). Além dessa saleta multifuncional em Realengo II, outros ambientes com o uso de almoxarifado não foram citados explicitamente. Instrumentos e insumos utilizados nas aulas parecem estar organizados, na maioria dos casos, na própria sala de Artes Visuais em prateleiras

(RII, SCIII, TII) ou armários (DC, RII). Acerca desses itens, indispensáveis para os trabalhos, há um relato de “ausência de material diversificado” (Dandara, SCIII).

4.2.2.1 Organização do espaço (amostra B)

Quando questionados sobre qual a periodicidade de organização de sua sala (pergunta 28, em formato de múltipla escolha, os respondentes poderiam assinalar mais de uma opção), 5 professores afirmaram que fazem essa atividade após a aula, 4 antes, 2 durante as mesmas e 2 somente quando é necessário. Noto que diferentemente do que foi constatado na amostra A, na qual todas as professoras assinalaram que executam tal tarefa antes de suas aulas, no caso da amostra B não houve uniformidade nas respostas. Apesar disso, todos indicaram que, com alguma frequência, organizam a sua sala.

Quadro 22: Frequência de organização da sala (amostra B)

OPÇÕES DE RESPOSTA	RESPOSTAS	
Sim, costumo organizar a sala antes das aulas.	50.00%	4
Sim, costumo organizar a sala durante as aulas.	25.00%	2
Sim, costumo organizar a sala após as aulas.	62.50%	5
Organizo apenas quando percebo que é necessário.	25.00%	2
Não, não organizo a sala periodicamente.	0.00%	0
Total de respondentes: 8		

Fonte: A autora, 2021.

É natural que os docentes que lidam com faixas etárias mais avançadas tenham facilidades em manter o espaço mais organizado com a colaboração dos discentes. Daí os contrastes em relação à periodicidade nessa tarefa entre respondentes das amostras A e B.

No entanto, há desafios específicos para professores de Artes Visuais do Ensino Médio Integrado em relação a seu alunado e os usos da sala de Artes Visuais. Cabe diferenciar o estudante de Ensino Médio Integrado do CPII, advindo do Pedrinho e, algumas vezes, também do CREIR, que acumula anos de experiência em ateliê, daquele que recém ingressa na instituição sem vivência prévia em um ambiente semelhante. O segundo caso é o da maioria deles. Além do mais, na grade curricular de quase que a totalidade dos cursos de ensino médio do CPII, o período de aulas de

Artes Visuais é curto, tem a duração de um semestre. Acerca disso, AC (RII) comenta:

em sua maior parte esses estudantes ingressam no CPII por meio de concurso, tendo cursado o Ensino Fundamental em outras instituições de ensino públicas ou privadas. Muitos não tiveram experiências regulares com a prática das Artes Visuais no passado. Além disso, seus currículos dispõem de um tempo reduzido para cursar Artes Visuais (um ano letivo inteiro para toda a turma, no caso dos estudantes do curso Técnico em Instrumentos Musicais e meio ano letivo no caso dos que cursam o Técnico em Administração.) Logo, demandam um uso ainda mais intenso e imersivo em um espaço adequado para as aulas quando comparados com outros perfis de estudantes. (AC, RII)

Apesar de o ateliê ser oportuno para toda a Educação Básica, a ausência de experiência prévia de determinados alunos, que estão em seus anos finais de formação, com esse espaço aponta para o significado especial que ele adquire no Ensino Médio Integrado do CPII. Muitos desses estudantes, mesmo em idade escolar madura, terão de aprender as dinâmicas de uso da sala, como o faz o pequeno ingressante dos Anos Iniciais. O repertório cultural do discente, sobretudo as práticas organizacionais de sua casa, será seu ponto de partida. Caberá ao professor propor combinados acerca disso, assimilar propostas, também, além de trabalhar com outros conteúdos, como a produção artística em si, o conhecimento técnico, a análise e fruição de imagens, a contextualização histórica de obras, artistas, movimentos etc. Se por um lado a ausência de experiência pode gerar inseguranças no aluno em relação ao uso do espaço da sala de Artes Visuais e trazer dificuldades iniciais na apropriação da mesma por outro, é capaz de despertar a curiosidade pela disciplina e uma voracidade experimental incrível.

Sabemos que a sala ambiente de Artes Visuais na forma de ateliê distingue-se em muitos aspectos da sala de aula regular. Acredito que tal contraste é reforçado no Ensino Médio – quando, na maioria dos espaços de aprendizagem, além existir a configuração tradicional de mobiliário, o colorido e os trabalhos dos alunos, de cunho mais artístico, tendem a desaparecer das paredes. É mais costumaz que sejam dispostos nos corredores ou na sala de Artes Visuais. Ale (EN), que afirma não possuir uma sala de Artes com todos os confortos de um ateliê, ainda assim, quanto a ela constata: “O que a diferencia das demais são os trabalhos dos alun@s.” Segundo Petúnia (DC, SCIII) “Os alunos costumam gostar muito de estar na sala de Artes. Comentam sempre, e quando não teem [sic.] mais aulas (no 2º e 3º ano) sempre passam para visitar a sala.”

No quadro 23, disposto a seguir, indico a frequência de organização da sala de Artes Visuais conforme mencionada pelos respondentes da amostra B (pergunta 28).

Quadro 23: Frequência e tempo empreendido na organização da sala (amostra B)

Campus	Respondente	Frequência			
		antes da aula	durante a aula	após a aula	Só quando necessário
DC	Petúnia*	x	x	✓	x
ENII	Ale	✓	x	x	x
RII	AC	x	x	✓	x
	Lila	✓	✓	✓	x
	Eve	x	x	x	✓
SCIII	Dandara	✓	✓	✓	x
	Petúnia*	-	-	-	-
TII	Dora	x	x	x	✓
	VG	✓	x	✓	x

Fonte: A autora, 2021.

Três respondentes da amostra B (37,5 %) indicaram organizar sua sala antes e depois das aulas (Lila, RII; Dandara, SCIII; VG, TII). Entre essas, duas (25% do total) afirmaram que também estão envolvidas nesse processo durante a aula (Lila, RII; Dandara SCIII). Trata-se de um contraponto em relação à amostra A, a maioria das respondentes do primeiro grupo (5 em 8, 62,50%) indicou que além de realizar a organização da sala antes de suas aulas, também o faz durante e após os encontros.

Apesar das diferenças de regularidade entre a organização de salas de Artes Visuais dos Anos Iniciais e do Ensino Médio Integrado, foram averiguadas nos dados coletados a partir da amostra B as mesmas três dinâmicas organizacionais verificadas na amostra A: 1) organização da equipe docente; 2) organização individual docente e 3) organização discente. Faz-se aproximações e diferenciações entre categorias quando aplicadas à amostra A e à amostra B.

No que se refere à **organização da equipe docente**, mencionei que se estabelece estratégias coletivas em reuniões de planejamento (VG, TII) contudo tais ações tendem a ser praticadas individualmente (Lila, RII; VG, TII). O grupo pode se “mobilizar para uma grande organização/ limpeza da sala ao menos uma vez por ano” (AC, RII), realização com a duração de um turno inteiro (Eve, RII). Ale (ENII) relata que os estudantes e a equipe colaboram “periodicamente em grandes arrumações”. No caso do *Campus* Duque de Caxias, existe apenas uma professora, não sendo possível o compartilhamento da organização com pares no mesmo *campus*. Nas falas

dos respondentes da amostra B, notam-se ações correlatas às da amostra A: armazenamento de materiais (Petúnia, DC e SCIII; Ale, ENII; AC, RII; Eve, RII; Lila, RII;), descarte (AC, RII), montagem de mural ou amostra (Petúnia, DC e SCIII, Ale, ENII; Dora, TII) e preparação da sala (Ale, ENII; Dandara, SCIII; VG, TII) – possivelmente com a disposição do mobiliário de maneira a facilitar as atividades do dia. Para além do planejamento, operações diretamente coletivas parecem ser mais frequentes nos Anos Iniciais. Os encontros talvez sejam facilitados pela grade horária menos complexa.

A organização individual docente é específica para cada aula segundo os respondentes da amostra B, da mesma forma que para as da amostra A. Também é importante para ambos os grupos que haja variedade de “materiais e instrumentos” (Dandara, SCIII) na execução das propostas artísticas. Como há diversidade nos trabalhos, de maneira similar ao que foi identificado na primeira amostra, o tempo empreendido na tarefa de organização da sala (antes e depois da aula) por professores da segunda amostra “depende da atividade proposta” (Dora, TII). Relativamente à demanda variável de tempo nesse quesito, VG (TII) diz que

Antes: o tempo varia muito, se a sala foi utilizada para outros fim [sic.] (o que acontece com uma boa frequência) levo uns 20mim, se não for esse o caso levo só 10mim [sic.]. O tempo para arrumar depois das aulas também vai variar, posso dizer que entre 30 a 40mim [sic.], depende muito da atividade desenvolvida.

Apesar de o perfil dos usuários da sala de Artes Visuais nos Anos Iniciais ser distinto do dos usuários da sala no Ensino Médio Integrado, por se tratar de um ambiente da mesma natureza – o ateliê –, a alta demanda de tempo individual docente na organização do recinto – tempo que extrapola o momento da aula, faço esse destaque – é um fator convergente entre professores dos dois segmentos de ensino.

Um contraponto em relação à **organização discente** no Ensino Médio Integrado se comparada a dos Anos Iniciais é a autonomia do aluno, a supervisão docente continua presente, mas ganha outra roupagem. “Os estudantes participam limpando e organizando seu [sic.] espaços de trabalho individuais (descartando lixo, lavando pincéis, etc.) após as aulas” (AC, RII) ou “nos últimos minutos de aula” (Eve, RII). Segundo Petúnia (DC e SCIII), “Tudo é feito num clima muito bom de consciência e cooperação no tocante a maioria dos alunos, apenas um ou outro as vezes tenta sair sem colaborar, mas geralmente eu os chamo e falo sobre a importância dessa

atitude. Em geral retornam e colaboram.” Os professores de Ensino Médio Integrado sustentam que em seus *campi* existe coparticipação discente na organização, com exceção do *Campus* Tijuca II no qual “Os alunos não participam por uma questão de logística de horários de aulas.” (VG, TII)

A complexidade no planejamento e execução de ações organizacionais e a demanda de esforço físico nessa atribuição existem em ambos os segmentos de ensino, cada qual com suas especificidades. As professoras da amostra A detalham mais suas operações nesse quesito, operações que envolvem um alunado, com menos autonomia, que pertence a uma faixa etária na qual, no mínimo em cinco anos de formação, os saltos de desenvolvimento cognitivo e motor são mais contrastantes. Para esse primeiro grupo de docentes, além do empenho físico ativo na disposição do mobiliário, montagem de exposição ou mural e estocagem e armazenamento de materiais, há grande esforço corporal de sua parte na mobilização discente em tarefas de organização. Nesse aspecto, seu trabalho é maior se comparado ao segundo grupo, pertencente à amostra B. Os professores da segunda amostra, por outro lado, possuem um currículo a ser cumprido em seis meses ou um ano letivo com o desafio de proporcionar, nesse tempo compacto, uma vivência de ateliê intensa para um público inexperiente com corpos já habituados a determinadas lógicas espaciais escolares, talvez restritas. O desgaste docente no Ensino Médio Integrado estará concentrado na apropriação do repertório cultural de alunos maduros e no esforço na ampliação desse repertório, já que este possui menos flexibilidade que o de crianças. Em um ambiente coletivo, estabelecendo trocas com seus colegas e professor, os estudantes terão responsabilidade no cuidado com o espaço e seus materiais e poderão assimilar novas soluções no desenho, na projeção e concepção de objetos artísticos, no entendimento do que seja arte a partir de múltiplas propostas.

Verifico que os respondentes da amostra B investem tempo considerável em tarefas organizacionais, o que confere com amostra A, com a diferença de a realização dessas ações não ocorrer com tanta frequência de forma simultânea com restante da equipe. Cabe lembrar que a articulação das equipes de Pedrinhos para a organização de suas salas pode ocorrer em “tempos livres” (Eli, SCI), não sendo garantida a sua realização em horário fixo de planejamento, este possui o objetivo primeiro de compartilhamento de informes institucionais, por parte da coordenação, e programação de aulas.

A organização docente do espaço do ateliê, quer individual, quer coletiva, é

indispensável e não atribuível, em suas implicações específicas, a outros profissionais que também compartilham cuidados com as salas do *campus*, como a equipe de serviços gerais. Isso porque essa tarefa é determinada pela aula planejada e depende de cuidados de higienização e armazenamento de material que podem exigir conhecimentos de área. Normalmente, o professor investirá tempo nesse trabalho sempre que utilizar o ambiente, podendo a duração dessa atividade variar de 10 minutos (AC, RII) – dependendo dos usos habituais da sala e da proposta para as turmas– a 1h30 (Lila, RII; Dandara, SCIII) fora do horário de aula.

Se de fato essa carga, uma peculiaridade da equipe de Artes Visuais e, talvez, de outras equipes que usam materiais e instrumentos para experiências ou elaboração de projetos em espaços específicos de aprendizagem com regularidade, não é computada como tempo de trabalho, como afirmou Ultramarina (HI), olhar para esse aspecto a partir da presente pesquisa contribui para que passe a ser. Por ser essa uma característica peculiar de disciplinas com esse perfil – não consigo vislumbrar outra que não Artes Visuais que, em todos os segmentos de ensino, possua demandas nesse nível sem o auxílio de pessoal especializado, como Bibliotecas ou Laboratórios – , seria proveitoso, tanto para a qualidade do trabalho desenvolvido quanto para saúde do professor, que houvesse tempo fixo na grade para organização do ambiente, em equipe, com a regularidade semanal, ou, ao menos, mensal ou trimestral, para além do tempo previsto de reunião de planejamento.

4.2.2.2 Relação entre espaço e aprendizagem (amostra B)

De igual modo que na amostra A, todos os respondentes da amostra B consideram que o ambiente influencia na aprendizagem (pergunta 23, em formato de múltipla escolha). Para dois docentes da amostra B, apenas, o ambiente influencia, mas não é determinante nesse processo. Um resultado também próximo ao averiguado na amostra A na qual um respondente diz não ser algo determinante.

Invariavelmente, da mesma maneira que na amostra A, os representantes da amostra B dizem ser necessário haver salas ambiente específicas, equipadas, para aulas de Artes Visuais no segmento e modalidade de ensino em que atuam (pergunta 33 em formato discursivo). De acordo com Petúnia (DC e SCIII), espaços do tipo são fundamentais “não apenas para o Ensino Médio Integrado, mas para toda a educação básica. Pois num ambiente equipado as aulas são potencializadas, além de toda a construção afetiva e simbólica a partir de um espaço próprio, artístico.” VG destaca a

importância da sala ambiente no Ensino Médio ao ponderar: “trabalhamos conteúdos relativos a [sic.] arte contemporânea, que é um segmento das artes visuais que possui uma gama infinita de técnicas artísticas. Algumas são impraticáveis de serem executadas numa sala de aula comum. Por exemplo: uma performance com tinta ou pigmentos.”

De acordo com Ale (ENII), que apesar de possuir uma sala de Artes Visuais em seu *campus* não usufrui de um recinto com uma configuração de ateliê – sua sala é privada de ponto d’água e mobiliário coletivo – um espaço do tipo seria melhor para a formação dos alunos, acredita “que teriam um outro olhar sobre esta formação.” Eve (RII) argumenta que “o aluno gosta de sair do ambiente da sala de aula e produz melhor em um ambiente mais equipado”.

Dos oito participantes da amostra B, duas responderam à questão 32, onde solicitei que, por meio de imagem, descrevessem como deveria ser a sua sala, e indicaram um ateliê multifuncional, com móveis coletivos, como modelo de preferência (figuras 13 e 14), de forma similar ao ocorrido na amostra A.

Figura 13: Resposta de Eve (ENII) à pergunta “Como deveria ser a sua sala?”



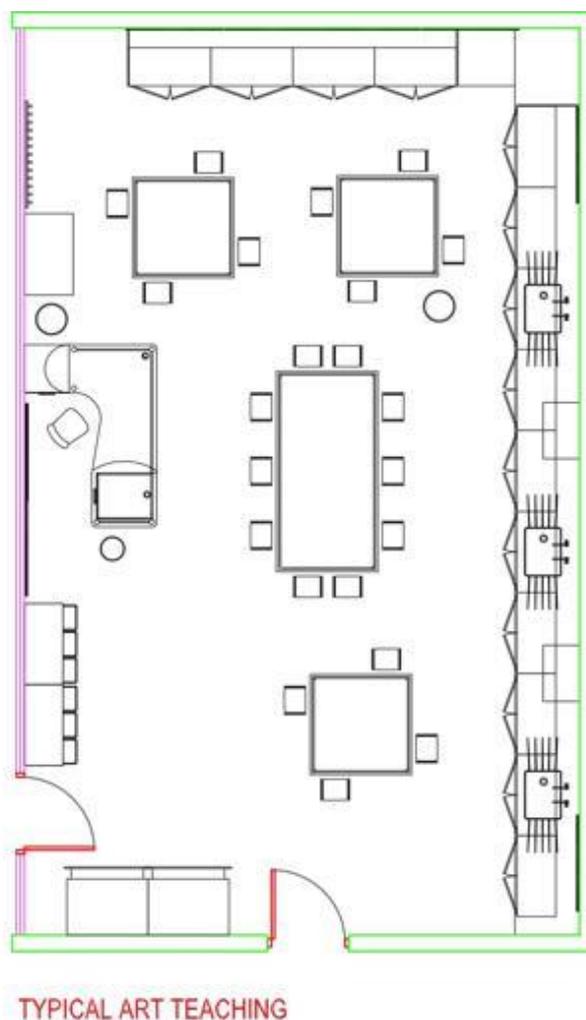
Fonte: Respondente Eve (imagem anexada ao questionário), 2021.

Na fotografia (figura 13) compartilhada por Eve (ENII), o ambiente é predominantemente branco, possui elementos metálicos, de vidro e madeira clara, o chão também é claro. Há mobiliário coletivo padronizado bem como organizadores padronizados. As ferramentas, visíveis, são penduradas em quadros nas paredes, também são padronizadas. O espaço é amplo, com grande possibilidade de circulação, comunicado a outro ambiente. Possui obras expostas, possivelmente de alunos, uma bancada e materiais acessíveis abaixo dela. Não há armários fechados. A sala é impecável, em termos de limpeza e organização. É bem iluminada. Parece possuir um sistema de ar condicionado central. Noto o detalhe de uma trepadeira acima de um nicho no canto superior direito da fotografia. A solução combina as cores claras ao amadeirado, possui ainda o detalhe verde da trepadeira. Consegue propiciar uma sensação de organização sem a frieza e a neutralidade de um laboratório. É acolhedora e requer uma postura do usuário, noto que há procedimentos específicos para o espaço apenas por olhá-lo. Parece compatível com uma faixa etária mais madura, como a do Ensino Médio Integrado.

Nos exemplos encaminhados por professoras da amostra A, os elementos eram mais coloridos se comparados a esse. Em um ambiente harmônico, predominantemente branco, qualquer item de outra cor que nele se disponha – ferramentas, materiais ou objetos – terão especial destaque, o que é interessante. Um ambiente com essas características auxiliaria estudantes e professores na localização de materiais e facilitaria sua imersão em atividades que envolvessem procedimentos manuais. Em termos práticos, em um ateliê de uma escola pública com múltiplos usuários, dificilmente seria possível manter o chão tão limpo. Um piso que não exigisse tanto da limpeza, talvez menos claro e com alguma textura visual, como a granitina, já citada, seria mais adequado.

Dora (TII), indicou um modelo de ateliê (figura 14) com três pontos d'água espaçados, bancadas com espaço inferior para materiais, armários, mesas coletivas – com uma variante maior do móvel ao centro da sala – e mesa de professor.

Figura 14: Dora (TII) à pergunta “Como deveria ser a sua sala?”



Fonte: Respondente Dora (imagem anexada ao questionário), 2021.

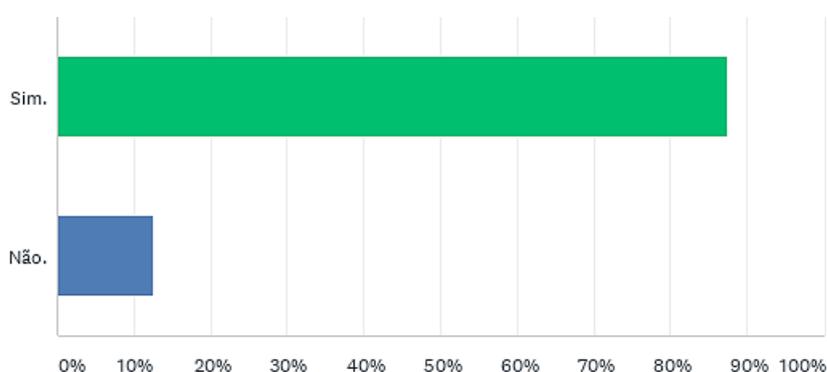
Verifico, portanto, que para ambos os grupos de amostra, o espaço influencia a aprendizagem e o ateliê é o modelo desejável de ambiente para o ensino de Artes Visuais.

4.2.2.3 História das salas

Como descrito no item 4.1.2.3. “Histórico das salas”, a fim de recuperar a história das salas de Artes Visuais dos dez *campi* aqui analisados, considerei dados obtidos através do questionário aplicado. As respostas à pergunta 20, “A(s) sala(s) mudou/mudaram ao longo dos anos? De que forma?”, serviram como principal fonte de informação e foram associadas a material coletado a partir da obra *Memória Histórica do Colégio II – 180 anos de História na Educação do Brasil*.

Assim como o relato das professoras da primeira amostra forneceu poucas informações sobre o assunto, o mesmo sucedeu com o segundo grupo amostral. Apesar disso, quase que a totalidade de respondentes da amostra B, 7 em 8, indicou que está familiarizada com a história da sala de Artes Visuais de seu *campus* de lotação (vide quadro 24). Desses 7, há representantes dos 5 *campi* que possuem Ensino Médio Integrado.

Quadro 24: Respondentes familiarizados com o histórico da sala de Artes Visuais de seu campus (amostra B), porcentagem



Fonte: A autora, 2021.

Os professores também indicaram nomes de outros funcionários que detém informações pertinentes acerca do tema. Em uma pesquisa dedicada exclusivamente ao levantamento do histórico das salas pode ser válido consultar o grupo indicado e os componentes da amostra realizando nova coleta de dados, mais direcionada a esse recorte.

Mencionei, previamente, que o CPIL passou por três diferentes ciclos de expansão. Em se tratando da amostra B, interessam, principalmente, o primeiro e o terceiro ciclos, quando, respectivamente, foram abertas diferentes sedes da instituição em nossa cidade, voltadas para a educação secundária, e quando a instituição se expandiu para o bairro de Realengo e para outras cidades do Estado do Rio de Janeiro. (COLÉGIO PEDRO II, 2017). O primeiro deu-se no século XIX e no século XX, o terceiro no último milênio. É preciso pontuar outra lembrança: o Ensino Médio Integrado existe no CPIL desde 2005, é possível que a estrutura das salas de Artes Visuais, em *campi* mais antigos, anteceda à criação de cursos da modalidade.

Me detenho, agora, ao breve histórico das salas dos cinco *campi* que atendem ao Ensino Médio Integrado. Os *campi* são mencionados por ordem de inauguração.

- Salas de Artes Visuais do *Campus* São Cristóvão III:

O terreno em que onde hoje situa-se o complexo de São Cristóvão do CPIL foi primeiro utilizado pela instituição em 1888, quando foi fundada a Seção São Cristóvão (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p.99). No entanto, a criação propriamente dita do *Campus* III, voltado exclusivamente para o Ensino Médio, é bem posterior a essa época. Suas instalações serviram, primeiro, à FAHUPE – Faculdade de Humanidades Pedro II – que teve suas atividades encerradas em 1996 (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p. 167). Em seguida, seu pavilhão foi temporariamente ocupado por estudantes da Unidade Escolar Tijuca II, enquanto aguardavam a reforma de seus prédios (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p. 167). Com a reinauguração da sede da Tijuca e o esvaziamento de parte das instalações de São Cristóvão, foi possível, em 1999, o desmembramento do complexo, que antes possuía duas unidades, em uma terceira, exclusiva para os últimos anos de formação. (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p. 170). Segundo Dandara (SCIII), “no início havia apenas a pequena sala” de Artes Visuais.

- Sala de Artes Visuais do *Campus* Engenho Novo II

A sede Engenho Novo foi criada em 1952. (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p. 75). Sua estrutura passou por reformas nos anos 2000, quando aderiram ao projeto experimental de um Ensino Médio diurno, até então havia somente o noturno no *campus* (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p. 216). É desse período a transformação curricular que passou a incluir Artes Visuais no currículo para o segmento de ensino. Apesar disso, entre as novas instalações citadas na obra *Memória Histórica* (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p. 216) não é mencionada uma sala de Artes Visuais.

De acordo com Ale (ENII), que possui 15 anos de vínculo com a instituição, não existia sala de Artes Visuais à época de sua chegada no *campus*. Ainda assim, o espaço, segundo o docente, não difere muito de outras salas do *campus* e continua a ser utilizado para outros fins, “como concursos públicos, provas e aulas de outras disciplinas”. Ao longo do tempo, o ambiente “mudou um pouco com uma reforma no prédio, colocação de murais e azulejos nas paredes.” (Ale, ENII)

- Salas de Artes Visuais do *Campus* Tijuca II

A sede na Tijuca foi inaugurada em 1957, em um prédio antes utilizado por outra instituição de ensino. As condições das instalações eram precárias: além do

antigo edifício, levantou-se provisoriamente um galpão, que terminou por ser utilizado por muitos anos, e desapropriou-se uma casa vizinha. Somente na década de 1990 o espaço foi reformado. Com o fim das atividades da FAHUPE, em 1996, o Diretor da unidade transferiu temporariamente seu funcionamento para o Pavilhão vazio do Complexo Escolar de São Cristóvão, uma medida polêmica. Derrubada parte das instalações da Tijuca, foi erguido um prédio de quatro andares que se conectou ao antigo. O interior do antigo prédio foi transformado. (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p. 166)

Segundo Dora (TII), as salas de Artes Visuais, que não existiam desde a sua chegada no *campus*

muitas vezes foram apropriadas pela escola para se transformarem em salas normais de aula para serem usadas em turmas regulares, Metade da sala utilizada por empréstimo para os anos iniciais, Metade da sala utilizada /cedida sem a anuência dos professores e da coordenação para o Laboratório de Humanidade.

- Salas de Artes Visuais do *Campus* Realengo II

Como mencionado anteriormente, o *Campus* Realengo foi inaugurado em 2004, em instalações provisórias, e continuou funcionando em espaço provisório até 2005 (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p. 228). A partir de 2006, depois iniciadas reformas de estruturação e revitalização, a sede passou a funcionar em sua localidade atual, uma área onde estava compreendida uma antiga fábrica. Prolongaram-se grandes obras de adaptação e reforma até 2011 (COLÉGIO PEDRO II, 2017, p. 288-289).

Salas de Artes Visuais existiam no *campus* desde a chegada de AC, Lila e Eve (RII). Segundo AC (RII), “Até o ano de 2017 ambas as salas não contavam com mobiliários para armazenamento de materiais (o que dificultava a organização de recursos e a guarda de trabalhos em desenvolvimento dos estudantes), quando receberam doações internas de estantes e armários.” Lila (RII) conseguiu “junto a um setor na reitoria, que nos enviassem estantes para as salas de aula e móveis para a salinha onde guardamos materiais. A equipe de Artes comprou tinta e a prefeitura pintou as estantes para nós.”

- Sala de Artes Visuais do *Campus* Duque de Caxias

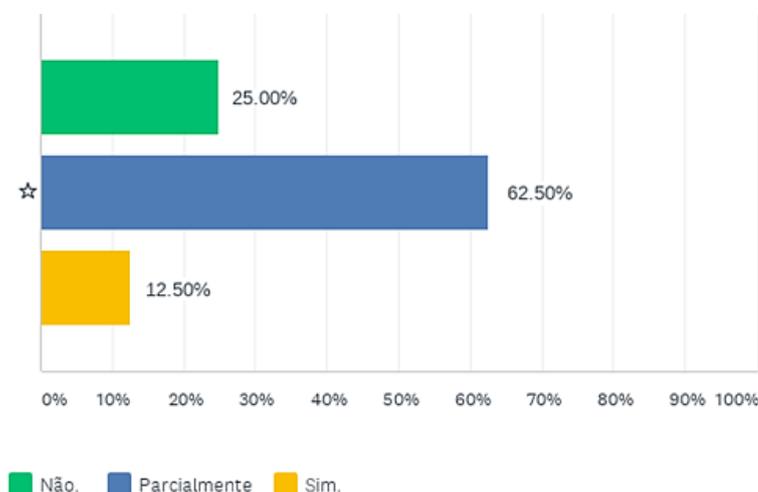
A sede de Duque de Caxias foi criada em 2007, em instalações temporárias. Um prédio totalmente novo foi construído e inaugurado em 2012. Petúnia (DC e SCIII),

que chegou à lotação em 2013, diz que “como o *campus* é relativamente recente, desde a sua inauguração até onde sei, já havia a sala de Artes.” (Petúnia, DC)

4.2.2.4. Descrição das salas (amostra B)

Dos 8 respondentes, 1 (12,50%) está totalmente satisfeito com a sala de Artes Visuais de seu *campus* de lotação, 5 (62,50%) parcialmente satisfeitos e 2 (25%) insatisfeitos (pergunta 26), vide o gráfico a seguir (quadro 25).

Quadro 25: Grau de satisfação com a sala de Artes Visuais (amostra B)



Fonte: A autora, 2021.

Tomando as avaliações dos respondentes de ambas as amostras em relação a seu grau de satisfação com a sala ambiente de sua disciplina em seu *campus* e equiparando-as aos valores 1, para insatisfeito, 2, para parcialmente satisfeito e 3, para totalmente satisfeito, chego a duas médias ponderadas (quadro 26).

Quadro 26: Médias ponderadas do grau de satisfação com a sala de Artes Visuais (amostras A e B)

AMOSTRA A	AMOSTRA B
MÉDIA PONDERADA	MÉDIA PONDERADA
2.25	1.88

Fonte: A autora, 2021.

Os dois grupos tendem a estar parcialmente satisfeitos. Noto que as salas de Artes Visuais agradam mais os professores de Anos Iniciais que os professores de Ensino Médio Integrado. Vale buscar entender quais os fatores limitadores das salas utilizadas por respondentes da amostra B a fim de identificar seus principais motivos de insatisfação bem como quais seus desejos de melhorias para esse espaço. Procuro, tal qual realizado com a primeira amostra, descrever como são as salas de Artes Visuais utilizadas pelos respondentes da segunda amostra confrontando sua percepção acerca da **realidade desses ambientes** à sua projeção do que seria uma **sala ideal**. Para tanto, como feito anteriormente, foram geradas nuvens de palavras e quadros comparativos utilizando as mesmas ferramentas e critérios.

Figura 15: Nuvem de palavras - Características estruturais das SALAS DE ARTES VISUAIS REAIS (amostra B)



Fonte: A autora, 2021.

De forma análoga às **características estruturais das salas de Artes Visuais reais da amostra A** (figura 3), os dois itens de maior ocorrência na nuvem de **características estruturais das salas de Artes Visuais reais da amostra B** (figura 15) dizem respeito às dimensões do ambiente: “ampla” e “pequena”. Confirmando que não há um padrão institucional para o tamanho de recintos utilizados pela disciplina, quer na instituição como um todo quer em segmentos específicos de ensino. O tamanho da sala dependerá das condições estruturais das instalações do *campus*. Assim como no caso dos Pedrinhos, há *campus* da amostra B que possui prédios mais recentes (HI, DC), edificações projetadas desde a planta original para serem espaços de ensino (HI, SCI, DC, SCIII), construções que foram adaptadas para esse fim (RI, TI, RII), espaços tombados (RI e RII). As realidades são particulares. Discorrendo acerca das dimensões e restrição de espaço, há um caso mencionado de desapropriação e diminuição de sala na amostra B (Dora, TII; VG, TII).

Também há outra similitude na composição da nuvem: a alternância entre problemas estruturais do recinto – “sem ponto d’água”, “sem ponto d’água funcionando”, “desconfortável”, “quente”, “coluna no meio”, “não é arejada” – e descrições objetivas das salas ambiente – “formato quadrado”, “janela em duas paredes”, “iluminada”, “retangular”, “arejada”, “com azulejos”.

São citados espaços auxiliares à sala de Artes Visuais, mais uma conformidade com a amostra A – “sala de estar”, “depósito anexo”, “pequena sala de reuniões de equipe”. É necessário destacar que a expressão “uma sala como as outras”, presente na nuvem, tem uma carga semântica negativa para o professor que a utilizou, a intenção do docente ao empregá-la foi dizer que sua sala está privada de ambiência de ateliê, não sendo vantajoso utilizá-la (Ale, ENII).

Passando a verificar a segunda nuvem de palavras, onde constam as características estruturais da **sala de Artes Visuais ideal** (figura 16), constato que a amplitude do espaço foi a menção mais recorrente, citada por representantes de 4 dos 5 *campi* analisados. O mesmo sucedeu com a amostra A, fica evidente que a principal preocupação dos respondentes dos dois grupos diz respeito ao tamanho da sala. A única respondente da amostra B que disse estar totalmente satisfeita com a sua sala está lotada em um *campus* de instalações recentes – inaugurado em 2012 – cuja sala ambiente é espaçosa (Petúnia, DC).

Figura 16: Nuvem de palavras - Características estruturais da SALA DE ARTES VISUAIS IDEAL (amostra B)



Fonte: A autora, 2021

Depois de “ampla”, a palavra mais mencionada é “ateliê”, citada por representantes de 3 *campi*. A condição de ateliê deve ser garantida, pelo menos, a partir de características estruturais mínimas: pontos d’água (DC, ENII, RII, SCIII, TII), mobiliário coletivo (RII, TII) e possibilidade de guarda de trabalhos e materiais (RII). Em seguida, figuram as expressões “confortável”, “arquivo de artes” e “espaço expositivo”, com 2 ocorrências. O conforto tem relação com outros itens mencionados: climatização do ambiente, ventilação, iluminação natural, vista para área arborizada, ambientes diferentes e harmônicos, sensação de acolhimento. Palavras bem próximas a essas constam na nuvem gerada para amostra A (figura 10). Há a intenção, também comum aos dois grupos, de se extrapolar o espaço da sala em ações externas a ela, vide a expressão “interna e externa” na figura 10 e “área ao ar livre” na figura 4.

A existência de um arquivo de artes e biblioteca que possua livros e

imagens de referência para livre consulta foi sugerida por representantes de dois *campi* da amostra B. Tal desejo encontra correlação com as falas de Carmim e Ultramarina, respondentes da amostra A (HI). Ultramarina sustenta ser importante a sala ambiente possuir “uma configuração de espaço de experimentação/ateliê, e com elementos diretamente ligados à área de conhecimento da Arte: livros, imagens, produções dos alunos e diversidade de materiais”. Em se tratando da expressão “exposição”, os professores descrevem sua preocupação com a exibição de trabalhos dos alunos (Ale, ENII; AC, RII, Lila, RII), montagem de murais e o desejo de melhorar as condições dos mesmos (Petúnia, DC e SCIII, Dora, TII). Sugere-se que os murais facilitem a rotatividade do conteúdo exposto (Dora, TII).

Os demais itens da nuvem tiveram uma única ocorrência. Parte deles, já mencionada em parágrafo anterior, alude ao conforto do ambiente, também tem relação com os usos pedagógicos do espaço segundo a lógica de um ateliê versátil – área para atividades práticas, área para trabalhos coletivos, espaço para trabalhos em processo, estações de trabalho, rotativo, multifuncional, – e recursos tecnológicos – internet. A concepção de um recinto dinâmico, mutável, como modelo ideal de sala ambiente é mais um ponto coincidente entre as duas amostras.

De forma similar à amostra A, a categoria flutuante **o que ocupa e o que deveria ocupar as salas de Artes Visuais** permitiu a tabulação comparativa de itens mencionados por representantes de cada *campus* da amostra B (quadros 27 e 28). Os mesmos critérios foram aplicados para ambas as amostras. No caso da segunda amostra, a tabulação comparativa possibilitou a identificação de 9 subcategorias de itens: 1) mobiliário; 2) louças e metais; 3) equipamento de produção e reprodução audiovisual; 4) materiais de arte; 5) material de consulta; 6) ar-condicionado; 7) ventilador; 8) trabalho dos alunos; 9) materiais de higiene. Dessas subcategoriais, as seis primeiras são comuns à amostra anterior.

Quadro 27: O que há na sala de Artes Visuais (amostra B)

DC	ENII	RII	SCIII	TII
<p>MOBILIÁRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bancadas de granito 2. Mesas e cadeiras quadradas 3. Quadro branco 4. Armário de ferro <p>LOUÇAS E METAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 3. 2 tanques <p>AR-CONDICIONADO Não funciona regularmente</p>	<p>MOBILIÁRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Mobiliário comum <p>TRABALHOS DOS ALUNOS</p>	<p>MOBILIÁRIO</p> <p>Sala 1</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. mesas individuais de formato trapezoidal 2. armário pequeno 3. estantes de aço 4. mobiliário misto 5. mobiliário suficiente para 34 alunos <p>Sala 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 6. mesas coletivas 7. bancada de trabalho 8. lousa móvel 9. mobiliário misto 10. mobiliário suficiente para 34 alunos 11. dois armários 12. 5 estantes de aço estantes para mochilas dos estudantes abaixo da bancada <p>LOUÇAS E METAIS</p> <p>Sala 1</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. pequeno tanque <p>Sala 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. 2 pias <p>VENTILADOR</p> <p>Sala 1</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. ventiladores de teto <p>EQUIPAMENTO DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO AUDIOVISUAL</p> <p>Sala 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Computadores <p>AR-CONDICIONADO</p> <p>Sala 2</p>	<p>MOBILIÁRIO</p> <p>Sala 1</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. sofá 2. quadro branco 3. bancada para organização de materiais 4. várias mesas <p>Sala 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. quadro branco estantes de ferro <p>LOUÇAS E METAIS</p> <p>Sala 1</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. pia <p>Sala 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. pia inativa 	<p>MOBILIÁRIO</p> <p>Sala 1</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. bancada de azulejo 2. 12 mesas coletivas (capacidade para 4 alunos) 3. cavaletes de pintura 4. armários <p>Sala 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 5. carteiras individuais 6. bancada 7. cavaletes de pintura 8. armários <p>AR-CONDICIONADO</p> <p>Sala 1</p> <p>LOUÇAS E METAIS</p> <p>Sala 1</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. 2 pias de água fria <p>Sala 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. pia

Fonte: A autora, 2021.

Quadro 28: O que deve haver na sala de Artes Visuais (amostra B)

DC	ENII	RII	SCIII	TII
<p>MOBILIÁRIO De forma geral, as condições atuais atendem às demandas de uso da sala</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bancadas de granito 2. Mesas e cadeiras quadradas 3. Quadro branco 4. Estante 5. Mural 	<p>AMBIÊNCIA E TODOS OS CONFORTOS DE ATELIÊ (não especificado)</p>	<p>MOBILIÁRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Mesas coletivas longas, apropriadas para trabalhos 2. Varais 3. Forno de cerâmica 4. Bancadas 5. Prateleiras 6. Mobiliário para área de leitura 7. Mobiliário adequado para alunos com necessidades específicas Mesa de luz 	<p>MOBILIÁRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. mobiliário específico <p>LOUÇAS E METAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. pias ativas e funcionais <p>AR-CONDICIONADO</p> <p>MATERIAIS DE ARTE</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. material diversificado em quantidade 3. instrumentos em quantidade <p>MATERIAIS DE CONSULTA</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. biblioteca <p>EQUIPAMENTO DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO AUDIOVISUAL</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. possibilidade de reprodução de música 2. possibilidades de reprodução de imagem 3. novas tecnologias 	<p>MOBILIÁRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Mobiliário adequado 2. Murais rotativos <p>LOUÇAS E METAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Pias (no mínimo 2) – adequadas para alunos com necessidades específicas 2. Ralos
<p>LOUÇAS E METAIS De forma geral, as condições atuais atendem às demandas de uso da sala</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. 2 tanques 		<p>LOUÇAS E METAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Pias <p>EQUIPAMENTO DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO AUDIOVISUAL</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Câmera fotográfica 2. Projetor – equipamento fixo 		
<p>AR-CONDICIONADO</p>		<p>AR-CONDICIONADO</p>		
		<p>MATERIAIS DE CONSULTA</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Imagens de referência <p>MATERIAIS DE HIGIENE</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sabonete 2. Papel toalha 		

Fonte: A autora, 2021.

Constato que para ambas as amostras, entre os itens da sala, a subcategoria mais mencionada foi a de mobiliário, tanto para salas reais quanto para a sala ideal. Acerca do mobiliário existente, diferentemente do que foi reconhecido na amostra A, em se tratando da amostra B, nem sempre há itens que privilegiam atividades coletivas. O fato impõe limitações à execução de propostas nas aulas de Artes Visuais, como evidenciado por AC (R11):

O mobiliário para uso dos estudantes é diversificado, mas a maior parte consiste em mesas individuais de formato trapezoidal que podem ser unidas em conjuntos de até 6 mesas, compondo um hexágono. Isso dificulta a realização de trabalhos coletivos de maior escala.

Segundo os professores, a dificuldade com mobiliário individual existe em recintos nos *campi* Engenho Novo II, Realengo II e Tijuca II. O *campus* Engenho II apontou para a necessidade de móveis de ateliê, diferenciados em relação aos de salas comuns. Tijuca II indicou ser imprescindível haver “mobiliário adequado”, São Cristóvão III “mobiliário específico”. Realengo II propõe “mesas coletivas”, “longas”, próprias para a execução de trabalhos. Também são citados, por representantes dos diversos *campi*, “forno de cerâmica”, “varais”, “bancadas”, “prateleiras”, “murais” e “quadro branco”. O mobiliário incompatível com os usos esperados para a sala de Artes Visuais pode ser um dos pontos cruciais de insatisfação de professores do Ensino Médio Integrado em relação a esse espaço, é um fator limitador que compromete bastante o ambiente para os fins pedagógicos esperados para a disciplina segundo o currículo previsto. Também é indicado como ansiado mobiliário adaptado para alunos com necessidades específicas.

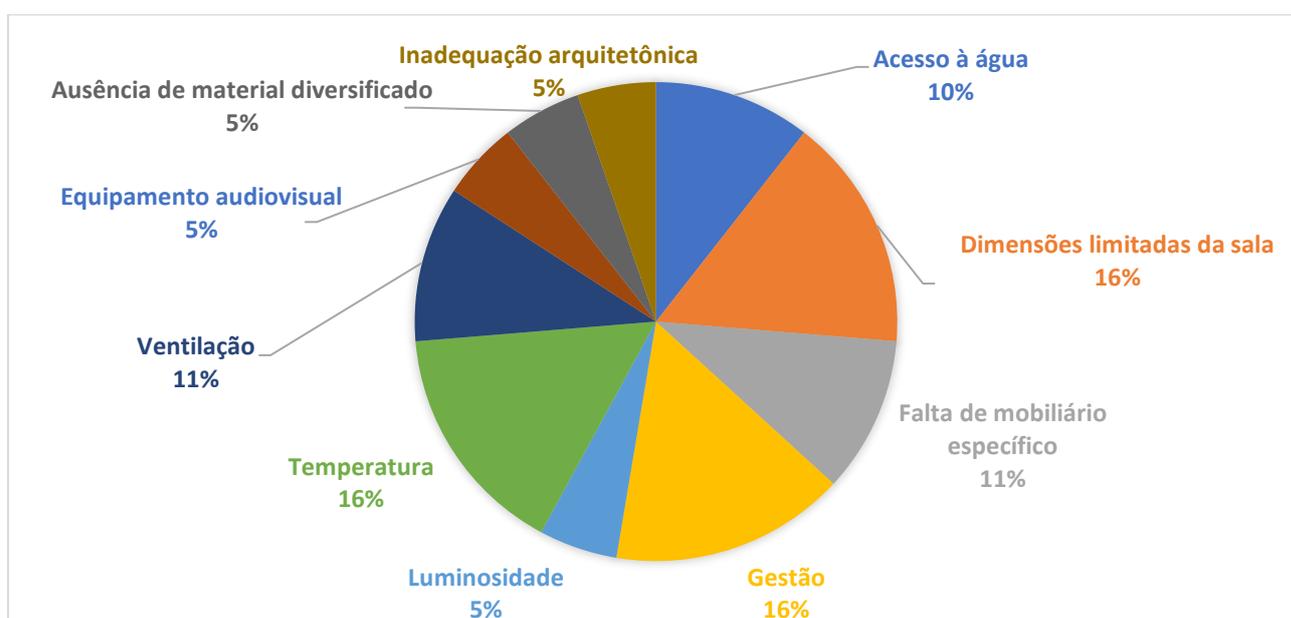
Ainda verificando o que destacaram os respondentes sobre o que deveria haver na sala de Artes Visuais, depois de mobiliário, sua preocupação recai sobre louças e metais, subcategoria empatada com equipamento de produção e reprodução audiovisual. No caso da amostra A, os aparatos tecnológicos superam louças e metais. O acesso à água, que é um fator condicional para uma estrutura mínima, esperada, para um ateliê escolar, deixa a desejar em um maior número de salas no Ensino Médio Integrado – quatro delas, uma no Engenho Novo II, duas em São Cristóvão III e uma na Tijuca II. Trata-se de três *campi* com instalações antigas. Nos Anos Iniciais, há uma sala mencionada, em São Cristóvão I, também um *campus* de estrutura antiga que não passou por remodelações arquitetônicas significativas nos últimos anos. Segundo o relato dos professores, há ausência ponto d’água (Ale, ENII), bica inativa (Dandara, SCIII), pias pouco funcionais (Dandara, SCIII) e um número restrito delas (Dandara, SCIII; VG,

TII). Além de pias e tanques, indica-se como importante haver ralos.

Em relação ao equipamento de produção e reprodução audiovisual, em Realengo II as salas não possuem projetores fixos na sala, AC (RII) sustenta que deveria haver projetores que pertencessem ao recinto. Câmeras fotográficas e novas tecnologias, em geral, também são almejadas. A possibilidade de inserção de música durante a aula é outra sugestão dada (Dandara, SCIII). Quanto aos materiais da sala, para além das ferramentas tecnológicas, os itens reconhecidos na amostra B próximos aos da mostra A, foram mencionados materiais de consulta e materiais de arte. Além dessas duas subcategorias, figurou também materiais de higiene.

A última categoria flutuante que utilizada para tabulação e geração de gráficos da amostra B, aplicada de forma similar à outra amostra, foi **problemas encontrados nas salas de Artes Visuais e soluções desenvolvidas**. O tratamento dos dados foi realizado segundo os mesmos critérios e a partir das mesmas ferramentas da primeira amostra. Foram identificadas, ao invés de 14 subcategorias de problemas, 10, dos quais 7 são comuns aos da amostra A: acesso à água, dimensões limitadas da sala, falta de mobiliário específico, gestão, luminosidade, temperatura e ventilação. A essas categorias de problemas foram agregadas: ausência de material diversificado, equipamento audiovisual e inadequação arquitetônica.

Quadro 29: Problemas vivenciados nas salas de Artes Visuais de Ensino Médio Integrado (amostra B)



Entre os problemas mais mencionados empatam, em quantidades de ocorrências, dimensões limitadas da sala, temperatura e gestão, cada um citado por representantes de 3 dos 5 *campi* que atendem o Ensino Médio Integrado (16% do total de dados compilados para a amostra). O resultado difere do de Anos Iniciais no qual as dimensões limitadas têm uma prevalência isolada.

Com uma ocorrência um pouco menor, também empatados em menções (cada um tendo sido citado por 2 *campi*, aproximadamente 11% do total de dados compilados), constam: ventilação, falta de mobiliário específico e acesso à água. Por fim, com uma incidência menos frequente, figuram: ausência de material diversificado, equipamento audiovisual, luminosidade e inadequação arquitetônica (cada um citado por 1 *campus*, representando 5% do total de dados compilados).

No âmbito da amostra B, o *campus* que indicou mais categoriais de problemas foi São Cristóvão III seguido de Realengo II (vide quadro 31). No quadro 30, além de arroladas dificuldades vivenciadas nas salas de Artes Visuais do Ensino Médio Integrado segundo as categorias referidas, descrevo, objetivamente, as circunstâncias de cada caso narradas pelos respondentes (dados encontrados preponderantemente nas respostas às perguntas 24 e 25). É associada à cada item a solução encontrada, quando mencionada pelos participantes.

Em tópico posterior, 4.3 “Problemas e soluções em destaque”, as dificuldades enfrentadas nas salas ambiente de Artes Visuais dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio Integrado do CPII são aproximadas. Busco apresentar, nesse item, possíveis caminhos para soluções replicáveis.

Quadro 30: Problemas da sala e soluções encontradas (amostra B)

Campus	Problemas da sala/espço	Solução
DC	<p>TEMPERATURA</p> <p>→ Descrição do problema: O ar-condicionado as vezes funciona, as vezes não.</p>	Buscou-se reparar o aparelho, mas seu funcionamento continua intermitente. Suspeita-se que o motivo é a instalação elétrica.
ENII	<p>ACESSO À ÁGUA</p> <p>→ Descrição do problema: Não possui ponto d'água.</p>	Não mencionada.
	<p>FALTA DE MOBILIÁRIO ESPECÍFICO</p> <p>→ Descrição do problema: Não possui mobiliário de ateliê</p> <p>→ Causa: prioridades da gestão do <i>Campus</i> para usos da sala</p>	Solicitou-se mobiliário específico, mas a sala é utilizada para concursos públicos, provas e aulas de outras disciplinas. Assim o mobiliário é comum em relação aos demais espaços.
	<p>GESTÃO</p> <p>→ Descrição do problema: Entende-se que a sala de Artes Visuais não deve possuir mobiliário específico porque é prioritário que siga sendo utilizada para provas e concursos.</p>	Não houve solução.
RII	<p>VENTILAÇÃO (sala 2)</p> <p>→ Descrição do problema: Sala pouco arejada</p> <p>→ Causa: Não possui janelas.</p>	Buscou-se providenciar ventilação natural para a sala sem sucesso, o prédio é tombado o que inviabiliza aberturas nas paredes.
	<p>LUMINOSIDADE (sala 2)</p> <p>→ Descrição do problema: Ausência de luz natural</p> <p>→ Causa: Não possui janelas.</p>	O prédio é tombado o que inviabiliza aberturas nas paredes.
	<p>DIMENSÕES LIMITADAS DA SALA (sala 1)</p> <p>→ Descrição do problema: Sala não comporta número de alunos de forma confortável</p>	Não houve solução.
	<p>LUMINOSIDADE (sala 1)</p> <p>→ Descrição do problema: As janelas não permitem projeção de imagens Causa: Iluminação direta, ausência de cortinas.</p>	Não houve solução.
	<p>TEMPERATURA (sala 1)</p> <p>→ Descrição do problema: Sala não possui aparelho de ar-condicionado.</p>	Buscou-se providenciar ar-condicionado para a sala sem sucesso. No prédio não há capacidade de energia.
	<p>FALTA DE MOBILIÁRIO ESPECÍFICO (sala 1)</p> <p>→ Descrição do problema: Mobiliário não permite execução de atividades coletivas de grandes dimensões (sala pequena)</p> <p>→ Causa: Mesas trapezoidais individuais.</p>	Não houve solução para a sala. Para propostas que dependem de uma estrutura de sala maior e mesas coletivas, utiliza-se a sala alternativa.
	<p>FALTA DE MOBILIÁRIO ESPECÍFICO (salas 1 e 2)</p> <p>→ Descrição do problema: Até o ano de 2017 ambas as salas não contavam com mobiliários para armazenamento de materiais (o que dificultava a organização de recursos e a guarda de trabalhos em desenvolvimento dos estudantes).</p>	Aquisição de estantes e armários.
	<p>EQUIPAMENTO DE ÁUDIO VISUAL (salas 1 e 2)</p> <p>→ Descrição do problema: Nenhuma das salas possui equipamento fixo para mídias audiovisuais (projetores), que precisam ser reservados e transportados pelas docentes para uso nas salas.</p>	Não houve solução.

Campus	Problemas da sala/espço	Solução
SCIII	ACESSO À ÁGUA (sala 2) → Descrição do problema: Pia não funciona há quatro anos	Solicitou-se junto à direção e por diversas vias o reparo contudo não houve ações como resposta para solucionar o problema.
	INADEQUAÇÃO ARQUITETÔNICA (sala 1) → Descrição do problema: Pequena quantidade de pias, formato não funcional.	Não mencionada.
	TEMPERATURA (sala 1) → Descrição do problema: Sala não possui aparelho de ar condicionado.	Solicitou-se junto à direção e por diversas vias o reparo contudo não houve ações como resposta para solucionar o problema.
	DIMENSÕES LIMITADAS DA SALA (sala 2) → Descrição do problema: Sala pequena.	Não mencionada.
	AUSÊNCIA DE MATERIAL DIVERSIFICADO → Descrição: Para desenvolvimento de atividades de ateliê, não há oferta de material diversificado para os alunos.	Não mencionada.
TII	DIMENSÕES LIMITADAS DA SALA (sala 2) → Descrição do problema: Sala pequena. → Causa: sala diminuída pela metade.	Não mencionada.
	GESTÃO → Descrição do problema: Salas de artes muitas vezes foram apropriadas pela escola para se transformarem em salas normais de aula para serem usadas em turmas regulares.	Não mencionada.
	GESTÃO (sala 2) → Descrição do problema: Metade da sala utilizada por empréstimo para os Anos Iniciais.	Não mencionada.
	GESTÃO (sala 2) → Descrição do problema: Metade da sala utilizada /cedida sem a anuência dos professores e da coordenação para o Laboratório de Humanidade.	Não mencionada.

Fonte: A autora, 2021.

Quadro 31: Resumo de categorias de problemas mencionadas por campus (amostra B)

		CAMPUS					Total de menções:
		DC	ENII	RII	SCIII	TII	
P R O B L E M A S	Acesso à água	x	✓	x	✓	x	2
	Dimensões limitadas da sala	x	x	✓	✓	✓	3
	Falta de mobiliário específico	x	✓	✓	x	x	2
	Gestão	x	✓	x	✓	✓	3
	Luminosidade	x	x	✓	x	x	1
	Temperatura	✓	x	✓	✓	x	3
	Ventilação	x	x	✓	✓	x	2
	Equipamento áudio visual	x	x	✓	x	x	1
	Ausência de material diversificado	x	x	x	✓	x	1
	Inadequação arquitetônica	x	x	x	✓	x	1
Total de menções		1	3	6	7	2	

Fonte: A autora, 2021.

4.3 Problemas e soluções em destaque

A análise de dados permitiu verificar quais os usos da sala de Artes Visuais nos Anos Iniciais e no Ensino Médio Integrado bem como identificar as dificuldades enfrentadas pelos professores nesse recinto. Também foi realizado um diagnóstico dos ambientes existentes, a partir da fala dos respondentes. Ainda, de forma proveitosa, confrontei práticas organizacionais nesses espaços. À vista disso, confirmei o conceito do produto educacional da presente pesquisa e conformei seu formato: um guia prático para organização de ateliês de Artes Visuais na Educação Profissional e Tecnológica.

Destaco, a seguir, alguns dos problemas compartilhados pelas duas modalidades de ensino. A partir de sugestões, que consideram a experiência relatada por meus colegas, busco apresentar possíveis caminhos para soluções viáveis para a sala ambiente de Artes Visuais. Tais reflexões encontram eco no produto educacional referido.

- Dimensões limitadas da sala

Em cada *campus* em que o problema de limitação das dimensões da sala de Artes Visuais é mencionado, encontramos circunstâncias específicas – Engenho Novo I, Humaitá I, São Cristóvão I, Tijuca I, Realengo II, São Cristóvão III, Tijuca II (vide os quadros 16 e 30).

É importante dizer que a limitação do espaço não se relaciona apenas à metragem de um dado recinto. De forma geral, uma adversidade dessa natureza pode ser minimizada ou contornada a partir de um bom aproveitamento do recinto. Dessa maneira, mesmo que seja inviável transferir a sala para um ambiente mais amplo ou realizar obras de ampliação, estratégias de organização podem ser o suficiente. O engessamento de soluções para a limitação do tamanho da sala pode deslocar-se, em certa medida, da caneta de um gestor ou da disponibilidade recursos para, antes de mais nada, um acordo entre os usuários do espaço, em especial a equipe docente. A organização implica identificar o que é realmente prioritário e deve permanecer no ambiente, envolve, portanto, uma ação de descarte planejado e permanente. Também está relacionada ao rearranjo de mobiliário, considerando a mobilidade no ambiente.

Vejamos alguns exemplos. No caso do *Campus* Engenho Novo I, em que a

sala era pequena para o quantitativo de alunos, optou-se por remover a mesa do professor, substituir as mesas fixas dos alunos por mesas dobráveis e deslocar uma papeleira. No *Campus Tijuca I*, situado em um prédio que não foi projetado para ser escola, as professoras encontraram solução similar, deram novo arranjo a mesas e cadeiras para as atividades. Em São Cristóvão I, que possui salas amplas contudo, como mencionado, teve uma delas desativada por problemas estruturais o que levou sua equipe a utilizar uma sala temporária de dimensões menores, removeu-se um tablado que nela havia para ampliar-se o espaço, prioriza-se o uso da sala com turmas de crianças de menor porte (1º e 2º anos) e faz-se um rodízio da equipe para uso da sala com melhor estrutura. Uma estratégia semelhante à de São Cristóvão I é empregada em Realengo II, que gerencia o uso de duas salas, uma mais espaçosa e outra menor, a partir do rodízio. A disposição de prateleiras e armários nas salas de Realengo II também deve haver facilitado a circulação e o aproveitamento do espaço. Já no *Campus Humaitá I*, as obras foram uma solução viável.

- Desorganização

A sensação de desorganização em uma sala de Artes Visuais pode ser resultado da disposição de mobiliário ou da relação entre os itens do mobiliário. É comum que as salas recebam móveis de outros ambientes da escola (São Cristóvão I, Realengo II) não possuindo, os itens, uma unidade ou padronização entre eles. Idealmente é muito bom lançar mão de mobiliário padronizado, isso valoriza o ambiente e gera conforto visual, o que reflete no comportamento das pessoas que se utilizam da sala. Sendo viável uma renovação de móveis garantindo alguma padronização, ainda assim, sua manutenção pode ser dificultada. Pode ser proveitoso lançar mão das diferenças entre móveis para se criar ambientes variados no recinto, como propõe Dandara (SCIII) que seja a sala de Artes Visuais ideal: “Espaçosa, acolhedora, confortável, com diferentes e harmônicos ambientes.”

Também facilita a organização a utilização de organizadores, padronizados. O excesso de informação visual em uma sala com muitos itens, materiais e ferramentas, não facilita a sua organização. A padronização, em uma mesma cor e forma, dos continentes de armazenamento tornará o conteúdo mais evidente para os usuários da sala. Sendo impraticável a padronização de organizadores por meio da compra de itens, o reaproveitamento de embalagens específicas de produtos, como

desinfetantes, amaciantes, água sanitária, por exemplo, comprados em larga escala pela escola ou consumidos por membros da equipe de *campus*, e sua utilização pode ser uma solução de zero custo para padronizar determinados tipos de organizadores (figura 19).

Figura 19: Organizadores feitos a partir de garrafas de plásticas (de amaciante ou água sanitária)



Fontes: BRAZ (s/d), SIMPERJ (2018).

Caso a equipe lance mão de embalagens reaproveitadas, é importante estabelecer-se critérios bem definidos no que se refere ao armazenamento de materiais. A ausência de um plano de aquisição e descarte terminará por agravar o problema de desorganização, não o solucionará.

- Murais

Faço menção a um problema, apontado por Tijuca I, que permanece insolúvel: faltam paredes para mural e não há perspectivas para ampliação do ambiente. A salas de Artes Visuais do *Campus* Duque de Caxias e Tijuca II também necessitam de murais. As limitações, em alguns casos, podem oferecer oportunidades para soluções únicas que concedem uma identidade particular ao espaço. Talvez seja uma alternativa possível explorar ocasionalmente as janelas como suporte e mural

expositivo valendo-se de possibilidades plásticas que considerem luz, transparência versus opacidade e/ou intervenção na paisagem (figura 20).

Figura 20: Detalhe de janela, sala do Setor de Orientação Educacional e Pedagógica do CPII Campus Humaitá II



Fonte: A autora, 2019.

Armários grandes também podem tornar-se suporte/murais. Ainda é possível considerar a aplicação de cortiça diretamente sobre a parede, a cortiça é de baixo custo, versátil e capaz ocupar áreas pequenas bem como ser recortada facilmente em formatos variados: pode cobrir uma quina, um estreito trecho da parede que vá, verticalmente, de alto a baixo ou, horizontalmente, de um lado a outro (figura 21). Algumas cortiças já possuem adesivo. Deve-se levar em conta que pode ser necessário, dentro de alguns anos, substituir as folhas aplicadas e que sua remoção e não substituição redundará em resíduos do material e manchas de cola na parede exigindo limpeza e/ou pintura. Mais uma opção, que é de meu conhecimento que já ocorre no *campus*, seria utilizar outros espaços da escola para expor.

Figura 21: Aplicação de faixa horizontal de cortiça em parede, CPII, *Campus Humaitá I*



Fonte: A autora, 2019.

- **Gestão**

Mencionada pelos *campi* São Cristóvão I, Engenho Novo II, São Cristóvão II e Tijuca II, a gestão está frequentemente associada à resolução ou não resolução de problemas estruturais nas instalações de escolas²⁴. Aqui tratarei apenas da gestão local, a única que foi citada pelas respondentes e aquela que, possivelmente, pode ser mais facilmente conduzida pelas demandas da comunidade escolar via fóruns institucionais, sejam eles consultivos ou deliberativos.

Os professores não poderão, sem a colaboração de instâncias superiores, resolver em definitivo a maior parte dos problemas citados por eles. Aqueles que, a meu ver, exigem intervenção gestora, serão analisados a seguir. Sobre o acesso à água: pode ser necessário o reparo de encanamento, troca ou instalação de torneira e tanque. Acústica: sua solução envolve mudanças na dinâmica da escola, horário do recreio, circulação de aluno, ou a colocação de isolamento acústico de material não

²⁴ A gestão abarca, de maneira mais ampla, ações dos governos federal, estadual ou municipal, dependendo do âmbito da instituição de ensino, e gestores da própria instituição, no caso do CPII destaco o reitor e as direções de *campus*.

inflamável no recinto. Falta de mobiliário específico: implica aquisição de móveis novos, pode haver a necessidade de que esses sejam planejados, ou adaptação de móveis antigos. Infestação por cupim: demanda desinfestação e descarte de itens contaminados. Infiltração: exige obras. Luminosidade: pode estar relacionada à instalação novos pontos de luz, troca de lâmpadas, abertura de janela ou mesmo colocação de cortinas *blackout* ou similar para facilitar projeções de imagem. Mobiliário antigo já comprometido: será necessário renovação de mobiliário. Mobilidade: possivelmente envolverá troca de sala, instalação de elevador, construção de rampa ou outras soluções similares. Segurança – comprometimento da sala em caso de sinistro: exige obras. Temperatura elevada de ambiente: espera-se instalação de ar-condicionado ou ventiladores. Ventilação: implica obras, abertura de janelas.

Ademais, tenho em mente que a resposta ao problema enfrentado, que pode apresentar diferentes graus de complexidade, depende diretamente do teto de recursos disponíveis na escola e das prioridades determinadas para o uso desses recursos. É fundamental, portanto, que a equipe que lida diretamente com o espaço registre o mais rápido possível o problema, textualmente e por meio de fotografia e/ou vídeo, e reporte imediatamente à direção. A indicação do problema não deve ser apenas verbalizada, é importante que seja documentada pelo docente por via institucional. A mais simples, a meu ver, é o envio de e-mail onde deverá constar, preferencialmente, texto descritivo e imagens. O e-mail, datado, servirá de suporte documental para, se necessário, justificar novamente à direção ou em outras instâncias institucionais a urgência em responder um problema cuja solução se faz morosa. Sem dúvidas, tanto a gravidade quanto a data de indicação da dificuldade verificada servirão de critério para priorizar sua solução.

Em São Cristóvão, uma de suas salas teve o forro do teto fragilizado e está com infiltração, por segurança, o espaço foi desativado e temporariamente usa-se outro recinto. Nessas circunstâncias, obras são indispensáveis. Até o momento não foram viabilizadas porque, segundo indicaram as professoras, dependem de instâncias superiores e da interação com outro *campus*. Mais uma dificuldade é que as salas de Artes Visuais recebem apenas mobiliários de descarte de outros espaços quando esses recebem mobiliário novo. A questão de recepção exclusiva de mobiliário de descarte esbarra em outra mencionada, a não renovação do mobiliário, que já apresenta desgaste.

No *Campus* Engenho Novo II, a sala, que recebeu o nome de sala de Artes

Visuais, não possui estrutura de ateliê. Segundo Ale (ENII), há o entendimento, local, de que o espaço deve manter-se como está por continuar sendo utilizado para aplicação de provas de diferentes matérias e concurso público. A meu ver, o espaço não se transformou, ainda, em uma sala ambiente. Não basta conceder o espaço sem, com ele, garantir condições de uso. É um equívoco considerar como perda, para o *campus*, possuir uma sala com instalações específicas de sala de Artes Visuais: com, no mínimo, ponto d'água e mesas coletivas. A sede possui outras salas ambiente, como laboratórios de Química e de Física, Biblioteca, que não poderiam ser devidamente utilizados sem mobiliário e estrutura específica. Por que a diferença?

Em São Cristóvão III, apesar de buscar-se por vias formais e informais a solução para a pia, inutilizada há anos, em uma das salas, e para o ar-condicionado da outra sala, que continua sem funcionamento, não houve ações como resposta para solucionar tais questões.

No *Campus* Tijuca II, salas de Artes Visuais foram apropriadas para tornarem-se sala de aula regulares. Depois de ceder, por longo período, metade de uma de suas salas para o Pedrinho, que, passou a ter sede própria, o espaço poderia voltar a ser utilizado pela equipe da disciplina. Mas, sem o seu consentimento, foi cedido para o Laboratório de Humanidade.

Apesar de levar em conta que para ter-se uma perspectiva mais ampla dos ocorridos nos *campi* mencionados seria necessário verificar que outros ambientes da escola, além da sala de Artes Visuais, aguardam obras, recebem móveis de descarte, são desapropriados, tais práticas, a princípio, indicam o valor que é dado à área de conhecimento Artes Visuais em cada um desses espaços de ensino.

Entendo também que, além da sinalização por vias institucionais dos problemas estruturais da sala de Artes Visuais, outro recurso documental possível para, enquanto docentes, pleitear resolvê-los é lançar mão, como referência, de soluções bem-sucedidas acordadas em outros *campi* entre a equipe de Artes Visuais e suas direções. Elas podem dar certa "jurisprudência" para sustentar mudanças na cultura institucional de outro *campus*, como o caso da prática de escoamento de móveis de descarte para a sala de Artes Visuais em São Cristóvão I. No Engenho Novo I, adquiriu-se mesas dobráveis, no Humaitá I, móveis planejados, em Realengo II, prateleiras. Sendo necessária a elaboração de documentos de licitação, junto ao financeiro local, as equipes que adquiriram móveis novos podem ajudar as que desejam o mesmo disponibilizando, como modelo, o arquivo elaborado em seu *campus*. De toda forma,

esse documento é público podendo ser consultado livremente através de uma busca na internet. Tenho em vista que as realidades orçamentárias de cada *campus* podem ser diferentes por serem eles descentralizados. Contudo, possuem o mesmo regimento interno e a busca de padronização é o que orienta o funcionamento institucional do CPII.

Com esses apontamentos, concluo a exposição das soluções em destaque para problemas enfrentados nas salas de Artes Visuais analisadas. Apresento, adiante, o produto educacional que a presente pesquisa possibilitou desenvolver, *Organização fora da caixa: um guia prático para ateliês de Artes Visuais na EPT*.

5 PRODUTO EDUCACIONAL: ORGANIZAÇÃO FORA DA CAIXA

A dissertação de João Maria dos Santos Damasceno (2016), *O ateliê como inspiração para a criação de espaços de ensino de Artes Visuais na escola* e a pesquisa-ação de Josiane Marie Krauze da Silva (2008), *Sala de arte: a importância do espaço*, serviram como primeiras referências para o produto educacional correlato à presente pesquisa. Ambos os professores desenvolveram projetos arquitetônicos para salas de Artes Visuais em escolas: o Instituto Federal do Rio Grande do Norte e o Colégio Estadual Dr. Francisco Azevedo, em Curitiba.

Considerei a possibilidade de realizar um manual que auxiliasse docentes de Artes Visuais, principalmente do Ensino Médio Integrado, a organizar e adequar suas salas aos usos específicos dessa disciplina. No questionário aplicado às amostras A e B, direcionei perguntas para o tema produto educacional. Tais perguntas foram definitivas para a formatação do produto.

Quando questionadas se consideravam que um manual sobre organização de salas de Artes Visuais seria útil a professores da disciplina (pergunta 35), metade das participantes da amostra A respondeu positivamente, a outra metade negativamente. De igual modo, as opiniões dividiram-se, meio a meio, para os respondentes da amostra B.

Entre aqueles que defendem que seriam beneficiados pelo manual, Olivia (ENI) indica que o documento poderia prever “Desde como quantificar o uso de material a ser pedido para o ano letivo. Previsão de equipamentos mínimos necessários para as linguagens diversas e especificação [sic] de materiais e formatos dos mobiliários entre outros.” Para Ultramarina e Eli, seria indispensável indicar como o espaço da sala reflete práticas ali desenvolvidas, como o conteúdo de Artes Visuais auxilia na configuração da sala ambiente da disciplina. Poderiam constar “Dicas e sugestões de organização do espaço para atender mais adequadamente aos princípios filosóficos e pedagógicos dos docentes que ali atuarem” (Eli, SCI). Carmim (HI), por sua vez, acredita

que um manual que exibisse ambientes organizacionais interessantes e experiências organizacionais bem sucedidas pode contribuir muito para a reformulação de certos ambientes e uma utilização mais criativa do espaço. Seria interessante que o manual oferecesse exemplos de organizações, espaços e até mesmo mobiliários interessantes ao ateliê.

Outro conteúdo apontado é a conservação dos materiais, “como cuidar dos pincéis para que durem mais, a importância de usar sempre uma paleta para as tintas aos [sic] invés de usá-las direto dos potes, como armazenar a argila e o que fazer para recuperá-la quando empedra etc etc.” (Petúnia , DC e SCIII) Sugeriu-se, ainda, ideias “para otimização e adaptação dos espaços. Propostas que viabilizem usos multifuncionais de uma mesma sala.” (AC, RII) E, também, “como criar, construir materiais e instrumentos. Sugestões de mobiliários de custo zero ou baixo custo.”

Eli (SCI) e Petúnia (DC e SCIII) entendem que um manual seria pertinente principalmente a docentes inexperientes que têm um espaço físico disponível para sua aula e possuem o desejo de organizá-lo. Ainda poderia servir de referência para aqueles que pretendem batalhar para que esse recinto venha a existir em suas escolas (Eli, SCI).

Os que defendem que um manual não traria contribuições, entendem que as regras de organização para o espaço não podem ser padronizadas (VG, TII) já que são estabelecidas pela equipe através de debate (Violeta, SCI; Fúcsia, RI; Arteira, TI), devem incluir a deliberação dos discentes nesse processo (Fúcsia, RI; Ale, ENII) e considerar a realidade da escola (Arteira, TI), que pode variar em muitos aspectos. Algumas respondentes sugerem alternativas que, a seu ver, melhor contemplariam a elas e seus pares. Violeta (SCI) diz “acredito que a criação de elementos básicos para uma sala de Artes na escola (qualquer escola), ouvindo docentes de área, seria muito interessante e útil.” Amarelo (TI) entende que “Os professores podem ter sugestões diferentes para as abordagens e isso é rico”. No lugar de um manual, Lila sugere (RII) “uma compilação de boas ideias”. A isso converge a proposta de VG, um “caderno de exemplos e possibilidades de organização da sala.”

No quadro a seguir são reunidas as sugestões dos respondentes de ambas as amostras para o produto educacional que melhor lhes atenderia:

Quadro 32: Sugestões de participantes da pesquisa para o produto educacional

<p>Quanto ao conteúdo</p>	<p>Sugestões para:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conservação e acondicionamento de materiais • Planejamento anual para aquisição de materiais • Mobiliário de ateliê • Mobiliário de custo zero ou baixo custo • Otimização e adaptação de espaços • Construção de instrumentos e materiais • Organização da sala <p>Experiências organizacionais bem-sucedidas</p>
<p>Quanto à forma</p>	<p>Não pode haver soluções padronizadas</p> <p>Lista de exemplos</p> <p>Compilação de boas ideias</p>
<p>Quanto ao público</p>	<p>Professores iniciando o magistério em Artes Visuais</p> <p>Professores que lutam pela criação de um ateliê em sua escola</p> <p>Professores de Artes Visuais</p>
<p>Quanto à elaboração</p>	<p>Contribuição de diversos professores de Artes Visuais</p>

Fonte: A autora, 2021.

O que fica evidente é que a padronização de soluções não vai ao encontro dos anseios dos respondentes, sejam os se manifestaram favoráveis ao manual sejam aqueles que entendem que não se beneficiariam dele. O formato e a nomenclatura “manual”, portanto, que indicam regras estanque, tiveram que ser desconsiderados pois não alcançariam de forma abrangente o público-alvo. O conceito desejado pelos professores participantes é mais dinâmico e aberto, um guia prático de orientações para organização de salas de Artes Visuais que compile várias ideias e leve em conta a experiência docente em torno da configuração desse espaço.

Um produto do tipo, visando principalmente professores de Artes Visuais do Ensino Médio Integrado que não têm na escola um espaço próprio para suas aulas, tendo em vista o caráter tecnicista da maioria dos cursos da modalidade, seria proveitoso à Educação Profissional e Tecnológica. Propusemos um título e um formato que transparecessem a ideia de abertura e dinamismo defendida pelos professores.

Figura 22: Capa e contracapa de “Organização fora da caixa”



Fonte: A autora, 2021.

Organização fora da caixa: um guia prático para organização de ateliês de Artes Visuais na EPT. Um e-book em formato pdf no qual, a partir do sumário, é possível ao leitor buscar itens de interesse e navegar livremente bem como extrapolar as imagens e textos nele presentes escaneando os códigos QR e *pincoodes*²⁵ que entremeiam suas páginas utilizando a câmera do celular ou clicando nos *links* disponíveis.

Figura 23: Exemplos de páginas de “Organização fora da Caixa” que contém códigos QR e links



Fonte: A autora, 2021.

²⁵ Semelhante a um código QR, é um código de leitura do aplicativo e portal *Pinterest*. Cada *pincode* conduz a uma pasta do *Pinterest* que reúne “pins”, conteúdos de interesse, em forma de imagem e vídeos.

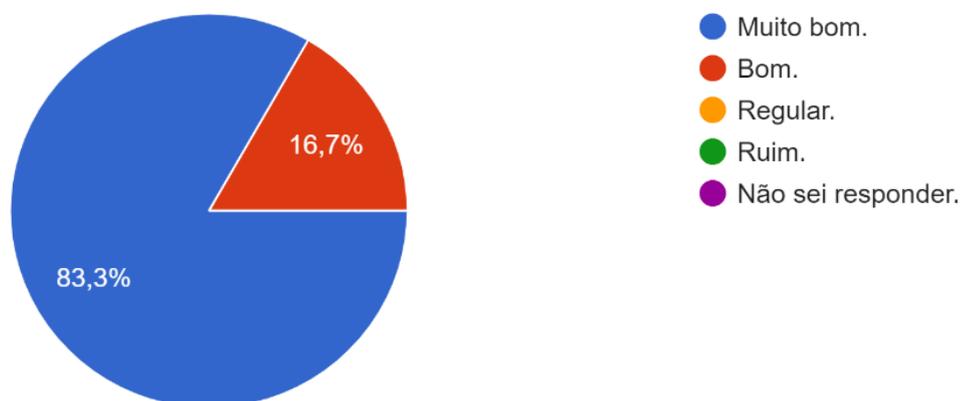
Figura 24: Exemplo de pincode presente no guia



Fonte: A autora, 2021.

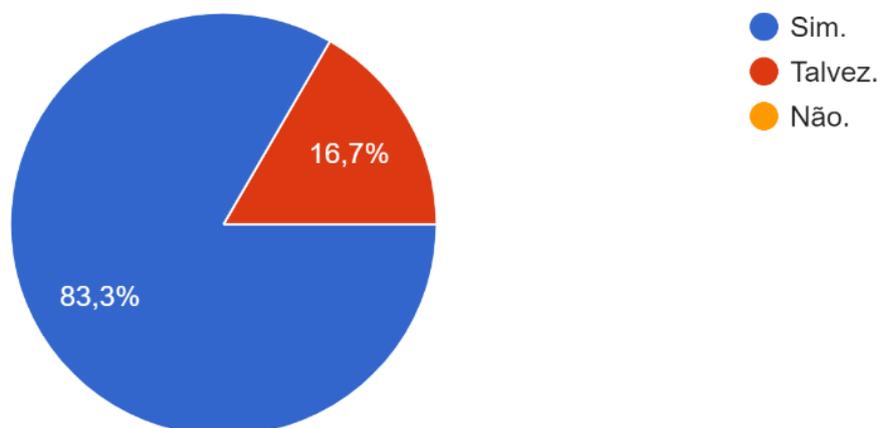
O ponto de partida para a construção do *e-book* foi a análise dos questionários respondidos pelos 16 docentes participantes da pesquisa. O produto foi aplicado aos mesmos professores, posteriormente convidados a avaliá-lo (apêndice F). 12 colaboraram com o formulário digital avaliativo, suas respostas permitiram confirmar a adequação do formato e linguagem de *Organização fora da caixa* e a execução de ajustes finos no material.

**Quadro 33: Como você avalia o produto educacional desenvolvido?
(amostras A e B)**



Fonte: A autora, 2021.

Quadro 34: Você acredita que este guia pode auxiliar professores a encontrarem soluções a serem aplicadas na prática organizacional da sala utilizada pela disciplina Artes Visuais?



Fonte: A autora, 2021.

Elencamos, no guia, soluções de mobiliário que contribuem para melhores práticas organizacionais em salas de Artes Visuais visto ser essa uma das principais preocupações apontadas pelos professores participantes. Definimos 7 categorias de práticas organizacionais: 1) acondicionamento de trabalhos e materiais de uso diário; 2) painel expositivo; 3) área para secagem de trabalhos; 4) disposição de aventais; 5) aproveitamento de espaço; 6) espaço para material de consulta; 7) estocagem de ferramentas e materiais. Procuramos indicar para cada categoria modelos ilustrados de móveis planejados e ideias de baixo do tipo faça você mesmo.

As ilustrações partiram do projeto de licitação para móveis planejados, já mencionado, do qual a equipe de Artes Visuais de meu *campus* de lotação, Colégio Pedro II *Campus* Humaitá I, pôde participar entre 2018 e 2019. As ideias de baixo custo têm diversas autorias e formatos, foram coletadas de múltiplos sites e organizadas em pastas do portal e aplicativo *Pinterest*.

Figura 25: Exemplo de página de “Organização fora da Caixa” com ilustração de móvel planejado e pincode de acesso a soluções de baixo custo para móveis retráteis



Fonte: A autora, 2021.

Também apresentamos resumidamente o contexto e dados da pesquisa que originaram o produto. Ainda indicamos alguns princípios e materiais de consulta que podem orientar o manejo do professor com a gestão escolar local, caso tenha o desejo de encaminhar a ela ou realizar com ela propostas para criação ou melhorias de salas de Artes Visuais.

O produto educacional pode ser acessado, para consulta e download, a partir do link: <https://organizacaoforadacaixa.wordpress.com/about/>.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relembro que este estudo de caso, que teve como objeto de investigação salas de Artes Visuais, sua organização e seus usos, foi realizado no único Instituto Federal que atende desde a Educação Infantil à Pós-Graduação. Com ele busquei aproximar as práticas e pressupostos de professores de Artes Visuais dos Anos Iniciais e do Ensino Médio Integrado em torno da configuração desse espaço, acreditando que tais trocas poderiam ser relevantes para tornar acessíveis soluções de adequação e organização do recinto a outros espaços de ensino voltados para a Educação Profissional e Tecnológica.

Em tal exercício, levei em conta o apagamento documental da memória das salas de Artes Visuais no CPII. Apagamento que, a meu ver, termina por reforçar a relação hierárquica, muitas vezes presente em escolas, entre teoria e prática, disciplinas da mente e do corpo, não coincidente com uma perspectiva integrada de ensino. Estabeleci pontos de contato entre a relação dual mencionada e o histórico rompimento entre ensino e trabalho, promovido pelo desenvolvimento da sociedade de classes e aprofundado pelo modo de produção capitalista na revolução industrial. Ainda determinei nexos entre a mesma relação dual e a trajetória do Ensino de Artes Visuais no CPII, cujo primeiro currículo para os Pedrões foi curiosamente concebido por professoras de formação Normal advindas da extinta matéria Trabalhos Manuais, que buscaram formação complementar em museus.

Não foi possível, embora estabelecido como objetivo secundário, investigar a fundo o histórico das salas reservadas para as aulas de Artes Visuais no CPII. As fontes bibliográficas consultadas não forneceram informações suficientes, tampouco os questionários aplicados. Seria necessário buscar, junto à engenharia da escola, antigas plantas dos *campi* existentes e/ou entrevistar pessoas com informações pertinentes a fim de obter dados mais consistentes sobre o assunto. Um levantamento de possíveis entrevistados foi realizado. No entanto, o contexto pandêmico inviabilizou ambas as alternativas. As possibilidades seguem, todavia, para pesquisas futuras.

Interessa-me aprofundar a investigação sobre a memória de salas reservadas para ensino de arte no CPII ao longo dos anos, levando em conta a possibilidade de apropriação e desapropriação de recintos e verificando em que medida a determinação de territorialidades na estrutura física da escola reflete ou não processos de hierarquização entre componentes curriculares.

Apesar de não lograr realizar um levantamento detalhado do histórico desses recintos, a partir da análise dos questionários aplicados, consegui identificar seus usos e como ocorre sua organização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio Integrado. Logrei comparar os processos nas duas etapas formativas analisadas, identificando similitudes e demandas específicas. Da mesma forma, reconheci dificuldades enfrentadas pelos docentes da área relativas à organização e usos desse espaço. Realizei minimamente, a partir das descrições textuais desses profissionais, um diagnóstico dos ambientes e ainda elaborei o guia de orientações para organização de ateliês de Artes: *Organização fora da caixa*.

Entendo que o guia pode ser útil a quem ainda vai iniciar o magistério em Artes Visuais e também para quem está em exercício, já que o material traz vários destaques de cunho prático e pedagógico, que têm por base um trabalho comprometido com a produção artística e o ato criativo. Também indica possibilidades para se superar dificuldades muito comuns enfrentadas em salas de Artes nas escolas. A troca de experiências docentes que ele promove pode contribuir para que o público-alvo pense um pouco além da dureza enfrentada na realidade escolar.

Acredito que haver alcançado tais objetivos permitiu-se colaborar de alguma forma com a constituição de uma memória coletiva da sala de Artes Visuais no CPII. Uma vez que adoto a perspectiva de indissociabilidade entre saberes e fazeres para todos os níveis e modalidades de ensino, coerente com a noção de trabalho como princípio educativo e de arte como experiência, compreendo e enfatizo que estudar os usos e a organização das salas que servem às aulas de Artes Visuais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio Integrado do CPII é relevante para tornar acessíveis sugestões de soluções de adequação do recinto a outros espaços de ensino voltados para a Educação Profissional e Tecnológica.

REFERÊNCIAS

ALLEN, EDWARD.; IANO, Joseph. **Fundamentos da Engenharia de Edificações**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

ALVES, Rafael Augusto da Silva. **A experiência em arte no ensino técnico: investigações para uma aprendizagem significativa**. 2016. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

ANDRADE, Erika Natacha Fernandes; CUNHA, Vinicius da. A contribuição de John Dewey ao ensino da arte no Brasil. **Espacio, Tiempo y Educación**, Salamanca, v.3, n.2, 2016, 301-319. Disponível em: <https://www.espaciotiempoyeducacion.com/ojs/index.php/ete/article/view/106>. Acesso em: 5 jun 2021.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 52, n. 38, p. 61–80, maio/ago 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/viewFile/7956/5723>. Acesso em: 12 abr. 2018.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. Abordagem Triangular: bússola para os navegantes destemidos dos mares da arte/ educação. *In*: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira (orgs.). **A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. p.80-99.

BARATO, Jarbas Novelino. Conhecimento, trabalho e obra: uma proposta metodológica para a Educação Profissional. **Boletim Técnico do Senac**, a Revista da Educação Profissional, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 4-15, dez. 2008. Disponível em: <http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/262>. Acesso em: 13 abr. 2018.

BARBOSA, Ana Mae Barbosa. **Arte-educação no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae Barbosa. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BARBOSA, Ana Mae Barbosa (org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7.ed. São Paulo, Cortez, 2012.

BARBOSA, Ana Mae Barbosa. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2015.

BRAGA, Ialê Falleiros. Parâmetros Curriculares Nacionais para a educação básica e a construção de uma nova cidadania. *In*: NEVES, Lúcia Maria Wanderley. (Org.). **A**

nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso. 1.ed. São Paulo: Xamã, 2005. p. 209-235.

BRASIL. **Decreto nº 5.840 de 13 de julho de 2006.** Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/Decreto/D5840.htm#art11. Acesso em 18 jun. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.741 de 16 de julho de 2008.** Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11741.htm. Acesso em 18 jun. 2021.

BRAZ, Nina. Organizador de Revistas, livros etc. S/d. 2 fotografias. *In: Tu organiza*. Site de Decoração, casa e organização. Disponível em: <http://www.tuorganizas.com/2014/08/organizador-de-revistas-livros-etc.html>. Acesso em 30 abr. 2021.

BRITTO JÚNIOR, Álvaro Francisco de; JÚNIOR, Nazir Feres. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Evidência**, Araxá, v. 7, p. 237-250, 2011.

CARDOSO JUNIOR., Wilson. **A interculturalidade no ensino de artes visuais do Colégio Pedro II.** 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CARDOSO JUNIOR, Wilson; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Interculturalidade e ensino de artes visuais do Colégio Pedro II. **Educação**, Santa Maria, v. 43, n. 4, p. 721-740, out./dez. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/1171/117157486006/117157486006.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2019.

CARVALHO E SILVA, Maria do Carmo Potsch de.; MOREIRA, Laélia Portela. O ensino da arte no Colégio Pedro II: resistência e mudança. **Educação por Escrito**, Porto Alegre, v. 7, p. 88-105, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas0.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/download/23160/14621/>. Acesso em: 8 jan. 2019.

CARVALHO E SILVA, Maria do Carmo Potsch de. **O Ensino da Arte no Colégio Pedro II: Políticas e Práticas.** 2013. Tese (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2013.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea:** uma introdução. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COHN, Greice. A arte contemporânea e o Ensino Médio: um encontro possibilitador de novos olhares sobre Arte. *In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE*

EDUCADORES DO BRASIL, 17., 2007, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2007. Disponível em: <https://www.faeb.com.br/anais-confaebs/>. Acesso em: 21 nov. 2018.

COLÉGIO PEDRO II. **Blog do CREIR**: propostas pedagógicas/ Artes Visuais. Rio de Janeiro, 2020. 1 fotografia. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/blog/creir/documentos-do-creir/propostas-pedagogicas/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

COLÉGIO PEDRO II. **Colégio Pedro II** - portal do Colégio Pedro II. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br>. Acesso em: 10 mar. 2020.

COLÉGIO PEDRO II. **Composição curricular do Ensino Médio Integrado Técnico em Instrumento Musical** (antigo desenho). Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.cp2.g12.br/cpii/perguntas_frequentes/1300-47-qual-a-composi%C3%A7%C3%A3o-curricular-do-ensino-m%C3%A9dio-integrado-t%C3%A9cnico-em-instrumento-musical-no-col%C3%A9gio-pedro-ii.html. Acesso em: 29 out. 2019

COLÉGIO PEDRO II. **Composição curricular do Ensino Médio Integrado Técnico em Instrumento Musical** (desenho atual). Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: http://www.cp2.g12.br/cpii/perguntas_frequentes/1300-47-qual-a-composi%C3%A7%C3%A3o-curricular-do-ensino-m%C3%A9dio-integrado-t%C3%A9cnico-em-instrumento-musical-no-col%C3%A9gio-pedro-ii.html. Acesso em: 14 nov. 2019

COLÉGIO PEDRO II. **Política de Interação entre os Segmentos de Ensino**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://www.cp2.g12.br/atos_administrativos/9791-pol%C3%ADtica-de-intera%C3%A7%C3%A3o-entre-os-segmentos-de-ensino.html>. Acesso em: 13 nov. 2019.

COLÉGIO PEDRO II. **Pregão Eletrônico Nº 1/2019**. Processo Administrativo nº23775.000208/2019-81. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://comprasnet.gov.br/ConsultaLicitacoes/download/download_editais_detalhe.asp?coduasg=155624&modprp=5&numprp=12019. Acesso em: 24 abr. 2020.

COLÉGIO PEDRO II. **Projeto Político Pedagógico Institucional 2017-2020**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: http://www.cp2.g12.br/atos_administrativos/8218-novo-projeto-pol%C3%ADtico-pedag%C3%B3gico-institucional-pppi.html. Acesso em: 10 out. 2018.

COLÉGIO PEDRO II. **II Seminário de Arte Visuais recebe propostas de comunicação**. Rio de Janeiro, 19 set. 2017. Disponível em: https://www.cp2.g12.br/ultimas_publicacoes/223-noticiaas2017/6526-ii-semin%C3%A1rio-de-arte-visuais-recebe-propostas-de-comunica%C3%A7%C3%A3o.html. Acesso em: 12 jan. 2019.

COLÉGIO PEDRO II. **II Seminário de Artes Visuais reúne mais de cem profissionais no MNBA**. Portal eletrônico oficial do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro, 07 jul. 2017. Disponível em:

<https://www.cp2.g12.br/component/content/article.html?id=6899>. Acesso em: 12 jan. 2019.

DAMASCENO, José Maria. **O ateliê como inspiração para a criação de espaços de ensino de artes visuais na escola**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Artes - Profartes) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte**: a arte contemporânea e os limites da história. 1. ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2010.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. 1. ed. São Paulo; Martins Fontes. 2010.

DORIA, Escragnolle. **Memória Histórica do Colégio Pedro II**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1997.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. RocketEdition, 1999. Disponível em: http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/F_ANGELS.pdf. Acesso em: 16 ago. 2018.

FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. PATTO, Maria Helena Souza (org) **Introdução à Psicologia Escolar**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

FERRAZ, Maria. Heloísa C. de T. Ferraz; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia no ensino de Arte**: fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2019.

FERRAZ, Maria. Heloísa C. de T. Ferraz; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Arte na educação escolar**. 4. ed. São Paulo, Cortez, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, Alexandre José. Onde se encontra o ensino de artes visuais entre os buracos da educação profissional. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES DO BRASIL, 17.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE-EDUCADORES, 5., 2017, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: Editora UFMS, 2017. v. 27. p. 2520-2531.

LARCHER, Lucas. O diário de bordo e suas potencialidades pedagógicas. **ouvirOUver**, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 100-111, 18 jun. 2019.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEITE, Priscilla Souza Chisté. Produtos Educacionais em Mestrados Profissionais na

Área de Ensino: uma proposta de avaliação coletiva de materiais educativos. *In*: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 7., 2018. Fortaleza. **Atas** [...]. Aveiro - Portugal: Editora Ludomedia, 2018. v. 1. p. 330-339.

LOGAR. *In*: DICIO. Dicionário online de Português. Porto: 7 Graus, 2020 . Disponível em: www.dicio.com.br/logar/. Acesso em 02 abr. 2020.

LOGAR. *In*: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. Lisboa: Priberam, 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/logar>. Acesso em: 02 abr. 2020.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINEZ, César Augusto Ferrari. Por uma Pedagogia do Espaço. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 39, n.1-2, p. 75-84, jul. 2012.

MARX, Karl; LLORENTE, Francisco Rubio. **Escritos de juventud**. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

MOREIRA, Nanci Saraiva. **Espaços educativos para a escola de Ensino Médio**: proposta para as escolas do estado de São Paulo. 2005. Tese (Doutorado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NIELSEN, Jakib. Tag Cloud Examples. *In*: NIELSEN NORMAM GROUP. **Nielsen Norman Group**: UX Training, Consulting, & Research. [S. l], 23 mar. 2009. Disponível em: <https://www.nngroup.com/articles/tag-cloud-examples/>. Acesso em: 30 de mar. de 2020.

NOSELLA, Paolo. Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.12, n. 34, p.137-151, jan./abr. 2007.

ORNSTEIN, Sheila Walbe. Arquitetura, Urbanismo e Psicologia Ambiental: uma reflexão sobre dilemas e possibilidades da atuação integrada. **Psicologia USP**, v.16, p. 155-165, 2005.

PAIVA, Francisco da Silva. Ensino Técnico: Uma breve história. **Revista Húmus**, São Luís, v.3, n. 8, p. 35-49, 2013. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1677>. Acesso 16 jun 2021.

PECINI, Arthur Custódio. Artistas e artesãos e a constituição de um “campo” artístico em Florença no século XV. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 4., 2008, Campinas. **Atas** [...]. Campinas: IFCH-UNICAMP, 2008, p. 888-893. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3970>. Acesso em: 13 jan. 2019.

PEREIRA, Eduardo Henrique Passos Pereira; BARROS, Duarte Benevides de

Barros. Humanização. *In*: PEREIRA, Isabel Brasil *et al.* **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro. EPSJV, 2008. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/hum.html>. Acesso em: 6 set. 2019.

PINTEREST. Pinterest - Brasil. Rede social. Disponível em: <https://br.pinterest.com/>. Acesso em: 23 jul 2021.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekien, 2001.

PÓLIS. *In*: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. Lisboa: Priberam, 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/p%C3%B3lis>. Acesso em: 17 abr. 2020.

RAMOS, Marise. Ensino Médio Integrado. **Concepção do Ensino Integrado**. *In*: ARAÚJO, Ronaldo; TEODORO, Elinilze. (Org.). Ensino Médio Integrado no Pará como Política Pública. Belém: SEDUC-PA, 2009, p. 144-182.

SALA DE ARTE. Sobre este grupo. Grupo privado do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/382334951787993/about/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

SANT'ANNA, Sabrina Parracho. Musealização, crítica de arte e o exercício experimental da liberdade em Mario Pedrosa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 24, n 48, p. 385-404, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/8Nj6VhfPDT5gMPt5CdngvCd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2021.

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos *et al.* **Memória Histórica do Colégio Pedro II**. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2018.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.12, n.34, p.152-180, jan./abr. 2007.

SOUSA JUNIOR, Justino de. Omnilateralidade. *In*: PEREIRA, Isabel Brasil *et al.* **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro. EPSJV, 2008. Disponível em: www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/omn.html. Acesso em: 6 set. 2019.

SOUSA JUNIOR, Justino de. Politecnicidade e unilateralidade em Marx. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n. 5, p. 98-114, jan/jul, 1999.

SILVA, Josiane Maria Krauze da. Sala de arte: a importância do espaço. *In*: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**, 2008. Curitiba: SEED/PR, 2011. v. 1. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2008_ufpr_arte_artigo_josiane_maria_krauze_da_silva.pdf. Acesso em 5 jul.2019.

SILVA, Josiane Maria Krauze da. Sala de arte: a importância do espaço. *In*: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**: produção didático-pedagógica, 2008. Curitiba: SEED/PR, 2011. v.2. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2008_ufpr_arte_md_josiane_maria_krauze_da_silva.pdf. Acesso em: 5 jul. 2019.

SEVCENKO, Nicolau. **O Renascimento**. 16. ed. São Paulo: Atual, 1994.

SIMPERJ. **Quais são as melhores formas de reaproveitar o plástico?** 12 set. 2018. 6 fotografias, colagem digital. Disponível em: <https://www.simperj.org.br/blog/2018/09/12/quais-sao-as-melhores-formas-de-reaproveitar-o-plastico>. Acesso em 30 abr. 2021.

STACK EXCHANGE. Tour. Rede de *sites* de perguntas e respostas. Disponível em: <https://stackexchange.com/tour>. Acesso em: 26 de mar. de 2020.

TRIPADVISOR. Leia avaliações, compare os preços e reserve. Página inicial. *Site* de viagens. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br>. Acesso em: 30 de mar. de 2020.

TRIPADVISOR. Pousada Les3chambres. *Site* de viagens. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Hotel_Review-g187147-d3546914-Reviews-Les3chambres-Paris_Ile_de_France.html. Acesso em: 09 de abr. de 2020.

WEB. *In*: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. Lisboa: Priberam, 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/web>. Acesso em: 02 abr. 2020.

WORDPRESS. Crie um site ou blog gratuito. Sistema livre de gestão de conteúdo para internet. Disponível em: <https://wordpress.com/pt-br/>. Acesso em: 12 ago 2021.

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (DOCENTES)

Docentes de Artes Visuais (Ensino Médio Integrado e Anos Iniciais)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CPPI



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada *ORGANIZAÇÃO E USOS DO ESPAÇO DA SALA DE ARTES*. Esta pesquisa diz respeito a uma dissertação de mestrado pertencente ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Colégio Pedro II.

O objetivo desta pesquisa é analisar o espaço físico que serve às aulas de Artes Visuais, no Ensino Médio Integrado e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, reconhecendo quais as necessidades dos professores que dele se utilizam a fim de identificar, elaborar e compartilhar estratégias de estruturação e organização de salas-ambiente para essa disciplina. Pretendemos, portanto, elaborar um manual que socialize orientações de adequação desse recinto específico de aprendizagem ao ensino de Artes Visuais. Tal produto educacional poderá contemplar a ambos os segmentos e modalidades de ensino.

Sua participação consistirá em responder a um questionário e conceder, se necessário, uma entrevista acerca da memória institucional desse recinto no seu *campus*. Com os questionários, procuramos saber que dificuldades que você enfrenta ou já enfrentou relativas à organização e usos do espaço disponível para as suas aulas, as estratégias que você desenvolveu para conseguir superar essas dificuldades e as mudanças que deseja realizar para melhoria desse espaço. Você levará entre 10 e 20 minutos para responder a esse questionário

Também analisaremos, pessoalmente, o(s) ambiente(s) onde suas aulas são realizadas registrando, por meio de notas escritas e fotografias, dados para a pesquisa. As visitas serão agendadas conforme a disponibilidade da pesquisadora e dos participantes.

Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, isto é, os participantes da pesquisa poderão se sentir envergonhados ou desconfortáveis já que se pretende, com os questionários, entrevistas e análises *in loco*, identificar problemas estruturais e organizacionais de seu ambiente de trabalho. Este desconforto, no entanto, será atenuado. Você poderá interromper o questionário e retomá-lo se e quando julgar melhor, assim como poderá optar por não responder algumas questões.

Os resultados da pesquisa não trarão benefícios imediatos e diretos a você. Contudo sua colaboração orientará o desenvolvimento de um produto educacional que, além de dar visibilidade às salas de Artes Visuais na sua instituição, poderá contribuir com soluções a serem aplicadas na prática organizacional desse espaço em sua escola e em outros espaços de ensino, facilitando a manutenção de um ambiente acolhedor, prático e facilitador da aprendizagem para esta disciplina. Tal produto, dessa maneira poderá servir como ferramenta para docentes de Artes Visuais, ou de áreas afins, que atuem na Educação Profissional e Tecnológica e no ensino regular.

Os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Garantimos que a sua privacidade será respeitada e o seu nome ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o (a) identificar, será mantida em sigilo. O (a) pesquisador (a) responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

A sua participação neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa você não sofrerá qualquer prejuízo.

A participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido a sua participação no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.

Você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e outra ficará com a pesquisadora. Caso você concorde em participar, escolha essa opção no questionário. A pesquisadora garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso à pesquisadora Ingrid Marie de Moraes pelo telefone (21) 99702-9318 ou pelo e-mail ingridmmoraes@cp2.g12.br. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CPPI), situado no Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B — São Cristóvão — Rio de Janeiro, CEP 29921-903, pelo telefone: 21 3891-0020 ou pelo e-mail: cep@cp2.g12.br

*1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Após ler o documento Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinale aqui sua decisão.

Para baixá-lo, no seu computador ou celular, acesse o link: [Termo de Consentimento Livre e Esclarecido](#).

Eu li e concordo em participar da pesquisa. Desejo prosseguir e responder o questionário.

Não quero participar.

Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B — São Cristóvão — Rio de Janeiro, CEP 29921-903 TEL: 21 3891-0020 — Email: cep@cp2.g12.br – Site: <http://www.cp2.g12.br/blog/cepepii/>

APÊNDICE B TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (SERVIDORES)

Servidores



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CPPII



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada *ORGANIZAÇÃO E USOS DO ESPAÇO DA SALA DE ARTES*. Esta pesquisa diz respeito a uma dissertação de mestrado pertencente ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Colégio Pedro II.

O objetivo desta pesquisa é analisar o espaço físico que serve às aulas de Artes Visuais, no Ensino Médio Integrado e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, reconhecendo quais as necessidades dos professores que dele se utilizam a fim de identificar, elaborar e compartilhar estratégias de estruturação e organização de salas-ambiente para essa disciplina. Pretendemos, portanto, elaborar um manual que socialize orientações de adequação desse recinto específico de aprendizagem ao ensino de Artes Visuais. Tal produto educacional poderá contemplar a ambos os segmentos e modalidades de ensino.

Sua participação consistirá em responder a uma entrevista acerca da memória institucional desse recinto no seu *campus*.

Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo, isto é, os participantes da pesquisa poderão se sentir envergonhados ou desconfortáveis ao responder às perguntas das entrevistas. Este desconforto, no entanto, será atenuado. Você poderá interromper a entrevista e retomá-la se e quando julgar melhor, assim como poderá optar por não responder algumas questões.

Os resultados da pesquisa não trarão benefícios imediatos e diretos a você. Contudo sua colaboração orientará o desenvolvimento de um produto educacional que, além de dar visibilidade às salas de Artes Visuais na sua instituição, poderá contribuir com soluções a serem aplicadas na prática organizacional desse espaço em sua escola e em outros espaços de ensino, facilitando a manutenção de um ambiente acolhedor, prático e facilitador da aprendizagem para esta disciplina. Tal produto, dessa maneira poderá servir como ferramenta para docentes de Artes Visuais, ou de áreas afins, que atuem na Educação Profissional e Tecnológica e no ensino regular.

Os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Garantimos que a sua privacidade será respeitada e o seu nome ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o (a) identificar, será mantida em sigilo. O (a) pesquisador (a) responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

A sua participação neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa você não sofrerá qualquer prejuízo.

A participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido a sua participação no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.

Você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e outra ficará com a pesquisadora. Caso você concorde em participar, escolha essa opção a seguir. A pesquisadora garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso à pesquisadora Ingrid Marie de Moraes pelo telefone (21) 99702-9318 ou pelo e-mail ingridmmoraes@cp2.g12.br. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CPPII), situado no Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B — São Cristóvão — Rio de Janeiro, CEP 29921-903, pelo telefone: 21 3891-0020 ou pelo e-mail: cep@cp2.g12.br

*1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Após ler o documento Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinale aqui sua decisão.

Para baixá-lo, no seu computador ou celular, acesse o link: [Termo de Consentimento Livre e Esclarecido](#).

Eu li e concordo em participar da pesquisa por meio de entrevista.

Não quero participar.

Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B — São Cristóvão — Rio de Janeiro, CEP 29921-903 TEL: 21 3891-0020 — Email: cep@cp2.g12.br — Site: <http://www.cp2.g12.br/blog/cepcpii/>

**APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO PARA DOCENTES DE ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

2. Nome: _____ 3. Idade: _____

4. Apelido a ser usado na pesquisa: _____ 5 E-mail: _____

6. Nível de Formação:

() Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado

7. Curso (Licenciatura) e instituição de formação: _____

Ano de conclusão: _____

8. Curso (outro): e instituição de formação: _____

Ano de conclusão: _____

9. Pós-graduação

Especialização : _____ Área: _____

Instituição: _____

Ano de conclusão ou previsão de conclusão: _____

Mestrado: _____ Área: _____

Instituição: _____

Ano de conclusão ou previsão de conclusão: _____

Doutorado: _____ Área: _____

Instituição: _____

Ano de conclusão ou previsão de conclusão: _____

Pós-doutorado : _____ Área: _____

Instituição: _____

Ano de conclusão ou previsão de conclusão: _____

Responda às perguntas considerando sua prática em Artes Visuais com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental:

10. Há quanto tempo você trabalha no CPEI? _____

11. Há quanto tempo você atua nos Anos Iniciais? _____

12. Para que séries você dá aula? _____

13. Quantas turmas de Anos Iniciais você atende? _____

14. Há alguma sala de Artes no seu campus? () Sim. () Não.

15. No caso de resposta afirmativa, informe quantas salas há? _____

16. Descreva como é/são a(s) sua(s) sala: _____

17. Desde a sua chegada ao *campus*, ela(s) existia(m)? () Sim. () Não.

18. Você está familiarizado com o histórico dessa(s) sala(s) no seu *campus* ou conhece alguém que esteja?

19. Quem? _____

20. A(s) sala(s) mudou/mudaram ao longo dos anos? De que forma? _____

21. Você utiliza sala(s) de Artes com que frequência com sua(s) turma(s)?

() Toda aula () Quinzenalmente

() Nunca uso. () Outro: _____

22. A que você atribui tal frequência de uso da sala? _____

23. Você considera que o ambiente influencia a aprendizagem dos estudantes?

() Sim, com certeza. () Não. () Sim, mas não é determinante. () Não sei opinar.

24. Você, sua equipe de disciplina e/ou direção locais já desenvolveram estratégias para solucionar dificuldades de adequação desse recinto?

Quais? _____

25. Qual foi o resultado? _____

26. Você está satisfeito(a) com as atuais condições do espaço físico disponível para suas aulas?

Sim. Parcialmente. Não.

27. Por quê?

28. Você organiza periodicamente sua sala? Pode-se assinalar e completar mais de uma opção.

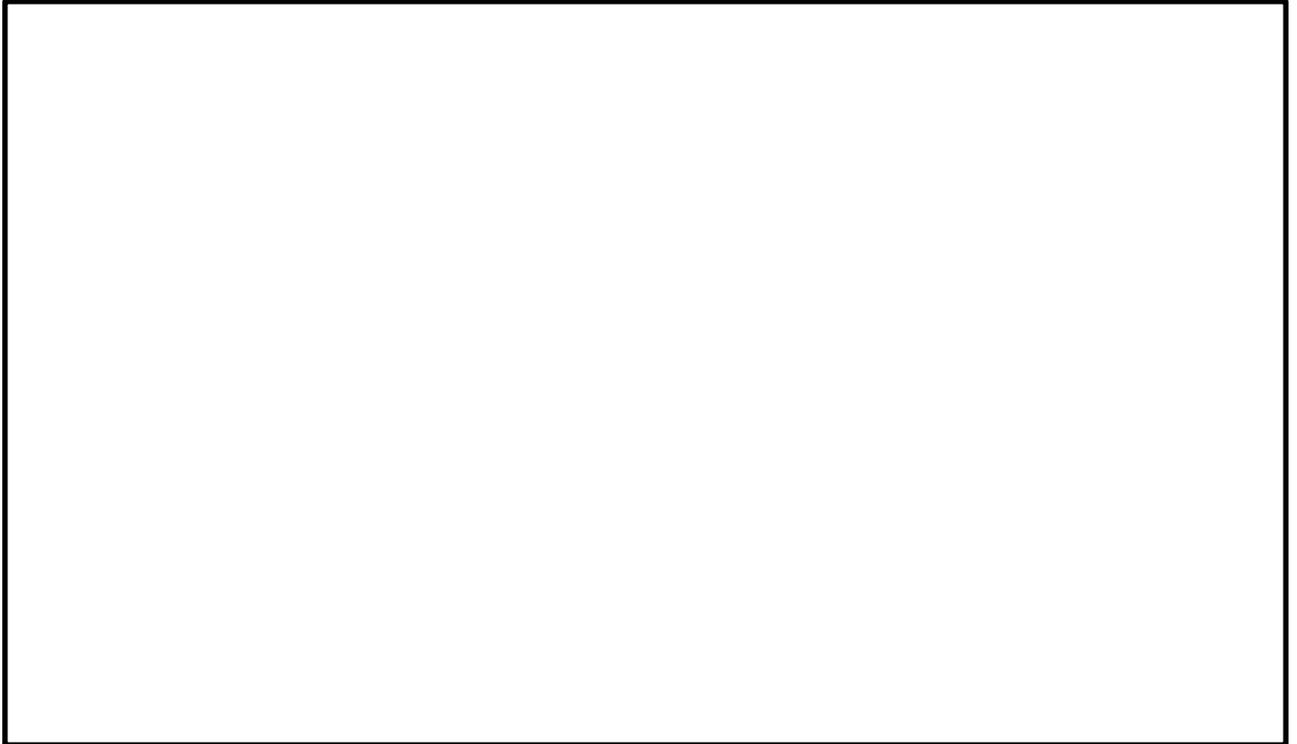
- Sim, costumo organizar a sala antes das aulas.
- Sim, costumo organizar a sala durante as aulas.
- Sim, costumo organizar a sala após as aulas.
- Organizo apenas quando percebo que é necessário.
- Não, não organizo a sala periodicamente.

29. Diga quanto tempo usa para isso: _____

30. Os alunos ou o restante da sua equipe de professores de Artes do campus também participam da organização da sala? Em qual momento e de que forma?

31. Como deveria ser a sua sala? Responda por meio de texto: _____

32. E/ou responda por meio de imagem:



33. Você considera necessário haver salas-ambiente específicas, equipadas, para aulas de Artes Visuais nos Anos Iniciais? Por quê?

34. Você acha que dinâmicas de organização da sala de Artes nos Anos Iniciais podem contribuir de alguma forma com práticas o ambiente dessa disciplina no Ensino Médio? Por quê?

35. Você acha que um manual sobre organização de salas de Artes seria útil para você e outros professores da disciplina? O que deveria conter nesse manual?

**APÊNDICE D QUESTIONÁRIO PARA DOCENTES DE ENSINO MÉDIO
INTEGRADO**

2. Nome: _____ 3. Idade: _____

4. Apelido a ser usado na pesquisa: _____ 5 E-mail: _____

6. Nível de Formação:

() Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado

7. Curso (Licenciatura) e instituição de formação: _____

Ano de conclusão: _____

8. Curso (outro): e instituição de formação: _____

Ano de conclusão: _____

9. Pós-graduação

Especialização : _____ Área: _____

Instituição: _____

Ano de conclusão ou previsão de conclusão: _____

Mestrado: _____ Área: _____

Instituição: _____

Ano de conclusão ou previsão de conclusão: _____

Doutorado: _____ Área: _____

Instituição: _____

Ano de conclusão ou previsão de conclusão: _____

Pós-doutorado : _____ Área: _____

Instituição: _____

Ano de conclusão ou previsão de conclusão: _____

Responda às perguntas considerando sua prática em Artes Visuais com o Ensino Médio Integrado (EMI):

10. Há quanto tempo você trabalha no CPII? _____
11. Há quanto tempo você atua no Ensino Médio Integrado (EMI)? _____
12. Em que curso(s) de EMI dá aulas: _____
13. Quantas turmas de EMI você atende? _____
14. Há alguma sala de Artes no seu campus? () Sim. () Não.
15. No caso de resposta afirmativa, informe quantas salas há? _____
16. Descreva como é/são a(s) sua(s) sala(s): _____

17. Desde a sua chegada ao *campus*, ela(s) existia(m)? () Sim. () Não.
18. Você está familiarizado com o histórico dessa(s) sala(s) no seu *campus* ou conhece alguém que esteja?
19. Quem? _____
20. A(s) sala(s) mudou/mudaram ao longo dos anos? De que forma? _____

21. Você utiliza sala(s) de Artes com que frequência com sua(s) turma(s)?
() Toda aula () Quinzenalmente
() Nunca uso. () Outro: _____
22. A que você atribui tal frequência de uso da sala? _____

23. Você considera que o ambiente influencia a aprendizagem dos estudantes?
() Sim, com certeza. () Não. () Sim, mas não é determinante. () Não sei opinar.
24. Você, sua equipe de disciplina e direção locais já desenvolveram estratégias para solucionar dificuldades de adequação desse recinto? Quais?

25. Qual foi o resultado? _____

26. Você está satisfeito(a) com as atuais condições do espaço físico disponível para suas aulas?

Sim. Parcialmente. Não.

27. Por quê? _____

28. Você organiza periodicamente sua sala? Pode-se assinalar e completar mais de uma opção.

Sim, costumo organizar a sala antes das aulas.

Sim, costumo organizar a sala durante as aulas.

Sim, costumo organizar a sala após as aulas.

Organizo apenas quando percebo que é necessário.

Não, não organizo a sala periodicamente.

29. Diga quanto tempo usa para isso: _____

30. Os alunos ou o restante da sua equipe de professores de Artes do campus também participam da organização da sala? Em qual momento e de que forma?

31. Como deveria ser a sua sala? Responda por meio de texto:

32. e/ou imagem

33. Você considera necessário haver salas-ambiente específicas, equipadas, para aulas de Artes Visuais no EMI?

34. Você acha que dinâmicas de organização da sala de Artes nos Anos Iniciais

podem contribuir de alguma forma com práticas para o ambiente dessa disciplina no EMI? Por quê?

35. Você acha que um manual sobre organização de salas de Artes seria útil para você e outros professores da disciplina? O que deveria conter nesse manual?

APÊNDICE E ROTEIRO DE ENTREVISTA COM SERVIDORES QUE DETÉM INFORMAÇÕES SOBRE O HISTÓRICO DE SALA DE ARTES NO CPII

1. Quantas salas de Artes existem atualmente no *campus*?
2. É do seu conhecimento se, quando foi criado o *campus*, estavam previstas salas de Artes para sua estrutura física?
3. No caso de resposta negativa, quando esses ambientes foram concebidos? De onde partiu essa demanda? Qual o contexto de seu surgimento?
4. O Departamento de Desenho e Artes Visuais colaborou de alguma maneira com o projeto arquitetônico das salas? Em detalhes?
5. Desde os seus primeiros anos de existência, o CPII conta com o conteúdo de Artes em seu currículo. Primeiramente, a partir de práticas voltadas para o desenho técnico e o desenho de observação. Posteriormente, com o ensino de trabalhos manuais (a partir de 1943). É do seu conhecimento se, na seção, existiam ateliês ou salas exclusivas para práticas artísticas durante esse período?
6. Quando o CPII se transformou, oficialmente, em uma instituição departamental?
7. Quais os departamentos mais antigos na instituição?
8. Que departamentos surgiram ao longo dos anos? O que determinou a criação de novos departamentos?
9. Qual o contexto de criação do departamento de Desenho e Educação Artística? Como se deu a aproximação entre essas duas áreas de conhecimento?

APÊNDICE F: QUESTIONÁRIO AVALIATIVO DO PRODUTO EDUCACIONAL CONFECCIONADO

1) Como você avalia o produto educacional desenvolvido?

Muito bom Bom Regular Ruim Não sei responder

2) Você acredita que esse manual pode auxiliar professores a encontrarem soluções a serem aplicadas na prática organizacional da sala utilizada pela disciplina Artes Visuais?

Sim. Talvez Não.

Justifique:

3) Você considera que esse manual possibilitou trocas entre o Ensino Médio Integrado e Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

Sim. Não. Não sei.

Em caso de resposta positiva, essas trocas acrescentaram alguma informação pertinente à sua prática organizacional de sala de aula? Sim. Não.

4) Você acredita que este produto pode ser útil a professores de Artes Visuais dentro e fora do CPII?

Sim. Talvez Não. Não sei.

5) Você julga a linguagem empregada no produto como adequada ao público de professores?

Sim Não.

6) Como você avalia o formato do produto, um guia prático para organização de salas de Artes?

Muito bom Bom Regular Ruim Não sei responder

7) Você gostaria de dar alguma sugestão para a confecção da versão final do produto ou fazer algum comentário?